Allan Percy
e Prof. Leonardo Díaz

Pepe Mujica

Simplesmente humano

Allan Percy
e Prof. Leonardo Díaz

Pepe Mujica

Simplesmente humano

SEXTANTE

Título original: *Mujica – Sencillamente Humano*

tradução
Marcelo Barbão

preparo de originais
Rafaella Lemos

revisão
Juliana Souza, Luis Américo Costa e Tereza da Rocha

projeto gráfico e diagramação
DTPhoenix Editorial

capa
Miriam Lerner

imagem de capa
Fernando Lavoz/Demotix/Corbis/Latinstock

adaptação para eBook
Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P485p Percy, Allan
Pepe Mujica [recurso eletrônico] / Allan Percy, Leonardo Díaz [tradução de Marcelo Barbão]; Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
recurso digital

Tradução de: Mujica: sencillamente humano
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-431-0199-6 (recurso eletrônico)

1. Cordano, José Alberto Mujica, 1935-. 2. Uruguai - Presidentes - Biografia. 3. Uruguai - História - Séc. XXI. 4. Livros eletrônicos. I. Díaz, Leonardo. II. Título.

15-20277 CDD: 989.505
CDU: 94(899)

GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br
www.sextante.com.br

Prólogo: um herói dos dias atuais

O poeta Pablo Neruda chamou suas memórias de *Confesso que vivi*. Se José Mujica redigisse as dele, poderia usar o mesmo título, incluindo um "intensamente" no final, apesar de ser pouco provável que algum dia ele se entregue à tarefa de escrever sobre si mesmo. Primeiro porque outros já se encarregaram disso, fazendo dele o político uruguaio com mais biografias. Em segundo lugar porque Mujica nunca se levou a sério a ponto de se preocupar em ficar justificado perante a história.

Além disso, sendo conversador, extrovertido e acessível, já não existem muitas perguntas sem resposta sobre sua vida, sua obra e seu pensamento. As bibliotecas e a internet estão repletas de reportagens sobre ele, discursos seus e suas famosas frases filosóficas, fora de tom ou de brutal sinceridade.

Há alguns anos, quando Mujica foi eleito presidente, o mundo conheceu um político diferente. O novo chefe do governo vivia com muito pouco, dizia o que pensava e se expressava mais como um filósofo do que como um ex-guerrilheiro que se tornou político. Jornalistas do mundo todo visitaram sua humilde residência e sua fama mundial fez com que muitos descobrissem um país chamado Uruguai. Mas os uruguaios já o conheciam havia muito tempo, pois sua figura esteve associada à história viva desse país nos últimos sessenta anos.

"Confesso que vivi intensamente", poderia dizer Mujica, porque desde muito jovem ele se envolveu com vigor no ativismo político de um partido tradicional; porque viveu a década de 1960 na trincheira revolucionária dos que queriam mudar o mundo; porque passou os anos 1970 nos mais obscuros porões da ditadura; porque renasceu nos anos 1980, na primavera da democracia; porque na década de 1990 participou do crescimento e do triunfo da esquerda; porque se tornou presidente do Uruguai.

Não é à toa que essa história de vida tão notável costuma ser comparada com a de Nelson Mandela. Trata-se de dois mensageiros responsáveis por palavras de reconciliação cheias de sabedoria e que sobreviveram à tortura e à prisão. Mas o próprio Mujica se encarregou de descer do pedestal em seu estilo bem-humorado e coloquial: "Mandela está em outro nível. Ele ficou 28 anos em cana. Eu fiquei apenas 14." Ele é simplesmente *o Pepe*, um rapaz de bairro, com as virtudes e os defeitos de seu povo. O único título que aceita é o de lutador social, que combina com sua imagem de agricultor rústico, desalinhado e resistente às gravatas, que o transformou em *Zé Povinho*, como foi definido com sarcasmo por seu amigo Fernández Huidobro. Mas essa aparência tosca esconde um "animal político" muito hábil que sabe claramente aonde quer chegar – embora esconda isso muito bem – e não teme os desafios do poder.

Certa vez disse que é um "torrão de terra com pernas" para mostrar seu amor pelas coisas do campo. Mas essa imagem também retrata um homem com os pés no chão, muito longe da ideia do presidente filósofo que vive com a cabeça nas nuvens. Sua trajetória é a de um político que não perde de vista a realidade e que age com pragmatismo porque "as coisas são

como são”.

Sua linguagem simples e direta, popular com a dose de demagogia e teatralidade de um grande comunicador, esconde mais do que mostra. Suas tiradas não são as de um Sancho Pança superficial e irreflexivo. Seus aforismos e frases contundentes são feitos para alcançar o grande público, mas tudo o que sabe – o que, de acordo com Mujica, é muito pouco – ele sabe bem, porque é fruto de anos de reflexão.

Uma das coisas que aprendeu foi a importância de dizer a verdade, “pois, no final, é o mais cômodo na vida. É preciso ver as coisas como são”. Isso é praticamente uma heresia política num contexto em que parecer é mais importante do que ser. Ele não teve problemas em seguir o caminho de reconhecer os próprios erros, fracassos e “pisadas na bola”.

Mujica chegou ao último ano de seu mandato com altos índices de popularidade, resultados econômicos e sociais elogiados no mundo todo e medidas pontuais, como a legalização da maconha, que entrarão para a história. Fez isso conjugando duas realidades antagônicas: uma concepção ideológica e um estilo de vida anarquistas associados ao cargo de presidente, posição que concentra o poder maior do Estado. Muitas vezes esse encaixe não deu certo, o que fez com que sua gestão tenha ficado salpicada de avanços e retrocessos que desgastaram seu governo. Mas outras vezes – muitas – a leveza daquele que acredita que o “agente da mudança são vocês, povo querido” trouxe um ar fresco que oxigenou o ambiente tão viciado da política.

Quem conhece a intensa e longa vida de Mujica pode descobrir grandes diferenças em relação ao seu modo de pensar e de agir. Mas é difícil deixar de admirar sua capacidade de se levantar várias vezes e se reinventar de acordo com os ares de cada época. Essa não é a figura do político ou executivo eterno que se alimenta de poder e vive sentado em um trono. É a de um jovem octogenário cujo principal projeto para o final da vida é adotar “30 ou 40 guris”, filhos que nunca teve porque “estava ocupado demais tentando mudar o mundo”.

PARTE I

UMA VIDA COM SENTIDO

Um rapaz de bairro

As biografias de personagens ilustres costumam ressaltar experiências de seus primeiros anos que tenham marcado sua personalidade ou expliquem suas trajetórias singulares. O jovem Che foi apelidado de "o Louco", e esse espírito aventureiro e quixotesco foi a marca que o acompanhou até os últimos dias de sua vida; o caráter irascível e dominador com que Steve Jobs dirigiu suas empresas já estava presente em sua infância marcada pelo trauma de ter sido abandonado pelos pais biológicos; o ex-presidente Lula recordava com tristeza que não tivera infância, e sua primeira medida de governo foi implementar o programa Fome Zero, destinado especialmente às crianças mais pobres.

O caso de Mujica é diferente. As diversas biografias sobre ele dedicam poucas páginas a sua infância e sua primeira juventude, sem destacar fatos determinantes que tenham definido seu modo particular de ser. Isso se deve fundamentalmente ao próprio Mujica, que se opõe a qualquer discurso elogioso que pretenda convertê-lo em um ser especial. Ele é uma pessoa comum e se define como "um rapaz de bairro".

O bairro de que fala se chama Paso de la Arena e está localizado na periferia de Montevidéu. Nos anos 1930, ficava a meio caminho entre a cidade e o campo. Era um lugar onde as crianças jogavam futebol nas ruas de terra e as pessoas não precisavam trancar as portas de casa. Seus habitantes levavam uma vida de cidade pequena e muitos, como seus pais, eram camponeses que tinham migrado para a cidade em busca de melhores condições de vida. Para os vizinhos e amigos que manteve por toda a vida, José Mujica era o Pepe.

Montevidéu já era uma cidade grande e concentrava mais de 50% da população do país. Mas no bairro todos se conheciam, e não era difícil cruzar com alguma autoridade importante na rua, como o próprio presidente da República, que comprava flores na banca da mãe de Mujica. Ele lembra que, quando era um jovem militante político, teve uma discussão que quase terminou em briga com um vizinho chamado Luis Lacalle. Ao contrário do plebeu Mujica, Lacalle pertencia à elite uruguaia e era neto do lendário caudilho Luis Alberto de Herrera. Cinquenta anos depois, os dois adversários se enfrentaram novamente para disputar as eleições presidenciais do Uruguai.

Mujica nunca se afastou muito desse pequeno país. Em 1985, quando foi libertado da prisão, voltou a se instalar na casa da mãe e pouco depois foi morar em uma pequena chácara próxima, La Puebla, em Rincón del Cerro, que acabou se tornando a residência do presidente da República. A legião de jornalistas de todo o mundo que visita essa casa desde 2010

sempre encontra algum amigo do bairro disposto a contar uma história sobre esse rapaz de quase 80 anos. Ele se casou "de papel passado" com Lucía Topolansky, e os padrinhos são dois amigos que foram seus vizinhos durante toda a vida.

Filho do Uruguai

Em sua família, a política era um assunto constante, e Mujica se nutriu desde pequeno das discussões à mesa, em que debatiam *blancos* contra *colorados*, defensores dos dois partidos dominantes da cena política da época. Durante sua infância, o Uruguai havia entrado em um período de decadência econômica e em uma espiral de governos *de facto* que abalaram a estabilidade institucional característica do país. Não era mais o Uruguai descrito por Eduardo Galeano, que "no começo do século não tinha analfabetos e contava com a legislação social mais progressista do mundo". O país das medalhas olímpicas e do *Maracanazo* tinha ficado parado no tempo, relembrando glórias passadas. Nas palavras de Mujica:

> Eu pertenço a um pequeno país que, nos anos 1920 e 1930, tinha a renda per capita equivalente à da França ou da Bélgica, que chegaram a chamar de "a Suíça da América". Esse não foi o país que conheci. Foi o lugar que estava morrendo quando eu nasci. (2013)

Como 90% dos uruguaios, os ancestrais de Mujica eram imigrantes. Por parte de mãe, italianos do Piemonte que se instalaram em uma colônia na localidade de Carmelo para prosperar na indústria vinícola. Seu avô, de gênio forte e empreendedor, era ligado à política pelo Partido Blanco – ou Partido Nacional – e chegou a ser reeleito várias vezes vereador. Esse temperamento enérgico foi herdado por sua mãe, Lucía Cordano, que, segundo o próprio filho, era "uma velha forte e trabalhadora", militante do mesmo partido do pai no bairro.

Do outro lado, seu pai, Demetrio Mujica, de ascendência basca, era filho de latifundiário e nunca teve os hábitos de trabalho da família de sua mãe. O avô paterno de Mujica era um camelô que mudou de vida quando se casou com a herdeira de um latifundiário. Demetrio, criado como um "filhinho de papai", não tinha o costume de pegar no pesado e foi incapaz de manter o que herdou. Pouco depois de se casar, já estava falido e terminou seus dias como funcionário público. Segundo contam, ele faleceu aos 48 anos, de sífilis, por causa da vida desregrada que levava.

As duas famílias representam as duas formas de ser dos uruguaios. A de seu pai é a cultura do "Uruguai fácil", que vive de renda ou às custas do Estado. Muitos se queixam de que os uruguaios *não gostam de trabalhar* e estão mais confortáveis com a burocracia e o tráfico de influência no Estado.

Por outro lado, a família Cordano é formada por imigrantes que chegaram ao país com uma mão na frente e outra atrás e fizeram a vida na América, com a cultura do trabalho e do sacrifício.

> [No Uruguai] somos meio vagabundos, não gostamos muito de trabalhar. (…) Ninguém

morre por excesso de trabalho.

Lucía Cordano, uma mãe coragem

Na biografia escrita por Walter Pernas, há uma foto do jovem Mujica sorridente com uma dedicatória que mostra a relação especial que sempre manteve com a mãe.

> Serei tudo ou serei nada, mas é meu lema lutar para ingressar nas fileiras dos que sabem triunfar e realizar as aspirações da minha pátria e da minha mãe. (1949)

Desde a morte do marido, Lucy, como era carinhosamente chamada, teve que cuidar sozinha de duas crianças: Pepe, de 7 anos, e sua irmãzinha María Eudoxia, que nasceu com uma doença mental. Ela era uma mulher robusta, de gênio forte, que não hesitava quando tinha que repreender os filhos. Esperou 15 anos para receber a pensão do marido, mas conseguiu sustentar a família trabalhando em sua chácara.

Nessa pequena propriedade de 14 mil metros quadrados eram produzidos os alimentos para o consumo da família e as flores que ela vendia na cidade. Os Cordanos haviam aprendido a cultivar flores com uns vizinhos japoneses, fugidos da guerra, que moravam em uma colônia próxima. Todas as manhãs Lucy carregava pesados ramalhetes de copos-de-leite para vender no Centro enquanto seus filhos ficavam aos cuidados de algum vizinho.

> Talvez eu tenha ficado um pouco traumatizado com a figura feminina. Uma figura feminina que pegava um saco de 50 quilos de Portland [cimento] e o colocava debaixo do braço. (2012)

Outra fonte de renda da família era o trabalho com vime: eles cortavam e preparavam os cestos para os garrafões da indústria do vinho. Na época da colheita, trabalhavam como boias-frias nas chácaras vizinhas. Foi um tempo de muito trabalho e, apesar de sempre terem tido pouco dinheiro, nunca passaram fome. A *Tana*, como era conhecida sua mãe, se desdobrava em mil para que nunca faltasse pão – que ela mesma amassava – e seu filho cumprisse as obrigações escolares.

> Vivíamos em um circuito de economia fechada. Minha mãe fazia pão caseiro e se virava para cozinhar qualquer coisa. Posso dizer que nunca passamos fome. Apesar disso, em alguns dias, para pegar o ônibus, eu tinha que pedir alguns centavos ao padeiro, que depois devolvia com o dinheiro que trazia da venda das flores. (2009)

Uma vez perguntaram a Mujica se sua infância havia sido feliz. Sem afirmar nem negar, ele respondeu que essa etapa da vida vem sempre contaminada pelo passar do tempo, que acaba adoçando as lembranças. Sua maior nostalgia é o tempo livre que esses meninos pobres do bairro tinham para brincar, apesar das exigências do trabalho e de viverem tão apertados

financeiramente.

Ele frequentava uma escola que ficava ao lado de sua casa e nunca faltava às aulas. Sua mãe era muito rígida em relação aos estudos. A educação era prioridade. Essa ideia estava muito presente na cultura da sociedade uruguaia, que já no início do século XX era a mais alfabetizada da América Latina. Os pais valorizavam muito a educação de seus filhos. Ter um “filho doutor” não servia apenas para satisfazer um desejo de status e segurança econômica. Para uma mãe como Lucy, também era motivo de orgulho especial.

Essa aspiração se frustrou quando Mujica abandonou a universidade, mas sua mãe sempre manteve uma fé inquebrantável no futuro do filho. Nos momentos mais terríveis de sua vida, quando esteve preso e incomunicável, sendo muito atacado pela opinião pública, Lucy assegurava aos vizinhos que aquele rapaz se tornaria presidente da República. Quando algum jornalista comenta como essa premonição foi visionária, Mujica costuma responder: “Ela fez previsões incríveis para o meu futuro, como todas as mães, e, ao que parece, não errou.”

Lucy foi um apoio crucial durante toda a sua vida e lhe ensinou algumas lições fundamentais. Com a mãe, Mujica aprendeu o ofício de agricultor, que retomou ao sair da prisão e é a profissão que consta em seu currículo de presidente. Mas, sobretudo, ela lhe transmitiu uma força de vontade inabalável, para que ele nunca hesitasse diante das adversidades. Esse espírito o ajudou a superar as difíceis provações pelas quais teve que passar em sua vida.

> O homem é um animal forte. Pode cair duas, cinco vezes e tornar a se levantar. Não é um fracasso. O único fracasso é a morte. (2012)

Jovem libertário

Mas nem tudo era militância e estudo. Em um país com grande tradição no futebol, as crianças aprendiam a jogar nos campinhos com bolas de pano e traves improvisadas com tijolos. Aí residia o milagre futebolístico desse pequeno país, que já tinha dois campeonatos mundiais e uma medalha olímpica. O futebol foi uma paixão da infância que Mujica abandonou na adolescência para se dedicar integralmente ao ciclismo. Dos 13 aos 17 anos, ele praticou esse difícil esporte, que o obrigava a madrugar e graças ao qual percorreu grande parte das estradas uruguaias. A bicicleta tinha se popularizado pelos sucessos internacionais de Atilio François, uma lenda no Uruguai, que durante anos representou o clube de ciclismo de Carmelo, a cidade de seu avô.

Pepe alcançou alguns êxitos e chegou a competir na categoria principal, apesar de ser muito jovem. Sua primeira corrida nessa divisão foi a última de que Atilio participou. Mas sua promissora trajetória como ciclista foi interrompida por uma lesão no joelho que o manteve parado por vários meses. Durante a convalescença, Mujica conheceu sua primeira namorada, que “mudou seu foco”. E, segundo confessa, o amor terminou afastando-o das estradas.

Romântico e extrovertido, Mujica nunca teve problemas para se relacionar com as mulheres. Dizem que em sua vida teve quatro grandes amores, inclusive sua atual esposa. Mas

poucas vezes ele comenta suas experiências amorosas. Quando fala das mulheres, costuma lembrar a história de sua mãe e de outras que, como ela, padeceram a discriminação e as injustiças de uma sociedade patriarcal.

> É preciso lutar contra a herança do nosso machismo crônico, agressivo, impositivo, dominador, que frequentemente se expressa em todos os nossos costumes e germina no seio de nossa educação, naquilo que ensinamos aos nossos filhos. (2010)

Quando fala de sua adolescência, seus olhos brilham ao lembrar as primeiras aventuras amorosas e a vida de estudante. Frequentou o Liceo Bauzá, um colégio tradicional de Montevidéu. Adorava história, literatura, física e química; e odiava matemática e língua espanhola. Nunca poderia ter imaginado que, muitos anos depois, a leitura dos livros de química o salvaria da loucura na prisão.

O presidente filósofo, como alguns gostam de chamá-lo, não teve tempo nem vontade de seguir uma vida intelectual. No entanto, sempre surpreende com alguma reflexão ou citação filosófica que demonstra que esse rústico agricultor sabe mais do que aparenta. O livro de Mario Mazzeo, *Charlando con Pepe Mujica* (Conversando com Pepe Mujica), mostra um Mujica inédito que realiza um amplo percurso intelectual no qual disseca fatos históricos, pensadores e críticas filosóficas.

Seu interesse por história, principalmente a da América Latina, despertou na juventude. No liceu, ele ganhou uma competição estudantil com um trabalho sobre o libertador José Artigas. Mas foram sobretudo as mudanças da época e a militância política que o levaram a confrontar as ideias e interpretações do passado.

Na década de 1950, vivia-se um período conturbado por causa da crise econômica no Uruguai. Novas ideias surgiam na sociedade, e a escola não estava à margem dessas mudanças. Os estudantes passaram a se mobilizar com novas exigências, e Mujica militou em um sindicato estudantil de viés anarquista chamado Agrupación de Reforma Universitaria. As ideias anarquistas, muito arraigadas na sociedade uruguaia, são uma peça fundamental em seu ideário político e filosófico. Mais tarde, ele conheceu de perto as lutas do sindicato da carne, formado por anarquistas muito influentes na região de Paso de la Arena.

> No liceu, militei em uma agrupação libertária. Nosso lema era: "Que te demitam do trabalho por brigar, mas não por vagabundear." Os anarquistas modernos brigam para não trabalhar. (2012)

Durante essa formação eclética e livre, Mujica reconhece a influência do grupo de intelectuais da Forja (Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina). Esse grupo nacionalista, anti-imperialista e antioligárquico reivindicava os grandes feitos dos caudilhos populares insultados pela literatura liberal. O espírito das democracias primitivas dos caudilhos estava presente na facção herrerista do Partido Blanco, com o qual sempre simpatizou. Essa influência chegaria até a época de guerrilheiro tupamaro, quando adota o nome de guerra Facundo em homenagem ao caudilho gaúcho argentino.

O ambiente estudantil também estava tomado por saraus literários e conversas sobre temas filosóficos nos cafés. De vez em quando Mujica ia assistir a alguma palestra ou às aulas que o interessavam no departamento de Ciências Humanas. O curso do escritor espanhol José Bergamín deleitava os alunos, que aprenderam com sua experiência republicana antes de o general Franco obrigá-lo a se exilar. O contista uruguaio Paco Espínola era capaz de dedicar um ano inteiro à relação entre Cervantes e Homero, com as salas cheias de alunos boquiabertos.

> Foi a etapa mais intelectual da minha vida. Quase todos os dias lia durante quatro a cinco horas na biblioteca do departamento de Ciências Humanas, que era fenomenal. (2002)

A universidade, por outro lado, não o seduziu. Ao terminar os estudos no liceu, ele tentou a advocacia, que era uma carreira promissora para uma família por onde haviam passado muitos "doutores" dedicados à política. Mas logo percebeu que esse ambiente o asfixiava e abandonou o curso no primeiro ano. Terminou encontrando sua verdadeira vocação na atividade política e social, à qual se dedicou nos anos seguintes.

A passagem pela política

Em 1956, em uma reunião política na casa da mãe, Mujica conheceu o deputado Enrique Erro, um dirigente da facção herrerista do Partido Blanco que o cativou. Erro era um político reconhecido por sua honestidade e pela defesa dos valores nacionalistas e dos setores agrários, pelos quais Pepe sempre teve uma simpatia especial.

Em 1958, depois de cem anos de domínio colorado, os blancos ganharam as eleições, e Erro se tornou ministro do Trabalho. Mujica acompanhou Erro, por quem sempre sentiu grande admiração, e se tornou secretário-geral da Juventude do partido, chegando a ser candidato a vereador pelo município de Montevidéu. Um ano depois, começaram as divisões no governo. Erro se posicionou contra a adesão do Uruguai ao Fundo Monetário Internacional e encabeçou uma cruzada contra a corrupção do próprio governo de que fazia parte. Com pouco apoio interno, acabou tendo que renunciar ao cargo.

> Para mim, a política é a luta para que a maioria das pessoas tenha uma vida melhor. Viver melhor não é apenas ter mais: é ser feliz, e isso tem a ver com as carências materiais, mas também com outras coisas… (2013)

A partir desse momento, a posição política de Erro foi se radicalizando para a esquerda, em clara oposição aos partidos tradicionais. Nas eleições de 1962, Erro saiu do Partido Nacional e integrou uma frente com o Partido Socialista chamada União Popular. Durante oito anos de militância partidária, pôde conhecer os bastidores da política e se aproximar de outros dirigentes que estavam cada vez mais descontentes com a situação pela qual o país passava.

Apesar das ilusões despertadas pela União Popular, o resultado das eleições presidenciais de 1962 foi decepcionante. A aliança só obteve 2,3% dos votos, enquanto os dois partidos tradicionais dividiram mais de 90% dos sufrágios. Embora Erro tenha conseguido manter seu cargo de deputado, essa derrota evidenciava a dificuldade de uma alternativa ao bipartidarismo. Alguns começaram a duvidar da via eleitoral para impulsionar as mudanças e tirar os partidos tradicionais do poder.

Essas dúvidas eram alimentadas pelas transformações que estavam acontecendo no mundo. A polarização entre o leste socialista e o oeste capitalista incitava ao alinhamento dos países com um dos dois lados. E a opção socialista só era viável pela via revolucionária.

O fascínio pelo socialismo

Em 3 de maio de 1959, cinco meses depois de sua entrada vitoriosa em Havana, Fidel Castro chegou a Montevidéu. Nessa ocasião, afirmou: “Se os comunistas já tivessem dominado Cuba, eu ficaria morando no Uruguai.” Dois anos depois, se declararia comunista e o Uruguai romperia relações diplomáticas com Cuba. Mas o impacto de seus discursos para milhares de pessoas e o mito romântico dos jovens barbudos que tinham derrotado uma ditadura corrupta começavam a dividir as águas da sociedade uruguaia.

Em 1960, Mujica fez uma viagem a Cuba como representante da juventude do Partido Nacional para participar do Congresso das Juventudes pela Libertação da América Latina, organizado pela recente revolução triunfante. Em plena efervescência revolucionária, ele escutou pela primeira vez Che Guevara incitando os jovens “de idade, de caráter e de ilusões” a que aprendessem na “extraordinária universidade da experiência e do contato direto com o povo, com suas necessidades e seus anseios”. Essa era a universidade que Mujica queria. A partir desse momento, ele passaria a se dedicar a se tornar um “lutador social”.

> Meu primeiro pensamento de esquerda foi anarquista, isto é inquestionável. Depois fui encontrando mais racionalidade, uma explicação melhor, através de uma interpretação histórica mais marxista. Mas eu diria que era um marxista mais heterodoxo, menos enquadrado nas visões do Partido Comunista da época e do próprio Partido Socialista. Um marxista mais livre-pensador, menos escolástico. E sempre muito questionador, especialmente dos soviéticos – e também dos partidos comunistas. (2009)

O fascínio pelo socialismo iria se acentuar em uma segunda viagem, em que conhece a União Soviética, a Armênia e a China. Sempre lembra, com certa decepção, a história da camisa de náilon, de quando esteve na Rússia. Enquanto visitava uma fábrica, uns trabalhadores quiseram trocar ou comprar a camisa dele. Assombrado – porque, na verdade, era uma camisa de péssima qualidade –, percebeu que esses trabalhadores eram movidos por uma ânsia insatisfeita de consumo. Apesar de todos os anos de governo comunista, os soviéticos não tinham conseguido criar o homem novo que Marx reivindicava.

Depois das viagens que fiz nos anos 1960, adotei uma independência pessoal que poderia se resumir deste modo: uma grande afinidade com a revolução cubana e uma reticência com a União Soviética. (2005)

Da política à ação direta

Além das mudanças no contexto internacional, na década de 1960 o Uruguai atravessava uma crise econômica, e os conflitos sociais eram crescentes. As regras do jogo na rua exigiam alternativas diferentes das que eram oferecidas nos corredores do Parlamento. Pelo menos assim entendia Raúl Sendic, um dirigente socialista que tinha se dedicado à assessoria jurídica dos sindicatos agrários. Em 1962, ele havia participado das lutas sindicais dos açucareiros que estavam enfrentando a Cainsa, uma usina de capital norte-americano localizada no norte do Uruguai. Os trabalhadores levaram suas reivindicações a Montevidéu, onde conseguiram a solidariedade de diferentes grupos, sobretudo da esquerda. Mujica integrou de forma ativa esses grupos de apoio, em uma luta que se tornaria cada vez mais violenta.

Essa situação forjou uma relação entre os jovens dirigentes que se estenderia por décadas. Entre os participantes desses acontecimentos estavam Eleuterio Fernández Huidobro, Raúl Sendic e o próprio José Mujica, que, dez anos depois, integrariam o comando central do grupo guerrilheiro Tupamaros. Mas a preocupação mais urgente era conseguir apoio logístico para os trabalhadores açucareiros. Os facões já não eram suficientes – havia chegado o momento de pegar em armas.

Muitas vezes nossos sentimentos já decidiram o que depois a razão tenta justificar. (2005)

Assim nasce a operação Tiro Suíço, que é considerada o antecedente fundamental da guerrilha uruguaia. Essa operação consistiu no roubo de armas de fogo de um clube de tiro chamado Sociedade de Tiro Suíço de Nueva Helvecia. Embora o roubo tenha saído de acordo com o planejado e eles tenham conseguido pegar todo o material que pretendiam, algumas falhas logísticas colocaram a operação em risco. Alguém tinha percebido que os pneus da caminhonete talvez não resistissem ao peso da carga. No entanto, por impaciência e improvisação, não deram atenção a esse detalhe, e um pneu furado provocou uma capotagem espetacular.

Apesar de o grupo ter conseguido resgatar e esconder as armas, o acidente não passou despercebido. Poucos dias depois a polícia já estava atrás deles. A descoberta da incipiente subversão armada teve grande repercussão. Ocorreram as primeiras prisões e os nomes dos fugitivos – entre os quais estava o de Sendic – começaram a ser divulgados pela polícia. Enquanto isso, Mujica se movia ativamente entre os grupos de apoio que realizavam atos de solidariedade ou procuravam alojamentos clandestinos onde os fugitivos pudessem se esconder.

O nascimento dos tupamaros

O Tiro Suíço foi uma dentre tantas experiências que serviram para convencer esse grupo decidido de jovens a criar um foco guerrilheiro. A ideia se inspirava nas reflexões de Che Guevara sobre a experiência da revolução cubana. Para Che, Cuba era a prova de que nem sempre era necessário esperar as condições favoráveis para a revolução. Bastava que um grupo pequeno de insurgentes iniciasse ações de guerrilha no campo para que a revolução se expandisse e provocasse o levante das massas.

O problema do Uruguai, uma ampla planície de vegetação baixa, era que não tinha uma Sierra Maestra para proteger os combatentes. Um dos insurgentes mais entusiasmados, o engenheiro Jorge Manera, havia percorrido todo o país e chegara à conclusão de que a alternativa uruguaia era criar um foco urbano. Essa concepção, que podia ser considerada uma verdadeira heresia segundo o manual guerrilheiro de Che, foi aceita e passou a ser uma característica da *uruguaianidade* dos tupamaros.

No verão de 1966 foi realizada uma reunião clandestina no balneário El Pinar Norte, em que se estabeleceu a organização formal do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros e se definiram seus principais objetivos. O nome Tupamaros vem do modo pejorativo como as autoridades coloniais se referiam aos revolucionários independentistas de origem mulata ou indígena. O termo aludia à revolta do inca Túpac Amaru contra as autoridades coloniais do vice-reinado do Alto Peru. A reivindicação das lutas históricas e dos elementos próprios da cultura uruguaia foi uma constante nesse movimento.

No início, eles se dedicaram a pensar em uma estrutura organizacional que fosse capaz de acolher a diversidade de grupos e procedências ideológicas que tentavam conciliar. As opções iam desde a estrutura de um partido revolucionário clássico, com um comando centralizado e um programa rígido, até a de grupos autônomos horizontais e espontâneos de cunho anarquista. Finalmente, foi escolhida uma opção híbrida, uma “organização desorganizada”, com uma direção central e grupos que tinham ampla autonomia. Essa marca se manteve durante toda a trajetória dos tupamaros, que nunca chegaram a formar um exército disciplinado. Marenales comentou seu espírito gregário: “No MLN-T não há ninguém que mande. Nem Raúl Sendic. Este é um coletivo de verdade. Somos fanáticos pelo coletivismo.”

O núcleo de fundadores era formado principalmente pelos grupos vinculados a Raúl Sendic e ao socialismo. Outros setores, de procedência anarquista ou maoísta, desistiram de participar da “orga”, termo coloquial usado para se referir à organização. Mujica tinha abandonado a militância no Partido Blanco e havia se vinculado ao MIR, uma organização comunista maoísta. Ele foi um dos poucos integrantes do MIR a aderir à nova organização e se incorporou a uma célula em Montevidéu.

O “vício pela ação”, ou “acionismo”, foi outro sinal de identidade dos tupamaros que revela muito do espírito anarquista com o qual a organização foi concebida. Quase sem informação nem treinamento, os novos guerrilheiros saíam às ruas para realizar as ações mais arriscadas. Um mural de Montevidéu onde se lia “As palavras nos separam, a ação nos une” sintetizava essa perspectiva que compensava as deficiências organizacionais e as diferenças internas.

Mujica, como muitos outros, sofreu na própria carne as consequências desse voluntarismo improvisado. O objetivo dos primeiros tempos era que as células conseguissem equipamento, armas e dinheiro para realizar ações de maior envergadura. Em uma de suas primeiras ações, uma tentativa de "expropriar" uma empresa têxtil, ele foi capturado pela polícia e condenado a oito meses de prisão. Felizmente para a organização, não foi fichado como terrorista, mas apenas como delinquente comum. Para sua mãe, que desconhecia a vida dupla que o filho levava, foi um duro golpe.

A propaganda armada

Nos primeiros anos, os tupamaros realizaram ações de grande impacto midiático usando muito pouca violência. A audácia e o caráter espetacular dessas ações tinham objetivos propagandísticos e de denúncia, com o intuito de atrair o apoio da população. Por exemplo, justificavam as "expropriações forçadas" para conseguir recursos levando a público documentos comprometedores de empresas ou instituições financeiras que atuavam de forma ilegal. Outra ação típica era agir como Robin Hood, distribuindo mercadorias ou alimentos em bairros pobres. O trabalho político era prioridade em relação ao militar. Nas palavras de Mujica, "éramos políticos com armas".

A mensagem teve boa acolhida, sobretudo entre os jovens, que foram seduzidos pela ideia de se envolver em uma forma de luta romântica que questionava o modelo vigente. A popularidade dos tupamaros crescia junto com o descontentamento geral por causa da crise econômica e da inflação, que, em 1967, alcançou 136% ao ano, enquanto o salário real caía mais de 40%.

Mas o sucesso se converteu em problema, já que quanto maior ficava a "organização desorganizada", mais difícil era coordenar suas ações. Havia 220 membros no início e chegaram a ser mais de 5 mil em 1971. Esse crescimento quantitativo não correspondia à qualidade organizacional necessária para atuar em situações cada vez mais audaciosas e arriscadas.

Sem tempo suficiente para se formar adequadamente, com treinamento militar mínimo e graves problemas de coordenação, a organização Tupamaros padeceu a doença do sucesso que, mal administrado, "distorce a visão da realidade". Mujica se lembra de quando estava na prisão de Punta Carretas, em 1969: "Fizemos uma média de nossas idades e deu 21 anos. Éramos uma organização de moleques e estávamos pedindo a eles coisas que não podiam realizar, mas era o que a realidade exigia."

Enquanto isso, o governo tomava medidas de repressão cada vez mais rígidas para conter as reivindicações sociais. A reforma da Constituição em 1966 havia fortalecido o poder da Presidência, que, cada vez mais, recorria a medidas especiais de suspensão das garantias constitucionais. Isso estava em sintonia com o que acontecia no contexto latino-americano, onde começava a ser implementada a "Doutrina de Segurança Nacional".

Para essa doutrina promovida pelos Estados Unidos, a guerra entre o comunismo e o capitalismo acontecia no interior dos países. Portanto, era necessário que os exércitos interviessem diretamente, por serem as instituições mais eficazes para a guerra. Em meados

dos anos 1960, os militares do Brasil e da Argentina aplicaram esses ensinamentos em seus respectivos golpes de Estado contra as frágeis democracias dos presidentes Goulart e Illia. Enquanto a onda de governos autoritários se espalhava, a notícia da prisão e do posterior assassinato de Che Guevara na Bolívia foi um duro golpe para os revolucionários, mas também um exemplo de entrega total à causa.

> Eu não estou de acordo com Bertolt Brecht, porque não há homens imprescindíveis, apenas causas imprescindíveis. (1996)

Em 22 de dezembro de 1966 morreu Carlos Flores, um jovem de 20 anos, a primeira baixa guerrilheira em um enfrentamento com a polícia. Dois dias depois, em novo confronto, outro tupamaro e um policial foram mortos. A partir desse momento começou a crescer uma espiral de violência da qual as armas foram as protagonistas. Com a posse do presidente Jorge Pacheco Areco, no final de 1967, os militares foram ganhando cada vez mais espaço e a repressão recrudesceu.

A opção pelas armas

Mujica sempre apoiou a tese de que os tupamaros optaram por seguir a via armada para defender a democracia perante um golpe de Estado iminente. Outras teorias afirmam que, desde a sua criação, a organização teve como objetivo chegar ao poder por meio de uma revolução violenta. Realmente, no documento número 1 dos tupamaros, de 1967, lia-se que estavam dadas as condições objetivas para uma revolução socialista derrotar a oligarquia.

É fato que a opção pelo proselitismo armado ia gerando cada vez mais limitações. As forças de segurança já estavam prevenidas e atuavam com um rigor cada vez maior. As detenções, as invasões de locais e a repressão às manifestações se multiplicavam. O governo apelava cada vez mais para as medidas excepcionais que suspendiam as garantias constitucionais. Ficava mais difícil ser legal e transgressor ao mesmo tempo, e os tupamaros decidiram partir para a guerra.

Ao longo dos anos, Mujica fez uma reflexão crítica sobre essa passagem da política às armas. O principal erro que reconhece é não terem tido uma estratégia para lidar com os acontecimentos. Eles foram superados pelos fatos. O problema não era tanto a violência, que para um socialista convicto pode ser necessária em determinados momentos, mas terem caído na visão de curto prazo na qual predominaram as armas. “Os tiros, por si sós, jamais definem a história se não criarem soluções a longo prazo.”

Mujica passou a fazer parte da coluna 10 de Montevidéu, que protagonizou várias operações de impacto midiático. Em pouco tempo, deixou de ser um militante legal – que seguia com seu trabalho como florista e realizava ações de apoio – para trabalhar na clandestinidade como responsável militar de uma coluna. Cada uma delas era formada por um grupo seleto de combatentes que tinham grande autonomia de atuação. Facundo, seu primeiro nome de guerra, começou a aparecer nos meios de comunicação como um dos “subversivos” mais procurados. Também foi ganhando importância dentro da organização, até se tornar

membro da direção.

Entre o fim de 1969 e o início de 1970, os tupamaros protagonizaram mais de 100 ações, entre elas sequestros de diversos empresários e até de diplomatas, como o embaixador da Inglaterra Geoffrey Jackson e o brasileiro Aloysio Dias.

Uma das ações mais impactantes foi a tomada da cidade de Pando. Em outubro de 1969, várias colunas de tupamaros participaram da ocupação dessa pequena cidade, onde tinham vários objetivos, entre eles conseguir recursos e equipamentos e, sobretudo, estimular o levante popular. A coluna de Mujica regressou a Montevidéu pensando que a operação tivesse sido um sucesso. No entanto, depois eles ficaram sabendo que os outros comandos não tinham se saído tão bem: houve baixas de civis, policiais e guerrilheiros, sendo que muitos destes foram presos. Essa ação, como outras parecidas, terminou com um saldo negativo para a popularidade dos guerrilheiros.

A estratégia seguida pelos tupamaros em Pando – movimentos táticos com certa segurança mas sem uma análise exaustiva das consequências – foi uma modalidade que se repetiu em outras operações. No longo prazo, essas práticas improvisadas de grupos autônomos e com pouca disciplina se mostraram ineficientes para enfrentar um exército profissional.

Outro fato que deu fama mundial ao grupo foi o sequestro do agente do FBI Dan Mitrione, um policial que colaborava com o governo do Uruguai em temas de segurança. Ele tinha um longo currículo de assessor das forças paramilitares brasileiras conhecidas como esquadrões da morte. Em troca da liberdade de Mitrione e do diplomata brasileiro Dias Gomide, os tupamaros pediam a libertação de todos os presos políticos.

Pressionado pelo presidente Nixon e pela ditadura brasileira, o governo de Pacheco adotou medidas mais duras para encontrar os sequestrados. Em resposta, os tupamaros estabeleceram uma data limite para o governo pagar o resgate. Quando o prazo terminou, o grupo executou Mitrione, aplicando a “justiça revolucionária”. O caso foi posteriormente narrado pelo cineasta grego Costa-Gavras no filme *Estado de sítio*, vencedor de vários prêmios internacionais.

Embora nunca tenham utilizado o terror como ferramenta de luta, a morte de policiais e civis fez com que fossem retratados como terroristas sem piedade pelos meios de comunicação. Em outras ações, as represálias e os justiçamentos por vingança – ou, como diria Mujica, o excesso militarista – os levaram a cometer abusos que receberam grande destaque na imprensa da ditadura, que transformou os tupamaros em verdadeiros demônios.

As fugas das prisões

Na clandestinidade, os guerrilheiros viviam cada dia como se fosse o último de suas vidas: mudavam sempre de residência, usavam documentos falsos e circulavam discretamente para não serem reconhecidos. No entanto, no Uruguai do “somos poucos e nos conhecemos muito”, essa situação era quase insustentável. O cerco foi se fechando cada vez mais, com intensas campanhas de busca e apreensão que terminavam em grandes batidas e invasões de residências.

Em maio de 1970, um funcionário do Ministério do Interior reconheceu Mujica e outros

companheiros em um bar. Imediatamente a polícia montou uma grande operação que terminou em um tiroteio espetacular do qual Mujica saiu gravemente ferido. Caído na rua e sem possibilidade de defesa, um policial tentou executá-lo disparando várias vezes à queima-roupa. No total, ele recebeu seis tiros e conseguiu sobreviver milagrosamente. Passou a convalescença entre o hospital penitenciário e a prisão, onde foi ajudado por outros guerrilheiros presos.

As feridas, que deixariam graves sequelas, não impediram que Mujica protagonizasse uma grande fuga da prisão de Punta Carretas. Orientados pelo engenheiro Manera, alguns presos conseguiram pacientemente construir um túnel de 40 metros de largura que atravessava os muros da cadeia a 10 metros de profundidade. Para ter acesso à entrada do túnel, eles abriram buracos entre as celas de todos os que iam escapar. Nessa operação, 106 presos fugiram sem que os guardas se dessem conta. Foi uma das maiores fugas de presos da história, chegando a figurar por um tempo no *Guinness*, o livro dos recordes.

O governo, com o apoio do Partido Blanco, respondeu com a declaração de Estado de Guerra Interna, pela qual ficavam suspensas as garantias constitucionais. Os fugitivos tinham que improvisar abrigos ou cavavam poços chamados “tatuceras”, em alusão aos buracos que os tatus cavam. Emiliano, o novo nome de guerra adotado por Mujica em homenagem ao revolucionário mexicano Zapata, se recuperava em um hospital de campanha enquanto seus camaradas prosseguiam com cada vez mais ações.

Nas ruas, a violência havia recrudescido, e o governo outorgou amplos poderes ao Exército, que tomou a frente da luta antissubversiva. Em pouco tempo, os comandos guerrilheiros foram caindo um a um, até que o porão onde se escondia Emiliano foi encontrado e ele terminou outra vez na prisão.

No final de 1971, as eleições nacionais tiveram uma importante novidade no âmbito partidário. Uma coalizão de partidos de esquerda, denominada Frente Ampla, aparecia como uma alternativa para competir com os partidos tradicionais. Pela primeira vez partidos de esquerda que historicamente haviam estado divididos apresentavam um candidato à Presidência: o general Líber Seregni, apoiado, entre outros, por Enrique Erro. A direção dos tupamaros, que estava na prisão, decidiu dar um apoio essencial à Frente, que alcançou promissores 18% dos votos. O colorado Juan María Bordaberry, um político que prometia governar com mão de ferro e uma maior aproximação com os militares, saiu vencedor da disputa.

A terceira temporada na prisão não durou muito tempo. Novamente, as hábeis “toupeiras” cavaram um túnel, dessa vez de fora para dentro, o que facilitou a fuga de Mujica e de outros prisioneiros. O novo túnel ligava o hospital ao sistema de esgoto da cidade. Os fugitivos tiveram que andar mais de quatro quilômetros no esgoto até chegarem à superfície. Do lado de fora, as condições de sobrevivência tinham piorado de forma dramática. Dispersos e sem recursos, eles se escondiam onde podiam, dormindo muitas vezes ao ar livre, no campo, no frio inverno uruguaio. É nessa época que começa o romance de Mujica com Lucía Topolanksy.

> Eu não passei 14 anos na prisão por ser um herói, mas apenas porque me capturaram, porque me faltou velocidade para atirar. Foi minha vez de perder, e até que tive sorte. Aos

quixotes que se metem a transformar o mundo, o mínimo que pode acontecer é isso. (2012)

Lucía Topolansky, uma história de amor

A história da longa relação de Mujica com sua companheira, Lucía Topolansky, tem todos os componentes românticos e de drama de uma história de amor. Os dois se conheceram na clandestinidade, quando estavam sendo procurados pelas forças de segurança. Pepe fazia parte da direção dos tupamaros em Montevidéu, e Lucía, apesar de ser 10 anos mais jovem, já era uma guerrilheira experiente.

Quando conheceu Mujica, cujo novo nome de guerra então era Ulpiano, ela estava procurando abrigo depois de uma espetacular fuga da prisão de mulheres. Pouco antes, havia perdido seu namorado, Bleko Katrás, outro guerrilheiro tupamaro assassinado pela polícia. Lucía lembra que esse "não era o primeiro namorado que eu perdia naquelas condições, e, naquela altura, já tinha visto muitos outros companheiros morrerem".

Ficaram poucos meses juntos, porque o idílio amoroso logo foi interrompido quando a polícia tornou a prendê-los. Apesar de tudo, os dois conseguiram manter uma insólita relação epistolar durante os quase 13 anos em que estiveram presos. Não era comum que os presos tivessem autorização para se comunicar com o mundo exterior – muito menos entre as prisões –, mas eles conseguiram esse privilégio graças à ajuda de seus advogados e ao consentimento dos próprios guardas, que se divertiam com o tom romântico que o duro guerrilheiro usava. A irmã de Lucía, que dividiu a cela com ela, conta que a primeira carta de Pepe causou sensação na prisão, cheia de frases "sentimentaloides, como todas as coisas de Pepe". Uma vez Lúcia contou: "Em meados de 1973, um oficial, que me assediava, dizia que tinha sonhado que voltava milhares de anos depois e eu ainda estava presa. Então eu falei: 'Olha, nem se preocupe, porque, se em 12 ou 13 anos não saio pela porta grande, saio pela pequena.' E ele parou de me provocar."

Mas Lucía não dividia com Mujica somente os temas do coração. Essa mulher de aspecto agradável e sereno faz parte do círculo mais íntimo que o presidente consulta na hora de tomar suas decisões. É uma dirigente com peso próprio, conhecida por seu caráter firme, e ocupa uma posição de influência na estrutura de poder do Uruguai como senadora.

Ela é de uma família de Montevidéu e seu segundo sobrenome, Saavedra, vem da família do presidente da primeira Junta de Governo da Argentina, em 1810. Seu pai, um engenheiro de ascendência polonesa, teve câncer quando Lucía era criança, e seu avô materno passou a ajudar sua mãe, que, com sete filhos, tinha ficado em uma difícil situação econômica.

A menina foi educada em colégios religiosos e participou, desde muito jovem, de ações dos padres operários nos bairros mais humildes. Entrou na faculdade de arquitetura e abandonou os estudos no segundo ano para se dedicar completamente à militância com os tupamaros. Ela e sua irmã gêmea, María Elia, trocaram a cômoda vida burguesa pela austera e arriscada experiência guerrilheira.

O irmão de Lucía conta que, quando a polícia foi buscá-la em casa, ninguém conseguiu acreditar no que estava acontecendo. Seu pai, de pensamento conservador, nunca aceitou que a filha tivesse virado guerrilheira e até morrer sustentou que Lucía havia sido enganada.

A descida aos infernos

O mandato de Bordaberry foi breve porque o presidente caiu na armadilha autoritária criada por ele mesmo. Primeiro abriu a porta aos militares, deixando que controlassem grande parte da administração. Depois executou uma espécie de “autogolpe”, dissolvendo o Congresso e assumindo todo o poder. Por fim, em 1976, os militares, verdadeiros donos do poder, decidiram que não precisavam mais de um fantoche e o substituíram com um clássico golpe militar. Ficaram para trás as negociações de última hora com os poucos guerrilheiros que ainda estavam livres, numa tentativa de chegar a um cessar-fogo. Quando, em setembro de 1973, Bebe Sendic e o restante da cúpula dos tupamaros caíram, as forças da guerrilha estavam exauridas.

Começou assim uma das páginas mais negras da história do Uruguai. Para Eduardo Galeano, “a ditadura uruguaia torturou muito e matou pouco. A argentina praticou o extermínio”. Embora a “uruguaianidade” desse um rosto mais amigável aos militares, eles se utilizaram sistematicamente de práticas terríveis contra pessoas que mantiveram presas durante anos sem nenhum processo judicial.

Mostraram-se extremamente cruéis com os integrantes da cúpula dos tupamaros, que foram isolados e submetidos a todo tipo de torturas e humilhações. Esses nove presos passariam a ser conhecidos como os “reféns”, pois seriam mantidos com vida desde que não houvesse novas ações da guerrilha. A capacidade para resistir e não se curvar diante dos maus-tratos físicos e psicológicos a que foram submetidos alimentou o mito dos reféns.

Em um relatório de 1976 da Anistia Internacional apresentado à Câmara de Deputados dos Estados Unidos, foi citada a declaração do diretor da penitenciária de La Libertad reconhecendo que, por não terem se atrevido a executá-los quando tiveram a oportunidade, as autoridades sabiam que, no futuro, teriam que soltá-los. Por isso decidiram usar “o tempo que restava para deixá-los loucos”. O caso de Mujica foi paradigmático.

Durante os 12 anos e alguns meses que permaneceu na prisão, foi transferido periodicamente a diferentes centros penitenciários, onde era mantido recluso e sem comunicação com os outros detentos. Em algumas prisões, como a de Santa Clara de Olimar, ficou trancado durante meses em cubículos minúsculos, sem janelas, colchão nem cobertor. Sofria continuamente de diarreia e incontinência urinária. Mal alimentado e em condições deploráveis de higiene, pouco a pouco foi perdendo todos os dentes.

A falta de comunicação e os maus-tratos foram minando sua saúde mental. Mujica começou a ter alucinações, a conversar com as rãs, que tratava como bichos de estimação, e a escutar as formigas gritando. Nesses momentos, quando estava quase chegando ao fundo do poço, ele se agarrava ao espírito inabalável legado por sua mãe. Uma história, que depois ficou famosa, conta que sua mãe tentou lhe entregar um penico de plástico com dois patinhos, para que ele pudesse usar durante suas urgências urinárias. Mujica pediu obstinadamente e conseguiu receber o penico, que havia sido confiscado pelos guardas. Ele se agarrou a esse artefato como uma tábua de salvação e conseguiu levá-lo consigo todas as vezes que foi transferido para outras prisões. Havia conquistado um direito que lhe devolvia a dignidade e o trazia de volta à realidade. Quando foi libertado, Mujica saiu da prisão abraçado a seu

penico, a essa altura transformado em um vaso de flores.

Mujica reconhece que conseguiu manter sua sanidade mental graças a uma psiquiatra que o atendeu na penitenciária. Em um momento em que se encontrava totalmente perdido, tendo cada vez mais alucinações, a médica recomendou que lhe dessem algo para ler e papel para escrever. Começou com livros básicos de química e física, que copiava e relia continuamente. Depois passou a temas de biologia e estudos de agronomia. Nos últimos tempos de prisão, permitiram que ele cultivasse um jardim.

Em novembro de 1980, a junta militar convocou um plebiscito para reformar a Constituição e criar uma democracia tutelada pelos militares. Costuma-se dizer que os dirigentes só fazem plebiscitos quando acreditam que vão ganhar. No entanto, os militares erraram a previsão e perderam. Essa dura derrota minou ainda mais o poder de um governo cada vez mais questionado internacionalmente.

Mas foram necessários cinco anos até que os militares convocassem eleições e uma anistia geral finalmente libertasse os prisioneiros. Em 1983, dez anos depois do golpe, o escritor Mario Benedetti denunciou a situação dos nove reféns em um artigo publicado pelo jornal *El País*:

> Seria preciso retroceder bastante na história para encontrar práticas de um sadismo tão explícito. Em um conceito moderno de justiça, nem os criminosos mais atrozes e irrecuperáveis são submetidos a esse tipo de tortura moral, de castigo sem trégua. São apenas nove reféns, e cada um deles provavelmente nem sequer sabe o que aconteceu com os outros oito.[1] (1983)

Henry Engler, um dos que foram mais afetados psicologicamente pelos maus-tratos na prisão, explica como Mujica, seu amigo e companheiro de cadeia, chegou tão longe: “Depois de anos trancado e a ponto de enlouquecer, na luta por se superar, os sentimentos de ódio e rancor se perdem e a solidariedade se transforma em uma forma de satisfação permanente.”

Mujica agradece tudo que viveu, “porque, se esses anos não tivessem passado e eu não tivesse aprendido o ofício de galopar dentro de mim mesmo, teria perdido o melhor de mim. Eles me obrigaram a remover o chão sob os meus pés, e isso me fez muito mais socialista que antes”.

Uma estratégia sem ódios

Em 15 de março de 1985, os oito reféns tupamaros sobreviventes saíram da prisão. Entre eles estava Pepe Mujica. Milhares de pessoas foram até a porta da prisão para recebê-los. Havia uma grande expectativa. Todos queriam escutar o que tinham a dizer esses presos que estiveram incomunicáveis durante mais de uma década.

Um dos desafios mais importantes da transição à democracia uruguaia eram as feridas abertas do passado. Muitos temiam que os fantasmas da violência e do ódio retornassem, impossibilitando o funcionamento das ainda frágeis instituições democráticas. A resposta veio dois dias depois, quando os dirigentes tupamaros falaram para uma multidão em um ato no

clube Platense de Patín. Na verdade, apenas Pepe Mujica falou, e esse foi seu primeiro discurso improvisado em tempos de democracia.

Rodeado por seus companheiros de prisão, envelhecidos, magros e carecas, Mujica se dirigiu com voz pausada à multidão que esperava em silêncio. Destinados especialmente à juventude, muitos trechos desse pronunciamento se transformaram na estratégia que os tupamaros seguiriam nos anos seguintes:

> Escolhemos certos princípios que devem ser relembrados: antes de tudo, somos tupamaros. Optamos por um sistema de direção coletiva, e a cada dia a crescente complexidade dos fenômenos sociais e políticos vai determinando que a direção seja em equipe, e que uma equipe de dirigentes será boa na medida em que for capaz de gerar outras melhores. Aprendemos, na privação das celas, em todos esses anos, que se pode ser feliz com muito pouco, e, se não conseguirmos ser felizes com isso, não conseguiremos com mais nada. Aprendemos também, sem livros, um modo de olhar um tanto quanto panteísta: gostávamos das aranhas, gostávamos das formigas, porque eram a única coisa viva que tínhamos na solidão de nossas celas. Somos da natureza e estamos com ela.
>
> Enquanto tivermos forças vamos caminhar pelas ruas, tomar um pouco de mate com os rapazes nas esquinas, conversar com as pessoas das fábricas com o mesmo espírito de quando fomos, em 1966, recrutar o primeiro grupo de estudantes que, debaixo de suas pastas, de suas réguas, levavam um punhado de sonhos.
>
> Conta-se, em nossa cultura não escrita, que os rapazes perguntaram qual linha pretendíamos que o movimento estudantil seguisse. Nós respondemos: não temos linha ainda, vocês precisam criá-la. Está claro que a etapa que se aproxima traz imensas possibilidades, inúmeras interrogações. Esta geração é fundamental, esta que está se desenvolvendo e traz em si uma lacuna: muitos anos de obscuridade, muito fervor. Só uma atitude democrática permitirá o completo amadurecimento político dessa imensa potencialidade. Temos que ser democráticos.
>
> Está na hora de deixar claro que, em face do dilema entre centralismo e democracia, é preciso se inclinar por mais democracia. Por isso, porque já aprendemos, porque já temos isso claro, porque estamos velhos, porque temos consciência lúcida de que logo teremos que marchar pelo caminho da natureza, por tudo isso estamos convencidos de que seremos a força política que vai englobar a juventude.
>
> Estamos e estaremos com todos aqueles que lutam pelo progresso, e se eventualmente não conseguirmos fazer mais, será porque percebemos objetivamente que as condições não são favoráveis, mas não vamos mentir: nem ontem nem hoje somos reformistas.
>
> Primeiro, eu chamo os companheiros à responsabilidade. Segundo, enfatizo que não alimentem o ódio. Terceiro, outra diferença que me permite a liberdade ideológica de ser

> tupamaro, para aqueles que dizem que não temos ideologia: eu posso dizer, e ninguém vai me dar um puxão de orelha, que não acredito em nenhuma forma de justiça humana. Toda forma de justiça, segundo a minha filosofia particular, é uma negociação com a necessidade de vingança.
>
> Por isso não acredito muito na justiça que estão prometendo. E não gosto de chutar cachorro morto. Muitos nos perturbaram, muitos nos ofenderam nesses anos, mas não vamos revidar. Lutaremos, sim, mas não no campo da filosofia diletante de café, a qual renegamos há muitos anos. O tupamarismo foi gerado como uma reação ao mero diletantismo. E é por isso que vamos ficar de guarda junto a vocês e com vocês e com todo o povo. Mas não com um machado na mão, vingadores, de maneira nenhuma: nós estamos aqui para tentar fazer e construir algo com vocês.
>
> O futuro dirá. Muito obrigado, companheiros.

Sou Pepe, não Mandela

Mujica foi preso aos 37 anos. Quando saiu da cadeia, já era um homem envelhecido, de 50 anos. A vida na cela o fez "ruminar", como disse ele, sobre o futuro político da democracia primaveril que estavam vivendo na época. Os colorados tinham ganhado novamente as eleições e Julio María Sanguinetti, ex-ministro de Bordaberry, foi eleito presidente da República. A democracia estava de acordo com a intervenção da Frente Ampla e aceitou uma lei de anistia geral que absolveu os presos políticos, mas também os militares.

Mujica tinha voltado à casa de sua mãe e pouco depois se instalou em uma pequena propriedade em Rincón del Cerro com Lucía Topolansky. Retomou seu ofício de floricultor e começou, dessa vez com muita paciência, a reconstruir o espaço político dos tupamaros. Além de se recuperar das feridas de seu prolongado cativeiro, tinha que se adaptar a uma realidade a que não estava acostumado. Essa transição, que duraria quase dez anos, o ajudou a organizar as ideias e definir um estilo que passou a distingui-lo do resto dos políticos.

> Eu não estou arrependido do que fiz. Cometi uma grande quantidade de tolices, mas não me arrependo do que foi minha vida. (2006)

Sua preocupação de dispor de uma estratégia para não se tornar uma vítima das circunstâncias é similar a um princípio político que Nelson Mandela seguiu durante a sua vida. A certa altura, Mandela teve a oportunidade de sair da prisão e ir para o exílio, mas preferiu continuar na prisão para negociar, e não trair o plano que havia traçado. No clube de Patín, Mujica assumiu uma estratégia construída sobre sua própria forma de enxergar a vida e que manteria nos anos seguintes.

> Pepe Mujica é um veterano, um velho com alguns anos de prisão e tiros nas costas, um

> cara que se equivocou muito, como toda a sua geração, meio cabeça-dura, teimoso, e que se esforça ao máximo para ser coerente com o que pensa, todos os dias do ano e todos os anos da vida. E que se sente muito feliz, entre outras razões, por contribuir para representar humildemente aqueles que não estão presentes e deveriam estar. (1997)

A figura de Mandela serviu a Mujica para espantar qualquer aura de heroísmo ou mitificação sobre sua pessoa. Muitas vezes o compararam com o líder sul-africano que saiu da prisão sem rancores contra seus repressores – e inclusive com vontade de integrá-los à vida política sem apartheid. A ironia sobre os próprios méritos é um dos recursos que mais utiliza para descer do pedestal.

> Mandela está em outro nível. Ele ficou 28 anos em cana. Eu fiquei apenas 14. (2013)

O rapaz de bairro voltou ao lugar em que cresceu e à profissão que aprendeu quando era criança. Mujica se instalou com Lucía na mesma casa que seria a residência do presidente vinte anos depois. A austeridade e a ética anarquista são seus compromissos pessoais contra os valores materialistas do capitalismo. Sem fazer a apologia da pobreza, vive com pouco porque não precisa de mais. Em uma entrevista, perguntaram a sua mulher como fazia para aguentar uma vida tão austera. Ela respondeu que tinham vivido assim a vida toda porque era assim que pensavam: “É bom viver como se pensa porque do contrário você vai acabar pensando como vive.”

Mas Mujica também assume a visão pragmática do agricultor que se ocupa da terra e das sementes hoje pensando na colheita de amanhã. Viver preso aos problemas do passado não levará a nada no futuro.

> A mochila das lembranças se carrega nas costas enquanto se caminha para a frente. Porque do contrário não se pode viver. O livro das minhas contas pendentes, esse eu já perdi. (2013)

A importância do pasto

A integração dos tupamaros na Frente Ampla foi um processo lento, já que era preciso convencer os membros das duas organizações dos benefícios da unidade. Na esquerda se debatia voltar aos postulados tradicionais, como a reforma agrária ou a estatização dos bancos, ou assumir posturas mais moderadas, próximas às da social-democracia. Mujica defendeu desde o primeiro momento uma visão pragmática que levava em conta as dificuldades do país em realizar mudanças profundas.

Seu amigo Eleuterio Fernández Huidobro lembra que “Pepe sempre foi pragmático. De um lado estão os teóricos, que para fazer uma coisa complicam tudo; do outro está Pepe, que veio do trabalho com a terra. Como diz o aforismo, ‘Pepe pensa como Aristóteles, mas fala como Zé Povinho’”.

O sistema eleitoral uruguaio permite que cada partido some as candidaturas de diferentes políticos que aderem a uma mesma coalizão. Os tupamaros se integraram ao Movimento de Participação Popular e depois foram aceitos na Frente em 1989. Os velhos dirigentes concordaram que, por ora, não seriam candidatos a cargos políticos, deixando essa opção àqueles que não estivessem tão comprometidos com o passado recente.

Só em 1994, quase dez anos depois de sua libertação, Mujica se apresentou como candidato a deputado e conquistou uma cadeira no Congresso. Começava uma nova vida na qual o guerrilheiro dava lugar ao político cuja principal arma era a palavra. Exerceu o mandato de deputado pela Frente Ampla de 1995 a 2000, aplicando sua estratégia de *viver como se pensa*. No primeiro dia em que se apresentou no Congresso, os seguranças do edifício não quiseram deixá-lo entrar. Sua roupa e seu aspecto de agricultor destoavam muito dos ternos que Suas Excelências vestem.

Eu reivindico meu direito de vestir o que quiser sem atrapalhar os demais. (1998)

Seu primeiro discurso no Congresso foi memorável. O Parlamento acompanhou em silêncio a exposição de mais de uma hora em que fez uma apologia do pasto, que definia como o petróleo do Uruguai. Sua intervenção “Pastos, gado e homens por uma política nacional” pareceu uma excentricidade para alguns, mas na verdade era dirigida ao povo do campo, ao Uruguai profundo, ao qual, nos anos seguintes, dedicou especial atenção. Poucos poderiam suspeitar que esse sexagenário que todos achavam meio louco seria ministro da Agricultura e Pecuária e que, mais adiante, a gente do campo sustentaria sua candidatura à Presidência.

O crescimento da Frente Ampla transformou a política uruguaia, dominada tradicionalmente pelo bipartidarismo. Nas eleições de 1999, foi a segunda força mais votada para a Presidência. Nesse momento, seguindo a estratégia de Lula no Brasil, a Frente optou pela proposta de ampliar seu apoio eleitoral em uma coalizão com outros grupos políticos. Também crescia a influência de Mujica, candidato a senador por Montevidéu, que ganhou o triplo dos votos da eleição anterior e aparecia como um exemplo a ser seguido na Frente.

A grave crise econômica de 2002 deixou o país em recessão. O sistema financeiro do Uruguai quebrou e o desemprego e a pobreza atingiram níveis alarmantes. Longe de fazer mais pressão com o intuito de alcançar uma mudança significativa – de acordo com o slogan “Quanto pior, melhor” dos anos 1960 –, Mujica apoiou medidas moderadas para esfriar os ânimos. Concretamente, elas se opuseram a uma medida muito importante para os partidos de esquerda, que propunha a criação de impostos sobre os depósitos bancários. Se a situação se agravasse, seria pior para todos e o futuro seria ingovernável. E a Frente já se preparava para governar.

Assim como ao sair da prisão surgiu um novo Mujica que tentava compreender e se adaptar à situação que vivia o país, em seu papel de político ele voltou a se reinventar. Tinha que dar respostas às contínuas mudanças e necessidades sociais; pensar em alternativas viáveis para ganhar as eleições; ter a astúcia de uma raposa para não cair nas diversas armadilhas da política. As pessoas não iriam continuar votando nele apenas por ser um mito do passado.

O senador Mujica multiplicou suas aparições na mídia para falar sobre a crise. Seu estilo direto e descontraído o transformaria em um dirigente muito popular e com grande aceitação entre os setores mais humildes. O Mujica comunicador e midiático utilizou um recurso pouco frequente na classe política: dizer o que pensa. E, muitas vezes, a incontinência verbal iria lhe trazer grandes problemas.

No final, o mais cômodo na vida é a verdade. É preciso ver as coisas como são. (2013)

O churrasco de Pepe

Em 30 de outubro de 2004, a Frente Ampla ganhou as eleições e Tabaré Vázquez foi eleito presidente da República. José Mujica foi reeleito para o Senado pela lista mais votada de seu partido e foi encarregado de fazer o juramento por ser o senador mais idoso da casa. Depois se tornou presidente do Senado e da Assembleia Nacional, transformando-se na terceira autoridade do país. A tupamara Norma Castro foi eleita presidente da Câmara dos Deputados. O longo caminho que Mujica havia começado a traçar no clube platense estava enfim dando seus frutos.

No dia 1º de março de 2005, Mujica foi nomeado ministro da Pecuária, Agricultura e Pesca, setores que correspondiam a 80% das exportações nacionais. Anunciou que só ficaria uns meses no cargo e que indicaria como subsecretário um especialista que, na verdade, cumpriria a função de ministro. No entanto, ficou no cargo até 2008, quando renunciou e reassumiu sua posição como senador.

Seu mandato como ministro coincidiu com um período de bonança nos preços internacionais dos produtos agropecuários. O agronegócio se transformou na locomotiva da economia, deixando para trás o período de recessão. Com sua chegada aos mercados asiáticos, as exportações de carne passaram por um forte crescimento nessa época. A popularidade de Mujica ainda teve um grande incremento quando os pecuaristas decidiram diminuir o preço dos cortes de carne mais consumidos pelos uruguaios. Bem recebida pela população, essa medida ficou conhecida como “Churrasco do Pepe”.

Em sua atuação como ministro, Mujica se destacou como um operador político que percorria todo o país estabelecendo diálogos permanentes com as organizações agrárias. Fascinado com o modelo de produção neozelandês, de país “agrointeligente” e exportador eficiente, seu sentido pragmático o levava a sustentar heresias ideológicas, como aceitar as bondades do livre-comércio e pensar seriamente sobre o capitalismo.

O Uruguai precisava vender seus produtos para o resto do mundo e não deveria ter medo da liberdade de comércio de um país com vantagens comparativas consideráveis no campo do agronegócio. No entanto, foram levantadas sérias dúvidas quanto ao projeto do então ministro da Economia, Astori, de assinar o Tratado de Livre-Comércio com os Estados Unidos, principalmente pelos setores da esquerda. Mujica não disfarçava suas diferenças com esse poderoso ministro, e algumas vezes se queixou de que o pessoal de Harvard – em alusão à formação da equipe do ministro – tinha ganhado a batalha para definir a orientação do governo.

Além disso, ele também não precisava ter medo de falar sobre um “capitalismo a sério” porque reconhecia que os empresários são fundamentais para a multiplicação da riqueza. Embora filosoficamente não estivesse de acordo com o capitalismo, era necessário entender que as coisas funcionavam dessa forma. Portanto, o capitalismo deve trazer o máximo de benefícios, embora seja possível construir algo melhor no futuro, um socialismo autogerido e participativo. Diante desses posicionamentos, começaram a chover críticas da esquerda mais radical.

Em 2006, o ex-dirigente tupamaro Jorge Zabalza perguntou a Mujica em uma carta aberta até que ponto Harvard havia “feito sua cabeça”. Recriminava-o dizendo que “no Uruguai, já existe a riqueza” e que “há muito bolo para repartir, mas só os leões é que o comem”. Finalmente questionou-o por ter perdido o horizonte revolucionário e haver se transformado em um “operador político” que aceita a exploração capitalista.

O ministro, que respeitava muito esses grupos, lhes respondeu que deviam ler alguns jornais dos últimos quarenta anos, sobretudo desde a queda do Muro de Berlim.

> Tenho uma visão socializante. Fico terrivelmente chocado com a exploração do homem pelo homem e a combato. Mas o problema é que, se não há muito para repartir, não há condições para o socialismo. Então agora sou consciente de que, para chegar a esse sonho, é preciso conseguir antes que esta sociedade funcione. (2007)

A avaliação que fez de sua gestão como ministro segue a linha de dizer a verdade nua e crua. Mujica sempre lembra dois grandes fracassos. O primeiro foi não ter conseguido uma expansão das áreas para a produção leiteira. Quando assumiu o cargo, o bom rendimento da produção de laticínios fez com que ele alimentasse grandes esperanças nesse projeto. Mas faltou poder de convencimento para levar essa iniciativa adiante, já que a produção leiteira estava disputando terras com a agricultura, que pode pagar preços melhores.

O segundo fracasso foi o combate à burocracia. Suas críticas contínuas ao mau funcionamento do Estado – com excesso de funcionários pouco produtivos e uma estrutura que tornava tudo muito difícil – fazem parte de sua luta contra esse lado obscuro da “uruguaianidade” que sempre atacou. Fracassada a reforma do Estado do presidente Vázquez, Mujica tentou levá-la a cabo no seu ministério.

> A burocracia se mostrou pior que a burguesia, porque pelo menos a burguesia tem um impulso criador – mesmo que seja para comer o seu fígado. A burocracia vive só do que os outros já criaram; os uruguaios se burocratizaram tanto que encheram as propriedades do Estado de gente e até tinham um teatro, o Solís, com um funcionário para subir a cortina e outro para baixá-la. (2012)

O agricultor ganha de Harvard

No ano de 1995, pouco depois de Mujica ter sido eleito deputado, um jornalista perguntou

se em algum momento ele se imaginava ocupando o cargo de presidente. Sentado em um tambor de combustível em sua chácara em Rincón del Cerro, ele lhe respondeu que não via qualquer possibilidade. Uma década depois, todos apostavam nele como possível candidato à Presidência. Sua popularidade e a relevância do MPP – a principal força da Frente que o apoiava – justificavam essa hipótese. No entanto, ele continuava negando qualquer aspiração a ser o sucessor do presidente Vázquez. As principais razões eram sua idade avançada e seu estado de saúde, que o havia deixado de cama durante meses.

Não escondia suas diferenças com o governo e especialmente com Astori, o ministro da Economia, que se lançava como candidato à Presidência com o apoio do próprio Tabaré Vázquez. Alguns consideraram sua saída do cargo de ministro e suas discordâncias com Astori parte de uma estratégia para se posicionar como candidato nas futuras eleições presidenciais.

Os setores mais à esquerda da Frente viam com desconfiança a ascensão de Astori, um político de perfil tecnocrático que foi o grande defensor do Tratado de Livre-Comércio entre o Uruguai e os Estados Unidos. Mujica, por outro lado, representava uma alternativa mais popular e próxima ao sentimento da esquerda. Esses setores, entre os quais estava o Partido Comunista Uruguaio, apoiaram sua apresentação como pré-candidato nas eleições internas da Frente.

Para Julio Marenales, da velha guarda tupamara, Mujica tinha três apoios: “O dos nossos ombros, porque nós o apoiamos como pudemos no Movimento. O de sua própria história, porque Pepe vem do trabalho com a terra, nunca sentiu o peso da bota do patrão e sempre trabalhou mais ou menos por conta própria. E o dos mais pobres. Foram esses que o levaram à Presidência. Por isso Pepe tem um grande compromisso com a gente humilde. E temos que ajudá-lo a cumprir esse compromisso.”

O Congresso Extraordinário “Zelmar Michelini”, que ocorreu nos dias 13 e 14 de dezembro de 2008, proclamou-o candidato à Presidência junto com Danilo Astori e Marcos Carámbula. Nas eleições internas do partido, sua lista foi a mais votada, o que o transformou no candidato da Frente Ampla para a eleição presidencial de junho de 2009.

Para o resto do mundo não passou despercebida a possibilidade de que um ex-guerrilheiro chegasse à Presidência do Uruguai. O *The New York Times*, assim como outros influentes veículos de comunicação, questionava quais seriam os passos de um dirigente cujo passado não ocultava sua simpatia pela Venezuela de Chávez e pela Cuba de Fidel.

Para conter esse discurso alarmista e tranquilizar os mercados, Mujica fez um acordo com Astori para que este o acompanhasse como vice-presidente e mantivesse sob seu controle a área econômica. Essa aliança provocaria as primeiras instabilidades em seu governo, já que seus aliados nas internas, como os comunistas, por exemplo, acabaram ficando fora do centro das decisões.

O presidente bobo

Na campanha eleitoral, Pepe Mujica retocou sua imagem com um novo corte de cabelo e começou a usar terno – embora nunca usasse gravata –, seguindo os conselhos de seu amigo

Lula. Depois de perder três eleições sem usar terno, o brasileiro deu o braço a torcer e, na quarta disputa, finalmente ganhou a eleição. Lula passou a ser a principal referência de sua campanha como modelo de governo para o Uruguai. Apesar desses esforços, foi uma campanha muito difícil, na qual os opositores trouxeram à tona os medos do passado, ressaltando todos os pontos fracos que Mujica nunca escondeu.

Um desses pontos fracos era sua incontinência verbal, que quase jogou por terra os esforços de marqueteiros e assessores de imagem. A um mês das eleições, foi lançado o livro *Pepe Coloquios*, que transcrevia uma série de entrevistas feitas pelo jornalista argentino Alfredo García. Veio a público um Mujica em estado puro, cru, polêmico e cheio de comentários cáusticos contra pessoas de sua convivência.

Algumas frases que engrossaram sua lista de pérolas brutalmente francas são sobre seu companheiro Astori, criticado por haver mantido seu salário de senador, que era maior do que o de ministro da Economia. E Mujica concluía: "E eu não quero falar mais nada porque, se começo a falar, a confusão está armada. Trabalha como ministro e recebe o salário de senador." Também censurou o "bando do presidente", sua equipe de segurança, "que se mata para ir a todos os lugares porque ganha diárias. A luta é pelas viagens, entende? Querem viajar e querem se perpetuar". Acusou também os aliados do Partido Socialista, que chamou de "máquina de conseguir cargos", e arrematou: "O que isso tem a ver com a história do Partido Socialista?"

Mujica também não foi muito diplomático ao tratar de temas internacionais. Acusou a Argentina, que "não é um povo de tontos" nem uma "república bananeira", de ter "reações de histéricos, de loucos, de paranoicos". De seus governantes, os Kirchner, disse que eram "o melhor governo da esquerda, mas se comportam como peronistas bandoleiros".

Sobre a Cuba de seu amigo Fidel, que "está caindo aos pedaços, caindo de velhice", e sua imprensa controlada pelo Estado, disparou: "Não se pode ler, é impossível. Não se pode ler porque é chato demais." A respeito de seu amigo Chávez, conta que lhe disse: "Preste atenção que você não constrói socialismo nenhum com isso. O que vai ficar a seu favor aqui na Venezuela é que vão ter melhores casas, vão comer mais e você vai fazer uma reforma decente. Mas por esse caminho não se cria nenhum socialismo."

Ele avaliou temas nacionais e se perguntou para que manter a Força Aérea do Uruguai, e propôs: "A Força Aérea devia ser composta de 100 caras: 80 camicazes e 20 mecânicos. Para patrulhar rios, a costa, para derrubar os contrabandistas a tiros, para vigilância."

Sobre as ONGs, disse que são "uma infecção", que contaminam a militância de esquerda, são inconformistas, mas "se dão bem, não trabalham muito, fazem muitos encontros, são especialistas em bolsas, em lapiseiras, fazem relatórios, são especialistas em relatórios".

A publicação do livro gerou um verdadeiro escândalo, causando reações de indignação de seus próprios aliados. Mujica, arrependido, afirmou em seu blog "Pepe tal cual es" que nunca somos velhos demais para aprender. "Nestes dias, estou fazendo dois cursos intensivos: o primeiro é para aprender a calar um pouco mais a boca. O segundo é para não ser tão bobo", por ter se deixado enganar em sua boa-fé por um jornalista que transcreveu essas conversas em *off*, já que "todos somos maus no mundo privado e com quem temos confiança".

Também disse, entre vaidoso e sincero: "Eu sou dos que se equivocam. Piso na bola por

ser excessivamente sincero. Mas não tenho preço!”

Esses contratempos, porém, não impediram que, no segundo turno, Mujica ganhasse de seu ex-vizinho de bairro, Luis Lacalle, e se transformasse no presidente mais votado da história do Uruguai. Antes de assumir, ele já tinha decidido que continuaria morando na chácara de Rincón del Cerro, o que o obrigou a realizar algumas modificações em sua residência para garantir o mínimo de segurança.

Quando lhe perguntavam, assombrados, como podia, sendo presidente, viver em uma casa tão pequena e precária, costumava recorrer a um exemplo desmistificador, afirmando que a vantagem de a casa ser tão pequena é que ele e sua esposa podiam varrê-la e arrumá-la rapidamente. Além disso, se morasse com mais gente, não poderia levantar de cueca à noite para ir ao banheiro.

Seu segundo compromisso pessoal foi que doaria a maior parte de seu salário como presidente a alguma entidade. Com o salário de sua mulher e uma parte do seu destinados a manter sua irmã esquizofrênica internada em um hospital, o que sobrava era suficiente para viverem. Começava assim a história do presidente mais pobre do mundo.

Da mesma maneira que lhe digo uma coisa, lhe digo outra

A ascensão à Presidência respondeu às expectativas que haviam sido alimentadas: austeridade, emotividade e um grande calor popular. No dia de sua posse, Mujica fez dois discursos: um mais formal, na Assembleia Nacional, e outro mais emocionante, na Praça da Independência, para milhares de uruguaios. O primeiro começou com uma declaração formal de intenções na qual propunha: “Governar para gerar transformações a longo prazo é antes de tudo criar as condições para se governar por 30 anos com políticas de Estado.”

Para alcançar esse objetivo, o país precisava de políticas de Estado, através de acordos com os principais partidos da oposição em que todos poderiam dar sua contribuição. Seu governo seria “mais do mesmo” e, para dissipar temores que sua candidatura havia despertado, ele esclarecia que seriam ortodoxos na economia, embora heterodoxos, inovadores e atrevidos em outros setores.

Anunciou que os quatro eixos que definiriam sua ação de governo seriam educação, energia, meio ambiente e segurança. “Sublinhando: educação, educação, educação. E, outra vez, educação. Os governantes deveriam ser obrigados, todas as manhãs, a preencher quadros-negros, como na escola, escrevendo 100 vezes: ‘Tenho que cuidar da educação’.”

Mujica dedicou um capítulo especial à agricultura, sua paixão, enfatizando a fórmula da agrointeligência que havia defendido como ministro. A ideia era adotar a cooperação entre universidades e produtores agropecuários que caracteriza o modelo neozelandês.

> Queremos que a terra nos dê um. E, a esse um, acrescentar 10 de trabalho inteligente, para, no final, termos o valor de 11, verdadeiro, competitivo, exportável. Não vamos inventar nada, vamos com humildade seguir o exemplo de outros países pequenos, como Nova Zelândia ou Dinamarca. Se o país fosse uma equação, diria que a fórmula seria agricultura + inteligência + turismo + logística regional. E ponto. Essa é nossa grande esperança. Para

mim, a única grande esperança para o país. (2010)

Esse era um ponto importante para a reforma do Estado, a mãe de todas as reformas, como tinha anunciado o presidente Vázquez. Mujica propunha agarrar o touro pelos chifres e fazer uma revisão profunda. Também colocou como objetivos principais de sua administração a eliminação da indigência e a redução da pobreza em 50%.

Tratou do problema da segurança, preocupado com o crescimento da delinquência organizada; falou de sua identificação com os setores mais humildes, para os quais anunciou uma política de moradia social; teve palavras conciliadoras e de integração em relação às Forças Armadas; e, em nível internacional, se concentrou no Mercosul ("Ai, Mercosul. Quanto amor e quanto ódio nos provoca!"), mas apostou na região, "até que a morte nos separe".

Logo depois se juntou à multidão que o aclamava na praça e falou "sem parafernália", repetindo em linguagem popular seu discurso na Assembleia. Fez uma menção especial a seu vice-presidente, uma "peça de reposição necessária" se a biologia o traísse. A outra menção foi a um amigo de militância de mais de 40 anos, pobre, mas que nunca lhe pedira um cargo. Ele o convidou a subir ao palanque e disse: "Não é por estar aqui em cima que seu coração e seu compromisso deixam de estar com os mais pobres." A mensagem final do presidente filósofo foi dirigida ao povo: "Nada muda se vocês não mudarem. O agente da mudança são vocês, povo querido. Com vocês mudamos ou com vocês sucumbimos."

Embora tenha tentado cumprir esses compromissos, seu governo não se destacaria por grandes conquistas nos eixos estratégicos. Alguns desses temas se tornaram verdadeiras dores de cabeça e foram qualificados por ele mesmo como grandes fracassos. Por outro lado, seriam as atrevidas e inovadoras atuações em outros âmbitos que lhe dariam fama. E, sobretudo, foi sua marca pessoal que definiu um estilo de governo que deu ao Uruguai uma projeção internacional nunca antes obtida.

Os assuntos domésticos

Depois de tocar o céu com as mãos no dia em que tomou posse, começariam, como Mujica mesmo afirmou, os "dias cansativos de trabalho, o caminho para o Purgatório". Apesar de ter sido o primeiro presidente da democracia sem diploma universitário, sua longa trajetória como dirigente político e seus anos de experiência como legislador e ministro eram um aval mais que suficiente para que não colocassem suas aptidões em dúvida. No entanto, muitos o questionavam.

Ernesto Agazzi, ex-tupamaro e militante do MPP, que o conhecia bem da época em que havia sido seu subsecretário no Ministério da Pecuária, se pronunciou em 2008 com um discurso lapidar sobre seu ex-chefe: "Eu acredito que Mujica possa ajudar a ganhar as eleições, mas não acredito que seja sua especialidade, nem sua formação, dirigir a gestão do Estado. Seu ponto forte não é organizar a gestão, mas entender e chegar ao coração das pessoas. Não sei qual papel ele vai desempenhar no próximo governo, mas será importante, porque ele é um gerador de ideias e construtor. Assim como é absolutamente anarquista, contrário às fórmulas preconcebidas, também pensa em alternativas nas quais ninguém pensou

antes, é criativo e capaz de comover." A oposição tinha utilizado esses e outros argumentos muito mais cruéis, inclusive colocando em dúvida suas faculdades mentais, como na época em que foi lançado o livro *Pepe Coloquios*.

No entanto, ninguém colocava em dúvida seu temperamento de animal político para lidar com as maquinações do poder nem sua grande capacidade de comunicação, que é um requisito imprescindível para um cargo tão exposto publicamente. Apesar de as previsões de Agazzi não terem se consumado, era difícil compreender alguém com um perfil "absolutamente anarquista" exercendo o cargo de maior concentração de poder do Estado. Nesse sentido, Mujica nunca escondeu seu incômodo com o sistema presidencialista, que significa um culto à decisão, e se mostrou partidário do modelo parlamentarista, mais favorável ao consenso e à negociação.

Para alguns analistas, esse perfil libertário, aliado a uma personalidade desorganizada, conciliadora e propensa à improvisação, provocou avanços e retrocessos na tomada de decisões que desgastaram o governo. "Da mesma maneira que lhe digo uma coisa, lhe digo outra" é a frase batida com a qual os setores mais críticos classificam sua gestão. O "mais-ou-menismo" e o ativismo, próprios dos tupamaros, impregnaram uma gestão caracterizada por incluir a cada dia um novo tema na agenda. Sobre Pepe, Lucía comentou: "Eu sempre digo que nunca conheci uma pessoa tão desorganizada quanto Pepe."

Mas esse problema não pode ser atribuído somente à personalidade do líder, uma vez que o governo já nasceu com tensões internas motivadas pelos acordos pré-eleitorais. Apesar de ter ganhado por maioria e não ter precisado fazer alianças com outros partidos para governar, Mujica era obrigado a fazer alianças com as diferentes facções da Frente Ampla. Entre elas destacava-se a Frente Liber Seregni, liderada por Astori, que dominava o poderoso Ministério de Economia e Finanças. A preocupação de Mujica não era apenas não controlar essa área, mas que a economia acabasse controlando seu governo.

De todo modo, o pragmatismo de Mujica, sua vontade negociadora – "negociar, negociar e negociar, até ficar insuportável" – e sua visão estratégica dos problemas compensaram essas deficiências, como mostraram as conquistas de sua gestão. Quando Mujica faz seu *mea culpa* por não ter cumprido alguns objetivos estratégicos, essa atitude deve ser suavizada pela dificuldade intrínseca desses temas.

> Meu modelo é Lula, porque ele usa essa metodologia de colocar a negociação política permanente no centro. (…) Eu sempre vou preferir negociar a passar por cima de todo mundo. (2009)

Os fracassos

Mais de uma vez escutamos Mujica dizer que um político deve ter honradez intelectual e admitir que, quando fracassou, fracassou. Ele reconheceu seus maiores fracassos nas reformas do sistema educacional e do Estado.

No primeiro, defendeu um pacto de Estado firmado por acordos com os partidos da oposição que provocou alarmantes brigas entre diferentes setores e também dificuldades do

governo para aplicar um modelo de ensino gerido de forma autônoma. Mas o problema fundamental era que a Frente Ampla não tinha uma proposta clara em relação à educação.

Apesar dos progressos na universalização da educação e em temas concretos como o ensino técnico e a construção de novos centros de ensino, ficou a sensação de que pouco se avançou nesse quesito. Os fracos resultados apresentados nos relatórios de avaliação alimentaram uma visão dramática da situação educacional – questão muito sensível em um país que sempre teve um alto nível de instrução. “Fracassei”, confessou Mujica em uma entrevista para a televisão espanhola sobre sua aposta na descentralização do ensino e no fortalecimento da formação técnica no interior do país.

Essa sensação de que pouco foi feito contrasta com o resultado da gestão universitária. Mujica sempre foi um crítico do funcionamento da universidade e do papel de seus profissionais. Suas ácidas críticas aos “Harvard” de Astori e seus questionamentos sobre a “inteligência guardada nos laboratórios” predispunham ao confronto ou à marginalização desses assuntos na pauta do governo. Além disso, Mujica tinha dúvidas quanto à autonomia da universidade “quando a bufunfa é colocada pelo Estado”, conforme dizia. No entanto, em seu governo foi criada uma universidade pública, a Universidade Tecnológica (Utec), e foi proposta a criação de outra, a Universidade da Educação (UDE), que acabou derrubada no Parlamento pelos partidos da oposição. Não foi uma conquista pequena, levando-se em conta que era a primeira nova universidade pública criada no Uruguai em 165 anos.

Em relação à reforma do Estado, Mujica encarou com entusiasmo e ambição uma revolução para acabar com a burocracia. O Uruguai é conhecido pela grande quantidade de funcionários públicos e pela ineficiência da gestão. A batalha se concentrou na mudança dos planos de carreira, o que o levou a entrar em confronto com o sindicato da categoria. A estratégia elaborada pelo governo se baseava na experiência da Nova Zelândia. A proposta era reformar integralmente a carreira administrativa, eliminar as velhas estruturas de cargos e estabelecer um sistema mais dinâmico, baseado em uma escala salarial concentrada na complexidade do trabalho desempenhado e na responsabilidade associada à função, e não no tempo de serviço.

Para Mujica, era preciso colocar todos os funcionários para trabalhar porque “30% ou 40% fazem tudo e o resto faz muito pouco”. A ideia de que todos devem trabalhar oito horas diárias em vez das seis vigentes sofreu dura resistência do sindicato. Por fim, o máximo que o governo alcançou foi um novo estatuto do funcionalismo público com tímidas mudanças e o desenvolvimento de alguns programas para melhorar a eficiência e a formação dos funcionários. Mas essas conquistas estavam longe das aspirações iniciais.

A página infeliz da história

A relação com os militares foi um tema estratégico que Mujica deixou nas mãos de um homem de sua confiança, o ministro da Defesa, Fernández Huidobro. Um dos problemas com que precisavam lidar era a violação dos direitos humanos por parte da ditadura militar. Já tinham se passado mais de 20 anos desde que Sanguinetti quisera virar a página com a lei de anistia para os presos políticos e a denominada lei de caducidade, a anistia para os militares e

policiais durante o período ditatorial.

O MLN-T concordou com essa transição, como deu a entender o primeiro discurso de Mujica ao sair da prisão. No entanto, nem todos estavam de acordo, e diferentes organizações apresentaram recursos contra essa lei. Dois plebiscitos foram convocados para tentar anulá-la, em 2007 e 2009, mas o resultado foi contrário à proposta.

Em 2010, a Frente Ampla apresentou um projeto de lei interpretativo da Constituição para alterar dois artigos polêmicos dessa lei. Mujica enfrentava um dilema: defender os acordos de 1986 e os resultados dos plebiscitos ou ceder à forte pressão local e internacional para punir os crimes de lesa-humanidade.

Mujica se inclinava a deixar as coisas como estavam e apelava para sua polêmica definição de que *toda forma de justiça é uma negociação com a necessidade de vingança*. E a vingança não favorece a reconciliação.

Embora em um primeiro momento tenha apoiado a proposta de lei da Frente Ampla, posteriormente mudou de posição e intercedeu de forma decisiva no Senado para bloquear seu trâmite. Em 2011, uma decisão da Corte Interamericana de Direitos Humanos obrigou o Estado uruguaio a revisar a lei de caducidade naqueles pontos que impediam a investigação e o julgamento dos crimes de lesa-humanidade. Diante dessa nova situação, o Parlamento aprovou a alteração da lei de caducidade, que foi rapidamente promulgada pelo presidente Mujica.

A agenda atrevida

Em 2012 e 2013, o governo de Mujica promoveu um conjunto de medidas que colocaram novamente o Uruguai na vanguarda das regulamentações em nível continental: a legalização controlada da maconha, a lei de interrupção voluntária da gravidez e a legalização do matrimônio igualitário. Além dessas medidas, em sua gestão houve avanços na redação de uma lei para regulamentar os meios de comunicação que substituiria a antiga, da ditadura. Embora o projeto já tivesse sido muito debatido e contasse com os votos necessários para sua aprovação – além do apoio de organizações internacionais –, sua votação foi postergada para depois das eleições, por um pedido expresso do candidato a presidente Tabaré Vázquez.

Essas medidas, que não estavam incluídas nas promessas do novo governo, terminaram adquirindo peso e repercussão tais que certamente estarão entre os atos mais lembrados de sua gestão. Sobre as mais controvertidas, como as relativas ao aborto e às drogas – com as quais Mujica não está de acordo –, o presidente costuma declarar que aplicou de forma pragmática "um princípio muito simples: reconhecer os fatos".

O anúncio da legalização da maconha foi surpreendente porque não se ajustava à linha de pensamento do velho tupamaro. Em várias entrevistas, Mujica referiu-se ao problema dos vícios com comentários polêmicos sobre os viciados que não queriam fazer tratamento, dizendo que era preciso "agarrá-los pelo cangote e enfiá-los em uma clínica para arrancá-los do vício de uma vez". Essas ideias "da rua", desaconselhadas por especialistas, não tiveram apoio nem nas próprias fileiras da Frente. Por outro lado, a legalização da maconha era uma opção que havia ganhado muito apoio das forças políticas e sociais uruguaias. Mas, tratando-

se de uma questão tão delicada e com tantos detratores, ninguém esperava que pudesse ser aprovada num prazo tão curto.

A essa altura, o tupamaro da velha guarda Fenández Huidobro se ocupava do Ministério do Interior. Foi ele quem se encarregou de anunciar essa medida, que representava um teste piloto, dadas as escassas experiências mundiais. A lei estabelece um sistema regulado pelo Estado para a comercialização, os limites de compra, o autoconsumo, a publicidade e outros aspectos da questão.

A aprovação da lei talvez tenha sido a medida que teve maior impacto midiático em nível mundial, contando com mais apoio que oposição. Esse se tornou um tema obrigatório nas muitas entrevistas que Mujica deu nos últimos anos. Fiel a seu estilo direto e de frases contundentes, ele reconhece que o único vício que considera aceitável é o do amor. E arremata: “Se para ser livre eu tenho que usar drogas, estou frito. Ou já tenho a liberdade aqui ou não tenho.” Na verdade, sua defesa da aplicação dessa lei se baseia no ataque a outro problema mais profundo: o narcotráfico.

> O problema não é a maconha, que é uma praga como qualquer vício. O problema que existe por trás é o narcotráfico. Defendemos que o Estado se encarregue disso (…). Roubar o mercado do narcotráfico é a melhor maneira de combatê-lo. A outra opção é o que já acontece: apreendemos um carregamento aqui, depois outro ali, ganhamos um monte de batalhas, mas, no final, eles ganham a guerra. Eu não sei se o que estamos propondo pode contribuir para solucionar o problema. O que tenho claro é que 100 anos perseguindo o vício das drogas não deram resultado. (2013)

A lei de descriminalização do aborto, por outro lado, teve uma trajetória de debate e discussões legislativas muito amplas. O presidente Jorge Batlle havia defendido uma lei que foi vetada no Parlamento com os votos contrários, entre outros, dos senadores Mujica e Fernández Huidobro. Durante o governo de Vázquez, o Congresso aprovou uma lei que acabou sendo vetada pelo presidente. Finalmente, a lei aprovada durante o governo de Mujica teve que lidar com um último obstáculo quando os grupos antiaborto promoveram um plebiscito. Mas o apoio alcançado não foi suficiente.

> E quem está a favor do aborto como princípio? (…) Mas há várias mulheres que se veem na amargura de ter que tomar essa decisão contra todas as adversidades (…) e a tomam independentemente das discussões que os políticos e os filósofos possam ter. Eu acho que reconhecer a existência desse fato, colocá-lo em cima da mesa legalizando-o, nos dá a oportunidade de poder trabalhar para evitar a decisão dessas mulheres, e se há uma questão econômica, uma questão de solidão, uma questão de angústia, os fatos nos mostram que muitas mulheres mudam de ideia e mais vidas podem ser salvas. A outra possibilidade, que é deixá-las isoladas em meio ao seu drama, me parece um tanto hipócrita. (2013)

A lei de casamento igualitário foi a que teve mais consenso na sociedade. Uma lei similar,

aprovada pouco antes na Argentina, as próprias tradições liberais dos partidos uruguaios e o peso de diferentes movimentos sociais facilitaram sua abordagem.

> O casamento gay, por favor, é mais velho que o mundo. Tivemos Júlio César, Alexandre, o Grande. Dizem que é moderno, mas é mais antigo que todos nós. É uma realidade objetiva. Existe. Não legalizá-lo seria torturar as pessoas inutilmente. (2014)

No estribo do Brasil

A política internacional foi um dos pontos fortes da gestão de Mujica. Esse êxito tem muito a ver com a projeção de sua própria figura, que atraiu interesse e admiração em todo o mundo. No entanto, os assuntos internacionais não apareciam entre as prioridades de seu governo, com exceção do conflito com a Argentina pela instalação de uma fábrica processadora de celulose na cidade fronteiriça uruguaia de Fray Bentos.

Os alinhamentos da política exterior, conduzida por um diplomata de carreira, concentravam-se no respeito aos direitos humanos, na autodeterminação, na não ingerência nos assuntos internos de outros Estados, no respeito ao meio ambiente e na integração.

Em seu discurso de posse, Mujica tinha anunciado que a prioridade era o Mercosul. Em seu "Ai, Mercosul", deixou entrever as frustrações de um país pequeno perante uma instituição regional controlada pelos dois vizinhos mais poderosos. Distante dos protocolos – ou da "parafernália" de um ato oficial –, tinha se mostrado mais cru e prático em entrevistas onde manifestava que o Mercosul "não serve para merda nenhuma" e que era preciso "negociar com os Estados Unidos, com o Irã, com a Líbia e com quem vier".

Como ministro da Pecuária, já tinha se manifestado contra qualquer tabu que limitasse a possibilidade de fazer comércio com quem quer que fosse. Dizia que, em lugar de embaixadas que não serviam para nada, esses edifícios seriam mais úteis como "churrascarias uruguaias", nas quais o mundo conheceria as maravilhas da carne do país. Para atrair investidores externos – outro tema que devia ser tratado sem tabus –, era necessário enviar ao mundo uma mensagem muito clara de que o Uruguai garantia a segurança jurídica dos investimentos.

> Meu país é pequeno e está em uma esquina importante. Se for pelo mercado, podem ir a outros, que são maiores. Nós temos que jogar com a carta da seriedade, da segurança, porque no mundo não se procura apenas lucro, mas também segurança. (2013)

O realismo de sua política externa é evidenciado na relação fluida e cordial com os Estados Unidos. Apesar de sempre ter afirmado que "o melhor que os Estados Unidos fizeram na América Latina foi quando não se meteram", recebeu elogios dos máximos mandatários norte-americanos, desde Bush pai até Obama. Em 2013 surpreendeu o mundo com o anúncio de negociações para receber os presos islâmicos mantidos em Guantánamo.

> Se [os prisioneiros] querem montar um lar e trabalhar no país, que fiquem aqui. Vêm como

refugiados e o Uruguai lhes dá um lugar se quiserem trazer a família e todo o resto. (2013)

Sua relação pessoal e as semelhanças ideológicas com diferentes presidentes latino-americanos o converteram no interlocutor privilegiado dessas relações. Ele se ocuparia do “bairro”, a América Latina, e o ministro de Relações Exteriores se ocuparia do resto. E o preferido da região era o Brasil, não só pela simpatia e a afinidade com Lula, mas também porque Mujica reconhecia de forma pragmática que o Brasil era o líder regional e uma potência em ascensão em nível mundial.

Em 2011, usou uma de suas metáforas: “O Uruguai deve subir no estribo do Brasil e deixar-se liderar pelos brasileiros.” Alguns criticaram essa política, que poderia deixar sem capacidade de manobra um país que nunca teve uma política internacional sólida. Um exemplo de adoção dessa prática foi o ingresso da Venezuela no Mercosul.

O pedido da Venezuela para ingressar no Mercosul esteve muito tempo bloqueado pelo Parlamento paraguaio, que não concordava com a proposta. Quando o Congresso desse país destituiu de forma polêmica o presidente Fernando Lugo, a participação do Paraguai como membro do Mercosul ficou suspensa. O Brasil aproveitou esse momento para promover o ingresso da Venezuela.

Essa medida sofria a resistência da chancelaria uruguaia e do próprio presidente, que questionavam os fundamentos jurídicos dessa decisão. Mujica mudou de opinião em uma reunião pessoal com a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, e o Mercosul abriu as portas para a Venezuela. Quando os jornalistas perguntaram sobre essa mudança de posição, o presidente respondeu com uma frase típica do realismo político que despertaria polêmica no futuro:

Às vezes os argumentos políticos estão acima dos jurídicos. (2012)

Essa disposição para estar de acordo com as estratégias do Brasil não diminuiu a importância das relações com o vizinho do outro lado do rio da Prata. O fato de funcionar como Estado-tampão entre dois gigantes, ou “um algodão entre dois cristais”, foi decisivo no oscilante equilíbrio de suas relações com o Brasil e a Argentina.

Nos termos de Mujica, a relação se explicava desta maneira: “Para conseguir algo da Argentina, é preciso se encostar um pouco no Brasil. É como a velha lei do pêndulo.”

Os primos rio-platenses

O vínculo entre Uruguai e Argentina, sobretudo com a cidade de Buenos Aires, é muito profundo e existe desde o nascimento dos dois países. A história, a cultura e as relações permanentes fizeram esses laços serem como aqueles mantidos entre primos-irmãos muito parecidos e em cuja relação não faltam brigas. Às vezes esses conflitos causam distanciamentos muito profundos, que podem durar anos. Um exemplo recente disso foi a guerra das papeleiras.

A questão teve início em 2005, com a instalação de uma fábrica de tratamento de celulose em Fray Bentos, às margens do rio Uruguai. O uso desse rio fronteiriço está regulamentado por acordos bilaterais que definem, entre outras coisas, a gestão econômica e ambiental de seu curso. A princípio, o governo argentino levantou objeções tímidas a esse empreendimento que significava um investimento econômico multimilionário, de grande impacto para o país.

Mas a coisa mudou de figura drasticamente quando surgiu um movimento de oposição muito violento contra as papeleiras, organizado na cidade argentina de Gualeguaychú, que faz divisa com Fray Bentos. Durante meses, milhares de moradores e ecologistas interromperam o trânsito e bloquearam a principal ponte de acesso ao Uruguai. O governo argentino foi ficando cada vez mais irredutível quanto à sua posição até que o caso terminou no Tribunal Internacional de Haia, que em 2010 determinou que a fábrica não estava causando poluição, mas que o Uruguai não havia informado devidamente seu vizinho dos detalhes da construção. Esse processo deixou ressentimento nas relações entre os dois países e sensibilizou especialmente o orgulho nacional dos uruguaios por terem enfrentado um adversário mais poderoso.

Mujica, conhecendo muito bem a cultura argentina e assumindo uma visão pragmática de “estar condenado a se entender” com seu vizinho, tentou mediar o conflito durante seu mandato como senador. As visitas à presidenta Kirchner em 2008 geraram inúmeras críticas nos meios de comunicação uruguaios. Em 2009, foi divulgada a notícia de que os Kirchner estariam financiando sua campanha à Presidência, o que gerou ainda mais críticas. Em seu governo, as relações melhoraram, e foi selado um acordo em 2010. Mas a autorização para aumentar a produção da fábrica de celulose voltou a provocar tensões e respostas da Argentina, dessa vez em forma de sanções com medidas protecionistas contra os produtos uruguaios.

> Tive que tomar essas medidas pelos finlandeses. Estávamos colocando em risco uma fábrica que não é para meu governo, mas para 2017. Só que é importante para o Uruguai. Porque este é um país pequeno, e um investimento de 3 ou 4 bilhões de dólares é muito dinheiro! E, bom, tenho a obrigação de brigar por isso para meu país. A Argentina, claro, estava no período eleitoral, e isso pegou muito mal. (2014)

Filósofo mundial

Mujica é o político uruguaio que mais biografias inspirou. A página oficial da Presidência do Uruguai dedicava uma seção especial às extensas entrevistas que os meios de comunicação mais importantes do mundo realizaram com o presidente Mujica nos últimos anos. Um mapa interativo mostrava o interesse global por uma figura que ocupou primeiras páginas ou espaços televisivos de destaque em países de todos os continentes. Suas aparições na CNN, no *The Wall Street Journal*, no *The Guardian*, na *The Economist*, na Al Jazeera e no *Le Monde Diplomatique* demonstram que o interesse por sua figura transcendia as tendências ideológicas dos meios de comunicação.

Mujica se transformou em uma estrela midiática que surpreendia por seu estilo de vida, suas reflexões filosóficas e seus inéditos atos de governo. Muitos jornalistas do mundo

passaram por sua humilde casa em Rincón del Cerro para conversar com um presidente que não tinha vergonha de mostrar a cama por fazer e os pratos deixados na pia. Na Espanha, por exemplo, foram feitas pelo menos dez reportagens que popularizaram muito sua figura.

O clima de corrupção de muitos países e a crescente má distribuição de renda ajudaram a destacar o caráter exemplar de sua figura. O mundo precisava de um pouco de ar fresco e de boas notícias diante do desânimo causado pela crise econômica e do ódio dos cidadãos contra a classe política. Essas reportagens foram compartilhadas nas redes sociais, tal como vários vídeos virais que reproduziram as gafes de um presidente que não hesitava em chamar os dirigentes da FIFA de "filhos da p…" ou um funcionário da ONU de "velho careta", nem em se expressar sobre o casal Kirchner da Argentina com a frase: "Essa velha é pior que o caolho. O caolho era mais político, ela é mais cabeça-dura."

Mas Mujica também mostrou uma faceta mais séria e formal, que foi apresentada nos discursos que pronunciou na Cúpula Mundial Rio+20 e na Abertura da 68ª Assembleia Geral da ONU. Essas duas falas do presidente sintetizam um pensamento de profunda raiz filosófica e expressam seus princípios de vida em relação à natureza humana e ao mundo.

Na Cúpula Rio+20, ele apresentou a ideia de que o "desafio é que a grande crise não é ecológica, é política", já que as forças que "o homem desatou são as que estão governando. A luta deve ser cultural para alcançarmos outra maneira de viver que não seja governada pelo mercado".

Isso implica um novo olhar sobre a maneira de viver a partir de um compromisso pessoal com determinados valores. Uma de suas frases favoritas, que define seu próprio estilo de vida, mostra o caminho da luta contra o hiperconsumo:

> Pobre não é quem tem pouco. Pobre é quem precisa de infinitamente muito e deseja cada vez mais, é um costume de caráter cultural. O primeiro elemento do meio ambiente é a felicidade humana. (2012)

Em seu discurso na ONU, Mujica afirmou que, se o mundo não mudar de rumo, a espécie humana corre o risco de sucumbir. O desafio mentiroso do consumismo e o antivalor do enriquecimento atentam contra a natureza e as relações humanas – o amor, a amizade, a família e a solidariedade –, assim como contra o tempo livre.

> Parece que nascemos somente para consumir, e, quando não conseguimos, lidamos com frustração, pobreza e autoexclusão. (…) Aturdidos, fugimos de nossa biologia, que defende a própria vida, e a suplantamos pelo consumismo, que contribui para a acumulação. (2013)

Mujica defendeu a recuperação do republicanismo de homens iguais, em que "ninguém é mais que ninguém", com governos que deveriam representar o bem comum, a justiça e a igualdade. Os governos não deveriam esquecer esses princípios e deveriam "se parecer cada vez mais com suas respectivas cidadezinhas na forma de viver e de se comprometer com a vida".

Criticou o funcionamento das instituições mundiais que “hoje vegetam à sombra consentida das grandes nações, as quais querem reter sua cota de poder e bloqueiam a ONU, as que foi criada com uma esperança e com um sonho de paz para a humanidade”. E defendeu novas regras globais a partir de “um governo para a humanidade que supere o individualismo e lute para recriar cabeças políticas que respondam à ciência, não apenas aos interesses imediatos que nos governam e afogam. É preciso entender que os indigentes do mundo são de toda a humanidade”.

O realismo de um socialista libertário

“Esqueçam tudo que escrevi”, disse o teórico da dependência Fernando Henrique Cardoso ao assumir a Presidência do Brasil. Em seu governo, de coalizão centro-direita, aplicou as políticas econômicas de mercado que tanto havia criticado nos próprios artigos acadêmicos. Seu sucessor, Lula, não apenas trocou de roupa para ser eleito, mas também mudou o radicalismo de seu discurso. Na *Carta ao povo brasileiro*, de 2002, ele deu garantias de que respeitaria as regras do jogo vigentes e que seu modelo seria uma mudança negociada com todos os setores. Mujica resumiu com sua crua franqueza e sua ironia o destino dos sonhos e das utopias de sua geração nos anos 1970: “Antes queríamos mudar o mundo, agora nos conformamos em arrumar nossa vereda.”

A mensagem da campanha eleitoral da Frente Ampla, “Mais do mesmo”, visava a dissipar qualquer temor ou suposição de uma mudança radical na política econômica. Sua reafirmação constante de que o modelo econômico a seguir era o de Lula, e não o de seus amigos Chávez e Fidel Castro, significava deixar na gaveta grande parte do legado marxista e libertário que sempre havia defendido.

Durante a campanha, Mujica garantiu a continuidade da equipe de governo e das políticas econômicas do seu antecessor, Tabaré Vázquez. Para Mujica, essas políticas se resumiam na ideia de alcançar um “capitalismo a sério”, baseado em um orçamento de “sociedades decentes” para desenvolver ao máximo as forças produtivas. E, apesar de ter manifestado sua oposição ao consumismo muitas vezes, ele reconhece que esse é o motor da economia e do crescimento.

Embora continue “tendo os mesmos questionamentos sobre o capitalismo que tinha há 40 anos”, seu pragmatismo e sua capacidade de reconhecer os fatos como são o levaram a aceitar a convivência com as regras do jogo que repudia.

> Não se confundam. Eu não faço a apologia da pobreza nem defendo que todos fiquem quietos e voltem à época das cavernas: (…) sou contra a sociedade do esbanjamento intelectual, mas sou governante e não posso fazer merda nenhuma. Deixem-me ao menos a liberdade de dizer o que penso. (2012)

Conforme disse, sua missão como governante é “multiplicar a riqueza do meu povo para que meu povo possa gastar mais, para que meu povo tenha acesso aos bens e produtos do desenvolvimento da ciência e para poder oferecer os melhores serviços de saúde e

educação".

Essas ideias se traduziram em políticas de fomento aos investimentos externos, de garantias de segurança jurídica para os investidores, moderação fiscal com um rígido controle dos gastos públicos, investimentos em grandes obras de infraestrutura e desenvolvimento de projetos na área energética.

A construção de um porto de águas profundas, a aprovação de uma nova lei de mineração que favorece a exploração a céu aberto de jazidas de minério de ferro e o impulso renovador às indústrias de celulose são alguns dos resultados mais emblemáticos de sua gestão. Mujica também se ocupou dos mais humildes através do programa Juntos, para a construção de moradias sociais, e da lei de regulamentação do trabalho rural, que era uma antiga reivindicação da esquerda uruguaia.

Ao fazer um balanço de sua gestão, o Banco Mundial classificou como bom o desempenho econômico do Uruguai, já que a economia manteve altas taxas de crescimento, superiores à média da região, níveis baixos de desemprego – 6,5% em seu último ano de governo – e alto nível de igualdade de oportunidades em termos de acesso a serviços essenciais, tais como educação, água potável, eletricidade e saneamento básico.

Pelo seu bom desempenho na área de desenvolvimento social, a revista *The Economist* elegeu o Uruguai o país do ano em 2013. Fiel a seu estilo de não se levar muito a sério, Mujica comentou esse reconhecimento: "Como devem estar mal os outros!"

O futuro

Nas eleições presidenciais de outubro de 2014, a Frente Ampla foi o partido mais votado, com 48% dos votos contra 31% do segundo colocado, o Partido Nacional. Apesar de não ter conseguido a maioria absoluta, dava-se como certo que Tabaré Vázquez seria eleito presidente com um Congresso controlado majoritariamente pelas forças da Frente.

Foi uma campanha eleitoral difícil, na qual os partidos da oposição se concentraram em apontar os "fracassos" do governo, especialmente nas áreas de educação e segurança. O problema da insegurança é uma das questões que mais preocupam os uruguaios, apesar de o país, de acordo com estudos especializados, ser o mais seguro da América Latina. Esses e outros temas que foram apresentados na campanha mostram que o eleitorado uruguaio está se tornando cada vez mais exigente e reivindica melhorias em seu bem-estar.

No entanto, o amplo triunfo eleitoral foi um reconhecimento da gestão do veterano lutador social. Sobre seu futuro, quando lhe perguntaram qual seria o seu papel quando deixasse a Presidência, Mujica respondeu: "O de todos os velhos. Dar conselhos aos quais ninguém dá bola." Perto de completar 80 anos, Mujica se apresentou novamente como candidato a senador, acompanhando o segundo mandato de sua mulher, Lucía. Novamente, a lista 609 foi a mais votada.

Seu outro plano para o futuro é adotar crianças, uma tarefa que não pôde realizar em sua juventude porque estava "ocupado mudando o mundo". Também pretende retomar um velho projeto que tinha com sua mulher, de deixar suas terras para filhos de pobres que queiram trabalhar nelas. Sobre o fim de seu mandato, anunciou: "Quando tirar esta roupa (o governo)

que tanto me pesa, tenho ideia de pegar uns 30 ou 40 guris pobres e levá-los para morar comigo.”

No dia da eleição, chegou à seção eleitoral muito cedo para votar, e foi até lá em seu famoso fusca azul. Animado e rodeado por uma multidão de seguidores que tinham ido ali só para vê-lo, fechou a jornada eleitoral com uma frase de sua filosofia particular:

> Sempre haverá aqueles que vão se sentir vencedores, já outros nem tanto, e alguém que vai se sentir perdedor. Mas, na verdade, diante da vida, ninguém perde. (2014)

PARTE II

SERVINDO DE INSPIRAÇÃO

1

Vamos cuidar da vida. Temos toda a eternidade para não ser.

Essa afirmação, feita pelo presidente Mujica em uma entrevista realizada por Juan José Millás para o jornal *El País* em março de 2014, não é a única reflexão que o presidente uruguaio fez sobre a importância de aproveitar a vida. "Estou com pressa, porque a minha vida está acabando", afirmou para a CNN em abril de 2012.

Mas Pepe não conquistou pouco no tempo transcorrido entre um comentário e outro. Como muitos antes dele, Mujica soube perceber que é preciso aproveitar a vida enquanto a temos – sobretudo enquanto estamos bem: com saúde, forças e energia para deixar uma marca no mundo.

Já no início da era cristã, os filósofos instruíam seus discípulos sobre a importância de sermos conscientes do tempo limitado – mas não necessariamente curto – da existência humana. Em sua obra *Sobre a brevidade da vida*, Sêneca fala da mortalidade e de como enfrentá-la. Para ele, a vida não é curta; o próprio indivíduo é que faz com que pareça assim. Haveria três princípios básicos que podem nos ajudar a fazer com que o tempo que vivemos seja suficiente e bem aproveitado:

- Lembrar o passado, para ser consciente do muito que já se viveu.
- Viver com intensidade e consciência, para aproveitar o presente.
- Estar preparado para o futuro, mas não se concentrar nele nem encará-lo com medo.

Dessa forma, e agindo segundo os próprios valores, você pode aproveitar a vida para alcançar a realização pessoal e ajudar os demais. Como disse o próprio Mujica para o jornal chileno *El Mercurio*, em janeiro de 2014:

> A vida é bela. Não lhe damos valor a não ser quando estamos perto de perdê-la. Não é um bem que se pode comprar, e nós a estamos perdendo. Então não temos o direito de sacrificar a vida de uma geração em nome de uma utopia.

2

Ter riqueza, bem-estar e consumir bens materiais não é o mesmo que ter felicidade.

O QUE MAIS DIFERENCIA O PRESIDENTE MUJICA de tantos outros políticos em nível mundial são sua simplicidade e seu estilo de vida modesto. Sem carros oficiais nem grandes mansões, ele preferiu levar à sua máxima expressão a ideia de que é preciso trabalhar pelo povo e para o povo, e dar o exemplo com seu modo de agir.

Em 12 de agosto de 2012, Mujica afirmou a Víctor Hugo Morales no programa *Bajada de Línea*:

> Ter riqueza, bem-estar e consumir bens materiais não é o mesmo que ter felicidade. Porque essa é a outra face de nossa angústia, que caminha pelas ruas na forma de milhões de indivíduos submersos na solidão em uma sociedade moderna multitudinária. Será que vão criar o índice da felicidade?

Não há dúvida de que vivemos numa sociedade materialista. Um estudo realizado na Universidade de Tilburg, na Holanda, demonstrou que as pessoas que se sentem solitárias são as mais consumistas. O consumidor parece ter engolido a ideia proposta pelo filósofo Erich Fromm: "Eu sou aquilo que tenho e consumo." Esse tipo de comportamento cria uma dinâmica que se retroalimenta:

- Em uma sociedade tão competitiva e na qual é tão difícil criar laços estreitos e satisfatórios com outras pessoas, o indivíduo se volta para os bens materiais, que prometem muitas soluções.
- Ele então sente a necessidade de comprar aquilo que o faça se destacar, ser único, demonstrar que pode adquirir o melhor do melhor.
- As constantes mudanças na moda, os avanços tecnológicos e a variação do conceito de beleza fazem com que o sujeito se dê conta de que ainda não alcançou o nível máximo de satisfação.
- O incômodo e mesmo a sensação de inferioridade que são decorrentes disso fazem com que o indivíduo tenha compulsão a comprar ainda mais.

Por isso é importante lembrar – especialmente quando você sente o impulso de comprar

algo que não é necessário, causando um desfalque no orçamento do mês – que em muitas das sociedades mais felizes da Terra os indivíduos têm poucos bens materiais e muita capacidade de desfrutar o que a vida e as pessoas queridas têm para lhes oferecer.

3

Eu não passei 14 anos na prisão por ser um herói, mas apenas porque me capturaram, porque me faltou velocidade para atirar. Foi minha vez de perder e até que tive sorte. Aos quixotes que se metem a transformar o mundo, o mínimo que pode acontecer é isso.

COM ESSA AFIRMAÇÃO PARA O JORNAL *El Mercurio* em 5 de janeiro de 2014, o presidente Mujica procurou desmitificar sua passagem pela prisão, que durou mais de uma década.

Mujica não quer ser herói e não permite que o comparem com Mandela porque, como diz, o sul-africano está em outro nível. Fiel à sua humildade, o presidente e ex-guerrilheiro afirma que não sente rancor e que prefere seguir o caminho de Che Guevara, que disse que "é preciso endurecer sem jamais perder a ternura". Em 2010, o presidente uruguaio recebeu de presente um diário manuscrito do revolucionário.

Ernesto Guevara foi um dos líderes da revolução que aconteceu em Cuba na década de 1950 e instaurou o Estado cubano, no qual teve importantes cargos. Che se transformou em um exemplo de luta que ainda hoje inspira muitas pessoas com ideais, inclusive Mujica.

Um dos princípios mais importantes nos quais se baseou a revolução pessoal de Che foi que, para ele, era de vital importância que cada um se apoiasse em sua ética individual, tanto para a luta quanto para a integração em uma sociedade pacífica. Utilizando o conceito de "novo homem socialista", Che convidou todos a desenvolverem o trabalho voluntário para se tornarem membros de pleno direito da nova sociedade que queria criar. Para ele, era fundamental que cada um

- tivesse um compromisso com a solidariedade;
- evitasse os incentivos materiais;
- buscasse o bem comum.

Porque Guevara era um duro lutador, mas o amor pelos demais era o que mantinha viva sua chama. Na carta de despedida a seus filhos, ele escreveu:

Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir fundo qualquer injustiça cometida contra

qualquer um em qualquer parte do mundo. Essa é a qualidade mais linda que um revolucionário deve ter.

4

O *Homo sapiens* é socialista porque viveu 90% de sua existência em organizações sociais em que o *seu* e o *meu* não existiam, onde os bens pertenciam à coletividade.

Segundo o artigo 24, sobre cooperação internacional, da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, proclamada pela Unesco em 19 de outubro de 2005:

- Os Estados devem fomentar a difusão de informações científicas em nível internacional e estimular a livre circulação e o aproveitamento conjunto dos conhecimentos científicos e tecnológicos.
- No contexto da cooperação internacional, os Estados devem promover a cooperação científica e cultural e chegar a acordos bilaterais e multilaterais que permitam que os países em desenvolvimento implementem as habilidades necessárias para participar da criação e do intercâmbio de conhecimentos científicos e das correspondentes competências técnicas, assim como para aproveitar seus benefícios.
- Os Estados devem respeitar e fomentar a solidariedade entre eles, além de promovê-la com e entre indivíduos, famílias, grupos e comunidades, em particular entre os que são mais vulneráveis em razão de doenças, deficiências ou outros fatores pessoais, sociais e ambientais, e entre os que possuem recursos mais limitados.

A singularidade dos povos enriquece a cultura, mas o fato de podermos compartilhar tudo aquilo que possa ajudar a trazer melhorias para outra sociedade também enriquece as pessoas que a compõem. Segundo a Unesco, o ser humano moderno possui a capacidade de “refletir sobre a própria existência e seu ambiente, assim como perceber a injustiça, evitar o perigo, assumir responsabilidades, procurar a cooperação e dar mostras de um sentido moral que expresse princípios éticos”. A solidariedade é algo inato no ser humano, pois, assim como afirma Mujica em uma entrevista a Víctor Hugo Morales no programa *Bajada de Línea* de 12 de agosto de 2012, “é inerente ao ser humano desde suas origens”.

5

Para mim, a política é a luta para que a maioria das pessoas viva melhor. Viver melhor é ser feliz, e não apenas ter mais – e isso tem a ver com as carências materiais, sim, mas também com outras coisas.

JÁ EM 1806, BENJAMIN CONSTANT DE REBECQUE, um político de origem suíça, escreveu uma obra chamada *Princípios de política aplicáveis a todos os governos*. Influenciado pelas ideias da então recente Revolução Francesa – que Constant testemunhou no apogeu de sua juventude –, procurava assentar pilares firmes para uma nova democracia na qual o interesse dos cidadãos e a liberdade individual estivessem em primeiro lugar.

Essa afirmação de José Mujica, reproduzida em uma reportagem na TV espanhola, poderia ser um dos princípios gerais imprescindíveis para o manual perfeito da política moderna. Se uma boa conduta fosse compartilhada por todos os povos, não apenas em nível cooperativo e legal, mas também político, haveria uma convivência pacífica entre os Estados e uma melhor qualidade de vida de seus habitantes. Para que haja uma reformulação completa dos governos, é importante adotar algumas medidas:

- Respeitar a si mesmo e os demais.
- Cuidar do planeta e do meio ambiente.
- Buscar soluções pacíficas para os problemas e conflitos.
- Cooperar com os mais desfavorecidos e ajudá-los.
- Adotar um padrão de transparência e veracidade na comunicação.
- Evitar a exclusão das pessoas em função de origem, raça ou crença.
- Cultivar a generosidade de espírito e se dedicar à função pública.

"A política não é um passatempo nem uma profissão, é uma paixão motivada pelo sonho de criar uma sociedade melhor", afirmou Mujica em uma entrevista à emissora da TV espanhola RT, em janeiro de 2013.

Assim como na política, esses pontos também podem ser aplicados no âmbito pessoal para a criação de um estilo de vida mais satisfatório no qual não caibam o orgulho nem o arrependimento. Conforme fez o presidente Mujica, criar uma boa política de gestão pessoal pode ser o primeiro passo para construir uma sociedade mais inovadora e igualitária.

6

Ser livre é ter tempo para fazer as coisas que nos motivam.

UMA DAS MAIORES EXPRESSÕES DO SEU MODO de enxergar a vida é a maneira como você define a liberdade pessoal. Enquanto para alguns sentir-se livre pode significar ter riquezas e não precisar se preocupar com limitações financeiras, para outros é estar conectado com todo mundo, a todo momento. Para pessoas como o presidente Mujica, porém, é simplesmente ter tempo livre para fazer o que quiser.

A própria expressão "tempo livre" já indica que os momentos que podemos dedicar a nós mesmos nos proporcionam liberdade. De acordo com o psicólogo Frederic Munné, autor do livro *Psicosociología del tiempo libre*, as pessoas precisam tomar consciência de que não estão tão presas à escravidão da vida moderna como podem pensar. Tempo livre é todo aquele que

- sobra depois do trabalho;
- está isento das necessidades e obrigações cotidianas;
- é empregado na atividade que quisermos;
- é destinado ao desenvolvimento físico e intelectual do homem como fim em si mesmo.

Não é por acaso que Mujica lembra um fato de sua infância com especial carinho: apesar das obrigações escolares e do trabalho, sempre sobrava tempo para as crianças do bairro jogarem futebol nas ruas de terra batida.

Quando bem aproveitado, o tempo pode ser a melhor fonte de liberdade pessoal que se pode ter, e não demanda recursos financeiros ilimitados nem tecnologia de ponta. Coisas como passear pela praia, observar seus filhos brincando, sentar-se para tomar café com um amigo ou escrever seus pensamentos em um diário podem dar asas à imaginação, às emoções e à criatividade, o que normalmente, entre uma obrigação e outra, fica sempre para depois.

7

A mochila das lembranças se carrega nas costas enquanto se caminha para a frente. Porque do contrário não se pode viver.

COM ESSA DECLARAÇÃO PARA *El Periódico* no dia 1º de dezembro de 2013, Mujica expressou como lida com as lembranças de sua época na prisão. Depois de uma vida difícil, o presidente uruguaio aprendeu a colocar as lembranças ruins no devido lugar. Lidar corretamente com as vivências desagradáveis é essencial para a superação de traumas e depressões.

Viver com fantasmas no armário não é fácil, e muitas vezes as pessoas preferem manter as portas fechadas e observá-los de longe. Mas se, com o passar do tempo, se atrevessem a encará-los, perceberiam que aquilo que acreditavam ser lembranças terríveis são apenas desagradáveis – ou simplesmente lembranças.

Os especialistas recomendam seguir uma série de diretrizes para enfrentar as vivências das quais não guardamos boas lembranças e aprender a superar o incômodo que elas nos ocasionam:

- Relembrar o acontecimento sob outra perspectiva, como se fosse um filme com outra pessoa: dessa forma, você elimina o componente pessoal, o que faz ser possível ver as coisas de maneira mais objetiva.
- Identificar a fonte de angústia.
- Colocar-se no lugar dos outros envolvidos para compreender por que agiram daquela forma.
- Evitar os comentários nocivos, que não levam a lugar nenhum, e deixá-los para trás.
- Transformar os erros em uma fonte de ensinamentos.
- Tomar consciência de que o passado não pode ser mudado.

Como disse Mujica em uma reportagem na TV espanhola: “Na vida é preciso aprender a carregar uma mochila de dor, mas não viver olhando para ela.”

8

Não anda mais rápido aquele que vai apressado, mas o que caminha mais firme.

HOJE EM DIA É COMUM AGIR POR IMPULSO, procurar a solução ou o benefício imediatos. Isso não acontece somente no âmbito pessoal, mas também no político.

Muitas vezes, a pressa ou as emoções provocam mudanças globais, como aconteceu quando Páris de Troia desejou Helena, esposa de Menelau. A impaciência para entrar em combate fez com que o exército francês organizasse mal suas tropas, perdendo a batalha de Crécy para os disciplinados ingleses em 1346, e quase fez com que Napoleão perdesse a batalha de Somosierra em 1808, quando foi salvo da derrota pela cavalaria polonesa.

A impaciência e a falta de reflexão muitas vezes causam problemas e mal-entendidos – que poderiam ter sido evitados se tivéssemos dedicado o tempo necessário a meditar na hora de tomar nossa decisão. No entanto, nunca é tarde para aprender a avançar com segurança até a realização dos nossos objetivos, como Mujica assinalou constantemente ao longo de sua vida política.

A aposta na paciência e no bom proceder vêm de longe, e remonta à Antiguidade clássica. As virtudes que os gregos mais valorizavam no âmbito cívico eram a valentia, a sensatez e a justiça.

No livro *A República*, Platão as reuniu e acrescentou uma quarta aptidão, convertendo-as nas Quatro Virtudes Cardeais, posteriormente adotadas pela doutrina cristã:

- Justiça: Conhecer a si mesmo e coexistir com os demais. Procurar dar a cada um o que lhe corresponde.
- Prudência: Ver o todo, não apenas a parte, agir com cautela, discernir entre o bem e o mal e evitar causar prejuízo a si e aos outros.
- Fortaleza: Preservar o todo, através de uma conduta baseada no enfrentamento dos medos, e desenvolver a coragem para fazer o que é preciso.
- Temperança: Para controlar nossas tendências e dominar os instintos por meio da honestidade e da vontade.

Interiorizar virtudes como essas pode levar o indivíduo ao melhor caminho e inclusive fazer com que ele consiga – como o presidente Mujica – guiar outras pessoas na direção correta.

9

Se para ser livre eu tenho que usar drogas, estou frito. Ou já tenho a liberdade aqui ou não tenho.

O CONSUMO DE DROGAS SEMPRE FOI uma fonte de preocupação para os governos de todos os Estados. O Uruguai criou a Junta Nacional de Drogas e o Observatório Uruguaio de Drogas para avaliar a incidência do vício na população.

Na pesquisa nacional realizada em 2011, foram obtidos os seguintes resultados:

- O álcool é a droga mais consumida pela população da amostra, com uma taxa de 74% de consumidores.
- A idade média de início do consumo de álcool é de 13 anos, sem diferença entre os gêneros.
- O tabaco ocupa o segundo lugar, com a taxa de 33,9%.
- Cerca de 16% da população estudada consumiram tranquilizantes alguma vez na vida. Dentre esses, um em cada seis o fez sem prescrição médica.
- A substância ilegal preferida e cujo consumo teve maior crescimento desde 2006 é a maconha, com incidência de 8,3%. Quanto ao perfil do usuário, as taxas mais altas de consumo são atribuídas a homens residentes em Montevidéu e com idade entre 18 e 25 anos.
- A cocaína é a segunda substância ilegal mais consumida (sensivelmente menos que a maconha). Cabe lembrar que, no caso dessa substância, é predominante o consumo experimental (algumas vezes na vida).
- Com relação às substâncias sintéticas, seu uso apresenta valores desprezíveis na amostra pesquisada.

O relatório final conclui:

> No entanto, não se pode deixar de apontar que não há drogas sem riscos, e, portanto, devemos partir do reconhecimento de que o consumo de drogas não é um problema distante de nós e que precisamente por isso devemos enfatizar a importância e a necessidade de se fazer algo a respeito.

10

No final, o mais cômodo na vida é a verdade. É preciso ver as coisas como são.

Foi o que disse Mujica para a CNN2 em espanhol, no dia 13 de dezembro de 2013, sobre como prefere lidar com temas políticos, como drogas. Poucos dias antes, a legalização da venda e do cultivo de maconha no Uruguai havia sido aprovada com o respaldo do presidente.

A sinceridade e a honestidade são valores que, apesar de serem considerados virtudes, também são vistos como um perigo potencial em uma sociedade em que o politicamente correto e as opiniões dos outros às vezes encorajam as "mentiras piedosas" e a hipocrisia.

Para escrever o artigo "É razoável dizer sempre a verdade?", publicado no jornal *El Mundo*, Beatriz Portalatín ouviu alguns especialistas. Segundo eles, as pessoas mentem por três motivos fundamentais: 1) para evitar alguma punição, 2) para conseguir prêmios ou vantagens sobre os demais e 3) para se adaptar a um meio hostil. Essas razões levam muitos a discutir se as pequenas mentiras do dia a dia não seriam, na verdade, benéficas para o desenvolvimento de uma coexistência pacífica entre as pessoas.

No entanto, numerosos estudos demonstram que aqueles, como Mujica, que falam a verdade se sentem melhor do que os que mentem. A psicóloga Anita D. Kelly analisou durante dez semanas as reações de 110 pessoas diante de certas situações. Os resultados indicaram que aqueles que haviam sido treinados para mentir menos tinham uma saúde melhor, o que se refletia em outros aspectos da sua vida, pois eles

- eram menos tensos;
- sentiam menos angústia e ansiedade;
- sofriam menos dores de cabeça;
- tinham menos dores de garganta.

Dizer a verdade, portanto, nos leva a agir da forma correta. Quando não ignoramos nem ocultamos os problemas é que encontramos suas soluções – assim como fez Mujica com a questão das drogas em seu país.

Ser honesto também favorece a tranquilidade de consciência – sem dúvida, outra das habilidades que permitiram que Mujica superasse seus tempos difíceis e conseguisse mudar o rumo de seu país.

11

“Ninguém é mais que ninguém”, dizem meus conterrâneos. Por mais pretensões ou recursos que tenhamos… Todos vamos terminar no caixão. E, de qualquer maneira, você não vai poder levar consigo todo o dinheiro que acumulou. Essa me parece uma maneira bem boba de se viver.

MUJICA SEMPRE DEFENDEU AS CAUSAS COLETIVAS e o apoio interpessoal. As consequências das disputas entre raças, nações e até torcidas de times de futebol podem ser nefastas – como demonstrou a Guerra do Futebol, em 1969.

Honduras e El Salvador tinham conflitos frequentes, e um desses trágicos desentendimentos ocorreu em consequência das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, no México.

As tensões já eram grandes por causa da reforma agrária em Honduras, que, se fosse realizada, expulsaria centenas de milhares de salvadorenhos que trabalhavam nas plantações de bananas do país.

Essa disputa acirrou os ânimos patrióticos dos dois países, criando um abismo entre as identidades nacionais que chegou ao auge na partida eliminatória que devia decidir qual deles se classificaria para a Copa do México. O triunfo de El Salvador estimulou o exército salvadorenho a invadir Honduras, e o ataque à capital ocorreu em 14 de julho de 1969.

A guerra durou apenas uns dias, até que em 20 de julho entrou em vigor um cessar-fogo que havia sido negociado no dia anterior. Em agosto, as tropas salvadorenhas saíram de Honduras e no dia 30 de outubro de 1980 as duas nações assinaram o Tratado Geral de Paz em Lima. Mas as consequências da guerra foram terríveis:

- Mais de 2 mil vítimas fatais.
- Milhares de salvadorenhos que moravam em Honduras foram obrigados a voltar a seu país.
- Reforço do poder militar nos dois países e agravamento da situação social em El Salvador.

Essa é mais uma prova de que o respeito e a tolerância às diferenças devem ser colocados em primeiro lugar. Apesar de ser um acontecimento histórico no mínimo inusitado, o conflito entre salvadorenhos e hondurenhos nos legou uma dura lição.

12

O reacionarismo é a patologia do conservador. É caminhar para trás de forma dogmática e limitada. A patologia da esquerda é o infantilismo. É a confusão permanente entre a ilusão e a realidade.

MUJICA FOI ACUSADO MAIS DE UMA VEZ de ter abandonado seus ideais ao chegar à política de alto escalão, ao que sempre respondeu que é preciso ser idealista mas viver no mundo real.

Mario Vargas Llosa, o escritor e ex-candidato da Frente Democrática à Presidência do Peru, também foi alvo do mesmo tipo de crítica. Ao lhe perguntarem em uma entrevista para o *El País* em 1989 sobre a crença, comum na Europa, de que ele tinha passado da esquerda para a direita, Llosa respondeu:

> Eu sou a favor da mudança, das reformas radicais. Não acho que hoje as reformas radicais estejam fundamentadas no crescimento do Estado. Nos anos 1960 eu achava que isso era possível, e nesse sentido mudei. Mas o que é a direita hoje na Europa? O fascismo? Eu sou a favor das soluções liberais, e na América Latina ser liberal é ser revolucionário. O Estado é um monstro corrupto, e torná-lo mais eficiente e mais moral, dando soberania ao cidadão comum, é um ato revolucionário. Sei que da perspectiva europeia é difícil de entender, e por isso fui chamado de conservador e reacionário. Eu não me reconheço nessa classificação. Não sou conservador, porque o conservador quer que as coisas permaneçam como estão. Não quero que a ditadura e a intolerância se perpetuem na América Latina. A grande revolução na América Latina é a que nos levará à tolerância e à transigência, a que nos fará renunciar à brutalidade. Os marginalizados, os pobres da América Latina, são a favor dessa revolução.

Autor de obras como *Conversa na catedral* e *Pantaleão e as visitadoras*, Mario Vargas Llosa chegou a esta conclusão depois de vinte anos de vida política:

> A utopia não é mais possível, e é preciso se refugiar apenas no exercício individual da criatividade; ela já não serve para pregar soluções sociais coletivas. A atitude revolucionária hoje, na América Latina, é a aplicação das ideias liberais para diminuir o

poder onipresente e corrupto do Estado.

13

A maior parte das pessoas que compõem as nações não vive como vivem seus presidentes. Os dirigentes vivem como a minoria. E se supõe que a democracia seja para a maioria. Eu vivo como a maioria do meu país.

A AUSTERIDADE É A VIRTUDE DE MODERAR os gastos, mesmo que não haja uma situação de pobreza. Foi o que demonstrou Mujica quando se negou a morar em uma mansão e ter carros oficiais, pois, como afirmou para o programa *Salvados* em maio de 2014, sempre tinha vivido de forma simples, como a maioria das pessoas em seu país.

Durante a campanha eleitoral, em 2009, Mujica já manifestava seu desejo pessoal de ter uma vida humilde, sem tentar influenciar os demais:

> Não quero impor um padrão de vida aos outros. No final, a liberdade é tão linda que cada um deve fazer o que quiser, cada um deve fazer o que quiser desde que não perturbe os outros. Se você gosta de um carro assim ou assado, se quer trocar de aparelho de som porque gosta de ouvir música bem alto, se tem vontade de passar as férias em Minnesota, deve ir fundo; eu não tenho nada a ver com isso.

No discurso que fez na conferência Rio+20, ele explicou por que considera que ter uma vida austera é a melhor opção:

> Meus companheiros trabalhadores lutaram muito pelas oito horas de trabalho. E agora estão conseguindo as seis horas. Mas aquele que trabalha seis horas arranja dois empregos, e portanto trabalha mais que antes. Por quê? Porque precisa pagar uma quantidade enorme de prestações, a moto, o carro, prestações e mais prestações, e quando se der conta já será um velho reumático – como eu – cuja vida passou.

Mas Mujica não é o único uruguaio que decidiu adotar a austeridade e viver como a maioria do povo que representa. Como afirmado no *Sesión de Control*, em um artigo de janeiro de 2013, os líderes do Movimento de Participação Popular só podem receber no máximo 1.530 euros de salário. Além disso, a prefeita de Montevidéu vivia com 500 dólares

por mês e usava transporte público para ir ao trabalho. O senador Carlos Baráibar, o ministro Luis Rosadilla e o chanceler Luis Almagro também são conhecidos por usar o transporte público. Até mesmo o predecessor de Mujica, Tabaré Vázquez, se negou a deixar seu apartamento de classe média alta para morar na residência presidencial, que, no Uruguai, vive vazia.

14

Não podemos jamais deixar de sonhar que algum dia haverá neste planeta sociedades onde o *meu* e o *seu* não nos separem, sociedades com menos egoísmo e mais solidariedade.

EM SEU DISCURSO DE POSSE COMO PRESIDENTE, Mujica expressou seu desejo de ver um futuro de fantasia tornado realidade no presente de sua nação. Depois de uma vida dura, ele aprendeu que para construir é preciso unir as mãos e usar primeiro as palavras – não as armas.

Mas Mujica não é o primeiro a defender o poder das palavras como ferramenta para construir uma sociedade melhor. Em uma conferência que ocorreu em Madri em 1981, o escritor argentino Julio Cortázar disse:

> Há palavras que, por serem repetidas demais, e muitas vezes mal empregadas, acabam se esgotando, perdendo pouco a pouco sua vitalidade. Nós as vemos ou ouvimos cair como pedras opacas, começamos a não receber plenamente sua mensagem ou a perceber somente uma faceta de seu conteúdo, a senti-las como moedas gastas, a perdê-las cada vez mais como sinais vivos e a nos servir delas como lenços de bolso, como sapatos usados. Aqueles que participam de reuniões como esta sabem que há palavras-chave, palavras fundamentais que condensam nossas ideias, nossas esperanças e nossas decisões, e que deveriam brilhar como estrelas mentais cada vez que são pronunciadas. Sabemos muito bem quais são essas palavras nas quais se concentram tantas obrigações e tantos desejos: liberdade, dignidade, direitos humanos, povo, justiça social, democracia, entre tantas outras. E aí estão outra vez esta noite, estamos repetindo todas elas aqui porque devemos dizê-las, porque elas aglutinam uma imensa carga positiva sem a qual nossa vida tal como a entendemos não teria o menor sentido, nem como indivíduos nem como parte de um povo. Aqui estão outra vez essas palavras, as estamos dizendo, as estamos escutando. Mas em alguns de nós, talvez porque tenhamos um contato mais forte com o idioma, que é nossa ferramenta estética de trabalho, abre-se um sentimento de inquietude, um temor que seria mais fácil calar no entusiasmo e na fé do momento, mas que não deve ser calado quando é sentido com a força e a angústia com que me ocorre senti-lo.

15

E permita-me dizer: nada muda se vocês não mudarem. O agente da mudança são vocês, povo querido. Com vocês mudamos ou com vocês sucumbimos. E estamos juntos.

O URUGUAIO TEM UM SENSO DE IDENTIDADE ARRAIGADO, tanto em relação a seu povo quanto no sentido pessoal. Foi o que mostrou Mujica em seu discurso de posse como presidente, quando estimulou seu povo a se mobilizar para mudar a sociedade.

Outro uruguaio conhecido que olha para dentro quando quer se expressar é o artista Ignacio Iturria. “Sempre penso que sou uruguaio, homem e pintor. Essas são as três coisas que tenho claríssimas”, assegura. Ele também considera importante se expressar de alguma forma e dizer o que pensa, mesmo que seja sem palavras:

> Lembro-me de uma vez que, como forma de me reconciliar por não sei qual problema que tinha tido com meus pais – porque eu era bastante difícil, e talvez continue sendo –, mandei para eles um desenho através da minha irmã, e eles me tiraram do castigo. Foi aí que pensei: “Ah, isto funciona.” Tudo o que não conseguia expressar com palavras, eu disse em um desenho; e percebi que essa era minha forma de transmitir o que não podia verbalizar.

E parece que consegue comunicar muito, como assegurou o jornalista e crítico Edward M. Gómez para o *The New York Times* em 1998:

> Parece que Iturria, sem querer, evita teorias, movimentos e estilos, é um pós-modernista afiado pela atenção que dedica a temas como a memória, a história, a construção da identidade cultural e os múltiplos significados e propósitos da tradição.

“Uso o que está à minha volta”, disse ele, afirmando que os objetos de seu estúdio têm tanta probabilidade de se converterem em temas de suas telas ou construções quanto os ao mesmo tempo queridos e criticados personagens de Montevidéu e Buenos Aires que aparecem em sua obra: bailarinos, gaúchos, soldados, jogadores de futebol, crianças com uniforme de escola, amantes abraçados…

16

Mas não existe milagre, isso é pura poesia e fantasia; o progresso vem do trabalho, do compromisso, da ciência, da seriedade, de se levantar todos os dias e recomeçar, de sentir as derrotas. E, finalmente, tenho o direito de gritar que, neste mundo, derrotados são apenas aqueles que desistem de lutar.

ASSIM FALOU MUJICA AO ASSUMIR o cargo de presidente. Ele que já conhecia bem a sensação de passar dias ruins, negros, em que tinha que arrancar forças não se sabe de onde para seguir em frente.

Outro uruguaio que soube bem o que é cair e tornar a se levantar foi o escritor Horacio Quiroga, que desde pequeno lidou com a perda, algo que o acompanhou pelo resto da vida: ele matou seu amigo Federico Ferrando com um tiro acidental, seu pai morreu durante uma caçada e seu padrasto e sua primeira esposa se suicidaram.

Durante grande parte da vida, Quiroga não se deixou abater pelos acontecimentos. Seu sofrimento só se refletia em personagens atormentados, acometidos pela natureza e pelas tragédias. Mas ele também levou uma vida que procurava o bem comum e quis compartilhar com todos tudo o que aprendia.

Pode-se encontrar um reflexo de seu espírito progressista e de seu desejo pelo bem comum na lição tirada de seu conto “La abeja haragana”. Nele, o protagonista recebe um difícil ensinamento da vida:

> Dali em diante, nenhuma delas recolheu tanto pólen nem fabricou tanto mel. E quando o outono chegou, e chegou também o final de seus dias, ainda teve tempo de dar uma última lição, antes de morrer, às jovens abelhas que a rodeavam:
>
> – Não é nossa inteligência, mas nosso trabalho o que nos faz tão fortes. Eu usei minha inteligência uma única vez, e foi para salvar a minha vida. Não teria precisado desse esforço se tivesse trabalhado como todas. Cansei-me tanto voando daqui para lá quanto trabalhando. O que me faltava era a noção do dever, que adquiri aquela noite.
>
> E continuou:

– Trabalhem, companheiras, pensando que o fim ao qual tendem nossos esforços, a felicidade de todos, é muito superior ao cansaço que possam sentir. Os homens chamam isso de ideal, e têm razão. Não existe outra filosofia na vida de um homem e de uma abelha.

17

O homem sairá da pré-história no dia em que os quartéis se transformarem em escolas.

O PASSADO COMO GUERRILHEIRO deu a Mujica uma visão privilegiada sobre o uso das armas para solucionar os problemas entre as nações ou dentro de cada uma delas. Quando lhe perguntaram sobre essa afirmação proferida no 60º aniversário do Assalto ao Quartel de Moncada, em Santiago de Cuba, Mujica afirmou:

> É a etapa da civilização em que vivemos. O desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade atual cria poderes incomensuráveis para o conceito da guerra. Os conflitos contemporâneos têm uma capacidade enorme de destruição e devem ser confrontados com seu custo humano. Podemos matar a distância, sem ver e sem saber quem estamos matando. E isso vai ser cada dia mais comum. Temos que perceber que a defesa da vida deve ter outra escala.

O assalto em 1953 ao Quartel de Moncada por parte da juventude do Partido Ortodoxo para derrubar o ditador cubano Fulgencio Batista foi uma tentativa de recuperar a liberdade no país. No entanto, o golpe não teve sucesso, e o então dirigente do partido, Fidel Castro, ordenou a retirada. O assalto ao quartel de Bayamo também fracassou.

O governo quis usar os guerrilheiros como exemplo e assegurou que, para cada soldado morto na batalha, assassinaria dez revolucionários. Por fim, 55 combatentes foram torturados e assassinados.

Quando a revolução finalmente triunfou, o Quartel de Moncada foi transformado em um centro educacional chamado “Cidade Escolar 26 de Julho”.

Para Mujica, esse é um bom exemplo e um passo necessário para o progresso:

> A expressão que acho mais forte do ponto de vista cultural é “autodeterminação pela tolerância”. Para que haja autodeterminação, é preciso se acostumar a respeitar o que é diferente, e, a longo prazo, nenhuma riqueza é mais importante que cultivar esse respeito.

18

As questões da educação são como plantar oliveiras: não espere uma grande colheita imediatamente, porque vai demorar anos, muitos anos.

MELHORAR A EDUCAÇÃO FOI OUTRO OBJETIVO de longo prazo que Mujica estabeleceu para si mesmo, embora consciente de que talvez não chegasse a ver os resultados.

A Comissão Internacional sobre Educação no Século XXI, criada pela Unesco, concluiu que as quatro bases para uma boa educação são:

- Aprender a conhecer.
- Aprender a fazer.
- Aprender a conviver.
- Aprender a ser.

Vários autores latino-americanos incluem aí uma quinta: aprender a empreender.

O próprio Mujica reconheceu que muitos de seus objetivos relativos à educação não chegariam a prosperar durante sua etapa de presidente, mas ele continua insistindo na importância da instrução das crianças, que tomarão as rédeas dos países amanhã.

Em seu “Manual para ser niño”, o escritor colombiano Gabriel García Márquez defende uma educação que não omita as artes criativas, já que isso pode levar também a uma rejeição dos métodos por parte das crianças:

> O que se deve propor para a Colômbia, no entanto, não é apenas uma mudança de forma e fundo nas escolas de arte, mas que a educação artística esteja dentro de um sistema autônomo que dependa de um organismo próprio da cultura, não do Ministério da Educação. Um organismo que não seja centralizado, mas, ao contrário, seja o coordenador do desenvolvimento cultural a partir das diferentes regiões do país, pois cada uma tem sua personalidade cultural, sua história, suas tradições, sua linguagem, suas expressões artísticas próprias. Que comece por educar os pais e professores para perceberem precocemente as inclinações das crianças e as prepararem para uma escola que preserve sua curiosidade e sua criatividade naturais. Tudo isso, claro, sem muitas expectativas. De qualquer jeito, pela arte das artes, os que serão já são. Mesmo se nunca souberem disso.

19

Estou trabalhando debaixo de trovões para que os outros fiquem fora da garoa.

O MANDATO DE MUJICA COMO DEPUTADO da esquerda minoritária na década de 1990 foi trabalhoso e exigiu muita força de vontade na hora de criar um caminho que se transformasse em uma larga estrada para os que viessem depois.

Trabalhar com esforço, no entanto, é seu próprio prêmio. Como dizia Mahatma Gandhi: "Nossa recompensa encontra-se no esforço, não no resultado. Um esforço total é uma vitória completa."

O próprio Mujica viu cair sobre si uma garoa de votos, como ele mesmo disse em 2004, quase dez anos depois de ter feito a declaração que dá título a este capítulo, em uma entrevista para a rádio Brecha, concedida em 1996.

O avanço de Mujica em direção à Presidência foi lento e pausado. Se realmente foi por uma série de coincidências ou fruto de uma estratégia de longo prazo, talvez nunca fique claro, mas ele obteve os melhores resultados possíveis.

E esse tipo de façanha está ao alcance de todos. Para alcançar o sucesso baseando-se no esforço:

- Saiba claramente qual é sua meta e mantenha o foco nela.
- Estabeleça objetivos concretos e mensuráveis.
- Fixe uma data-limite para atingir seu objetivo.
- Crie objetivos que despertem seu interesse.
- Desenvolva um plano estratégico para alcançar a sua meta.
- Esteja seguro de si mesmo e do trajeto a seguir.
- Informe outras pessoas de seu objetivo para contar com o apoio e o incentivo delas.
- Visualize o resultado positivo dos seus esforços.
- Organize os passos a seguir e cumpra as diferentes etapas.
- Evite o medo do fracasso e o perfeccionismo.
- Saiba assimilar a conquista dos seus objetivos.

Mujica se lembra bem do dia em que ganhou as eleições:

Na noite da festa, alguns pensaram que eu estivesse desmaiando de emoção. Não! Até

parece! Só porque estava na varanda e levei as mãos à cabeça, olhando para baixo. Na verdade, segurei a cabeça por causa da tremenda sensação de responsabilidade e de tragédia que me tomou.

20

A estética de hoje é a ética.

ASSIM RESPONDEU MUJICA QUANDO LHE PERGUNTARAM se tinha alguma fórmula para cumprir as expectativas dos uruguaios, na entrevista “A honradez ao máximo”, conduzida pelo jornalista Néstor Sesín em 2004.

> A ética tem a ver com tudo, desde quanto se ganha até como se vive, a forma de tratar os outros, se você ajuda ou não as pessoas. Elas vão perdoá-lo se você não conseguir fazer tudo por causa das dificuldades ou porque errou, mas não têm mais paciência para tolerar sacanagens. Tampouco vão permitir que você não reconheça seus erros nem faça retificações. Estou propondo a honradez ao máximo.

Como comentou Mujica, as pessoas não toleram mentiras tão facilmente. Isso porque, aparentemente, a honestidade é inerente ao ser humano.

Um estudo realizado na Universidade Harvard pelo professor Joshua Greene avaliou a honestidade das pessoas em uma série de testes nos quais os participantes tinham a oportunidade de ganhar dinheiro caso mentissem. A pesquisa revelou que a atividade neuronal foi diferente entre os que mentiram e os que falaram a verdade.

Os resultados revelaram que não havia atividade cerebral extra nos voluntários que se comportaram de forma honesta. Isso indicou que eles não precisavam fazer esforço para serem sinceros. No entanto, aqueles que se comportaram de maneira desonesta mostraram uma maior atividade nas áreas cerebrais relacionadas com a atenção e o controle.

Portanto, parece ser natural agir de forma honrada, e é provavelmente por isso que as pessoas não toleram muito os comportamentos que escapam dessa norma, como bem compreendeu Mujica.

O presidente uruguaio preferia um governo sem corrupção que não alcançasse todos os objetivos prometidos a um governo desonesto que ocultasse seus erros e utilizasse qualquer meio para cumprir as metas.

Ele tinha consciência de que seu trabalho não seria fácil, já que herdava a situação deixada por seus predecessores no governo. Na mesma entrevista, afirmou:

> E você vai ter esta herança maldita e todas essas coisas, mas o que as pessoas querem mesmo são soluções. Pelo menos a sensação de que, embora seja por alguns centímetros, a coisa está melhorando.

21

Eles consideram que engolir sapo é uma questão de princípios; não entendem que isso não tem nada a ver com princípios; é preciso apenas condimentá-los.

DESSA FORMA MUJICA CRITICOU OS ESQUERDISTAS durante o primeiro turno numa reportagem para a Tevé Ciudad, de Montevidéu.

Engolir sapo é uma expressão usada para se referir àquelas situações nas quais alguém deve ceder ou suportar uma circunstância desagradável.

Ele destacou que, se o partido não desse as respostas que o povo procurava, este daria as costas ao partido. Saber ceder quando é necessário e aceitar o que vier com elegância e calma é essencial para poder realizar um governo que cumpra as expectativas.

Mas não é apenas no âmbito político que é bom engolir um sapo de vez em quando. Manter os princípios acima de tudo ou se deixar levar pelo orgulho nunca trazem bons resultados.

Um dos personagens mais queridos do Uruguai foi o jogador de futebol Enzo Francescoli, que era conhecido como "o Príncipe" por seu cavalheirismo e sua boa atuação tanto dentro quanto fora de campo.

Francescoli aprendeu a jogar futebol na rua, como muitos em sua profissão, e com o tempo ganhou um lugar nos melhores times e na seleção, recebendo vários troféus. Também ganhou como prêmio o amor dos torcedores, o reconhecimento de outros jogadores e o respeito de árbitros e jornalistas, algo difícil de alcançar. O segredo, segundo o site Fútbol Sapiens, foi que sempre soube manter-se em seu lugar, sem jamais se irritar:

> Jamais criticou um companheiro, jamais julgou um árbitro, nunca falou mal de um treinador e não deu espaço para que se metessem em sua vida privada. Tampouco se importava com os elogios, pois ele se imaginava como uma pessoa que se dedica a desfrutar do futebol. Os jornalistas ficavam entediados ao saberem que iriam entrevistá-lo porque a única coisa que conseguiriam seriam declarações sobre a bola, a rainha-mãe do jogo.

22

Destruímos as florestas verdadeiras e construímos florestas anônimas de cimento. Enfrentamos o sedentarismo com esteiras ergométricas, a insônia com pílulas, a solidão com aparelhos eletrônicos, porque somos felizes longe do ambiente humano.

MUJICA TEVE RAZÃO QUANDO FALOU ASSIM em seu discurso na ONU em 2013. A tendência da sociedade atual, de estarmos cada vez mais isolados, aumenta, entre outras coisas, nossa sensação de solidão – que, a propósito, também vem tomando novas formas.

Um estudo realizado pela Fundação da França em 2010 indica que atualmente não são apenas as pessoas mais velhas que se sentem sozinhas. Isso pode acontecer com pessoas de qualquer sexo e idade, de zonas urbanas e rurais. As principais causas são:

- Fragilidade dos vínculos familiares.
- Tensão nas relações de trabalho.
- Resistência a se comunicar com os que estão ao redor.
- Preferência cada vez maior por relações e trocas virtuais.

A solidão parece ruim, mas tradicionalmente é uma via para o descanso, a meditação e o encontro consigo mesmo. Como afirmou a psicanalista Nicole Fabre:

> As pessoas que apreciam a solidão são capazes de entrar em contato consigo mesmas sem romper o vínculo com as demais. São igualmente capazes de sair de sua solidão para ir ao cinema, comer ou ajudar um amigo (…). Trata-se de uma má solidão quando ela provoca a necessidade compulsiva de estabelecermos um vínculo, com frequência de maneira superficial, para preencher o vazio.

Parece que, além de tudo, a má solidão é contagiosa. Uma análise de 5 mil habitantes da cidade de Framingham permitiu que os pesquisadores descobrissem que as pessoas que se sentiam mais solitárias eram aquelas que estavam na periferia de sua rede social, e que o risco de seus amigos mais próximos também se sentirem isolados aumentava cerca de 50%.

Afastar-se do entorno humano, como afirmou Mujica, é um dos maiores males da sociedade moderna, porque o contato pessoal é um dos melhores bálsamos. Como disse Sigmund Freud: “A ciência moderna ainda não produziu um tranquilizante tão eficaz quanto umas poucas palavras bondosas.”

23

Nós queremos identificar o consumidor para poder trabalhar junto a ele. E o que queremos dizer é: “Rapaz, este é o limite. Se estiver precisando de mais que isso, você vai ter que se tratar.” Se esse mundo continuasse clandestino, não poderíamos trabalhar com o usuário.

A LEGALIZAÇÃO DA *CANNABIS* É UM TEMA RECORRENTE em muitos países, especialmente na América Latina, onde o narcotráfico é uma fonte constante de violência e corrupção, e tem sido defendida com frequência em diversos países, como México e Guatemala. No entanto, Mujica foi o único, até agora, a dar o grande passo, apesar da oposição de 63% da população. Sua explicação, dada ao jornal *El Mercurio*, do Chile, em janeiro de 2014, reflete os motivos de seu apoio à legalização.

A situação no mundo é muito variável, como mostrou uma reportagem do jornal *El País* em agosto de 2013:

- Os Estados Unidos permitem a compra e a venda de maconha para uso medicinal, com receita médica, em 17 estados. No distrito de Colúmbia, no Colorado e em Washington, o uso recreativo da planta também foi legalizado.
- A Holanda é tolerante na prática, com seus *coffee shops*, mas nunca legalizou a substância formalmente. O cultivo é proibido e boa parte da maconha é importada.
- A Espanha não penaliza o consumo privado, apenas o público. O porte da droga é considerado uma infração simples.
- Luxemburgo, Bélgica e Portugal punem com multa o porte para uso pessoal. A República Tcheca aprovou em maio de 2014 a venda em farmácias para doentes em estado grave. A Argentina aprovou em novembro de 2014 o cultivo para consumo próprio.
- Outros países continuam criminalizando o consumidor. É o caso dos Estados Unidos (em nível federal), Reino Unido, Canadá, Noruega, Suécia, Finlândia e da maioria dos latino-americanos.

Mas, apesar da legalização da maconha, Mujica reafirmou sua posição para o *El*

Periódico, em dezembro de 2013: “O único vício saudável é o amor.”

24

É preciso lutar para ser justo e correto e fazer com que aquele que comete um crime pague por seus erros. Mas isso não nos dá o direito de passar dos limites. Porque a consequência disso é a ferida da injustiça, que é muito pior.

MUJICA NÃO FOI O ÚNICO QUE PERCEBEU a necessidade de ser correto e justo inclusive diante do delito, tampouco o único a expressar sua opinião a esse respeito, como afirmou à Tevé Ciudad, de Montevidéu, durante o primeiro turno das eleições presidenciais.

O escritor argentino Ernesto Sabato, falecido em 2011, publicou no ano 2000 seu ensaio "La Resistencia", em que falava de tudo que lhe parecia vil no gênero humano e do caminho que as sociedades estavam tomando em todas as nações.

Nascido em 1911 no seio de uma família de classe média, descendente de pais italianos e sendo o décimo de 11 irmãos, interessou-se cedo por política e participou de grupos universitários de caráter comunista. Doutorou-se em Física e conseguiu empregos em Paris e Massachusetts, para finalmente voltar à Argentina em 1940 com a intenção de deixar a ciência de lado. Sendo já um escritor de destaque, dirigiu a Comissão Nacional sobre Desaparecimento de Pessoas, a pedido do presidente Alfonsín. Seu papel nessa comissão abriria as portas para o julgamento das Juntas da ditadura militar em 1985, mas também foi a origem de algumas de suas piores lembranças. Ernesto teve que colocar o sentimento de justiça acima do horror, como reflete na carta "Sobre a Vertigem", publicada no *La República*:

> Se, apesar do medo que nos paralisa, voltássemos a ter fé no homem, tenho a convicção de que poderíamos vencer a covardia que gera o medo que nos paralisa. Eu corri risco de vida durante anos. Sem medo? Não, tive medo até a temeridade, mas não pude retroceder. Se não fosse por meus companheiros, pela pobre gente com a qual já tinha me comprometido, certamente teria abandonado tudo. A gente não se atreve quando está sozinho e isolado, mas pode tentar se estamos tão afundados na realidade dos outros que não podemos voltar atrás. Quando trabalhei no Conadep, de noite sonhava, aterrorizado, que aquelas torturas, diante das quais eu teria preferido a morte, eram sofridas pelas pessoas que eu mais amava. Impávido no sonho, eu acordava angustiado e sem saber como

continuar, mas horas depois não podia me negar a escutar aqueles que pediam que eu os recebesse. Não podia, seria inadmissível dizer não a esses pais cujos filhos, na verdade, tinham sido massacrados.

25

É bom viver como se pensa, porque do contrário você vai acabar pensando como vive.

NUMA REPORTAGEM PARA A TV ESPANHOLA em 1º de junho de 2013, Mujica refletiu sobre sua própria experiência em uma posição de poder. Ele enfatizou que o importante é se manter fiel a seus princípios e lutar por ideais construídos com humildade e solidariedade.

Mas Mujica não é o único uruguaio que marcou as vidas de seus compatriotas e de sonhadores no mundo todo. O grande escritor Eduardo Galeano respondeu com palavras emocionadas ao receber o prêmio literário Stig Dagerman, na Suécia, em 2010. Ele falou um pouco sobre um mundo onde se pudesse viver em harmonia consigo mesmo e com os demais:

> Querido Stig,
>
> Tomara que sejamos dignos de sua desesperada esperança.
>
> Tomara que possamos ter a coragem de estarmos sozinhos e a valentia de nos arriscar a estarmos juntos, porque de nada serve um dente fora da boca nem um dedo fora da mão.
>
> Tomara que possamos ser desobedientes todas as vezes que recebermos ordens que humilhem nossa consciência ou violem o bom senso.
>
> Tomara que possamos merecer que nos chamem de loucos, como foram chamadas de loucas as Mães da Praça de Maio, por cometermos a loucura de nos negar a esquecer nos tempos de amnésia obrigatória.
>
> Tomara que possamos ser teimosos a ponto de continuar acreditando, contra todas as evidências, que a condição humana vale a pena, porque fomos malfeitos, mas ainda não estamos terminados.
>
> Tomara que possamos ser capazes de continuar caminhando os caminhos do vento, apesar das quedas, das traições e das derrotas, porque a história continua, para além de nós, e quando ela diz adeus está dizendo “até logo”.
>
> Tomara que possamos manter viva a certeza de que é possível ser compatriota e contemporâneo de todo aquele que viva animado pela vontade de justiça e a vontade de beleza, independentemente de onde tiver nascido e de quando tiver vivido, porque não existem fronteiras nos mapas da alma nem do tempo.

26

Há coisas que só têm valor quando as perdemos.

COM ESSE COMENTÁRIO PARA O JORNAL *El Mundo*, da Venezuela, em 16 de maio de 2012, Mujica refletiu sobre a doença de seu amigo Hugo Chávez e o que isso significaria para a América Latina.

Preocupado com a saúde do venezuelano, Mujica enviou a seguinte carta emocionada para o amigo, que estava em Cuba, recuperando-se de uma cirurgia:

> Querido companheiro:
>
> Para mim é difícil escrever estas linhas, prefiro ligar como fiz tantas vezes para falar de nossas preocupações e esperanças em relação a este continente tão rico e que exige tanto de nós.
>
> Mas aqui estou, escrevendo, preocupado com a sua saúde, pensando mais de uma vez em como estar com você e com a Venezuela, apoiando-o como for para sairmos deste momento difícil.
>
> Aqui estou, dizendo que nós lhe desejamos uma rápida recuperação, que possa estar de volta quanto antes, com sua força, seu humor e seu companheirismo.
>
> Como você sabe, não sou religioso, mas pedi a alguns amigos que organizem uma missa para que aqueles que quiserem se manifestar religiosamente pela sua saúde tenham um lugar aqui em nosso país. Eu os acompanharei.
>
> De todas as formas, para além de todos os credos, continuaremos mandando a essa ilha solidária e amiga alentos fraternais com nossos melhores desejos.
>
> Um abraço.

Para Mujica, Chávez sempre foi uma figura de alto nível e sua morte deixou um vazio que será difícil preencher.

Apesar das controvérsias que o presidente venezuelano suscitava, Mujica compartilhava muitos de seus ideais e via as coisas boas que ele havia feito por seu povo e pelos mais desfavorecidos. Para o presidente uruguaio, Chávez era um sonhador, capaz de superar os obstáculos e infundir nos demais o carinho e a confiança que emanavam dele. Chávez fez um grande trabalho na integração da América Latina.

27

Nosso mundo precisa de menos organismos internacionais – que são mais úteis para as redes hoteleiras – e mais humanidade e ciência.

FIEL À SUA FAMA DE DIZER O QUE PENSA, Mujica não fez diferente no discurso que proferiu em setembro de 2013 na sede da ONU. Como nunca foi amigo das instituições e ONGs que falam mais do que atuam, ele jamais procurou esconder suas convicções.

A função dos organismos internacionais, apesar de às vezes se diluir entre os vaivéns da política ou do poder de seus Estados membros, é ajudar a resolver conflitos internos e externos, favorecendo o desenvolvimento dos membros que os compõem e a cooperação mútua.

Para isso, idealmente, essas organizações deveriam ter:

1. Capacidade de influência sobre o ambiente afetado, o que pode se realizar a partir:
   - da criação de bases para o diálogo de seus Estados membros com outros Estados;
   - da legitimação de fatos ou situações, dotando-os de uma legalidade dentro da organização, como uma forma de proteção contra os ataques de terceiros;
   - do fornecimento de informações, estatísticas e outros dados que podem ajudar a avaliar a evolução dos Estados membros e da situação global, facilitando a tomada de decisões;
   - da mediação das relações internacionais, com o objetivo de reduzir tensões e unificar posturas em nível mundial, criando uma consciência coletiva.
2. Capacidade autônoma de decisão.

No entanto, exceto pelo Conselho de Segurança da ONU, que pode aplicar as decisões tomadas recorrendo inclusive ao uso das armas, a grande maioria das organizações só pode emitir resoluções e recomendações que não são de cumprimento obrigatório por seus membros.

É por isso que, para líderes como Mujica, esses organismos internacionais nem sempre cumprem os objetivos para os quais foram idealizados.

28

Estou muito contente com o hoje. O que me deixa preocupado é o depois de amanhã.

HOMEM PRAGMÁTICO E ACOSTUMADO A TRABALHAR, José Mujica se caracterizou por tentar transformar em realidade as ideias que tinha, em vez de ficar apenas sentado, ruminando. Nem todas as suas propostas deram certo, mas algumas obtiveram êxito. Porque ele sabe se concentrar no que pode fazer no momento, em vez de pensar no que vai escapar de suas mãos amanhã. Um reflexo disso é seu conflito com a Argentina pela implantação de uma fábrica que daria frutos muito depois de ele já ter deixado o governo uruguaio. No entanto, Mujica não poupou esforços, porque sabia que, nesse caso, apesar de os resultados serem previstos apenas para o futuro, ele podia fazer algo no presente para solucionar o impasse. Por isso sua preocupação com o depois de amanhã, conforme enfatizou no discurso para a Cepal em Montevidéu, em março de 2014.

Segundo o psicólogo Adrian Wells, o indivíduo considera positivo preocupar-se com as coisas para estabelecer planos de ação, mas, quando esse processo se repete constantemente, surge a preocupação patológica. É então que aparecem os pensamentos negativos sobre a preocupação, da qual a pessoa perde o controle. E, finalmente, nasce daí a metapreocupação, que consiste em se preocupar com o fato de estar preocupado.

“Pré-ocupar-se” com as coisas é se concentrar nelas antes de acontecerem, o que se converte em uma fonte de preocupação em si mesma, já que costumamos esperar os resultados mais negativos. Preocupar-se é um hábito que, segundo os psicólogos, faz o indivíduo acreditar que sua vida é mais previsível e lhe proporciona uma falsa sensação de controle.

Geralmente é a incerteza que leva a mente a entrar nesse estado de alerta e angústia, que aumenta com o tempo. Por isso é importante concentrar-se naquilo que pode ser feito hoje na busca de soluções a curto e longo prazo para as questões que precisamos resolver.

“Há dois tipos de preocupações: as que lhe permitem fazer algo a respeito e as que não permitem. Não se pode perder tempo com as segundas”, disse o grande pianista e compositor Duke Ellington.

29

Não estou de acordo com Bertolt Brecht, porque não há homens imprescindíveis, apenas causas imprescindíveis.

O POETA E DRAMATURGO ALEMÃO Eugen Bertolt Brecht disse certa vez:

> Há homens que lutam um dia e são bons. Há outros que lutam um ano e são melhores. Há aqueles que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam a vida inteira: esses são os imprescindíveis.

Mujica, que dá mais importância às causas do que às ações individuais, considera que a história é uma ação coletiva na qual importa mais o "para quê" do que o "quem", como declarou em uma entrevista para a revista *Brecha*, de Montevidéu.

No entanto, Brecht tinha alguns dos ideais de Mujica e a guerra o atingiu em cheio. Nascido em 1898 no seio de uma família burguesa em Augsburgo, desde pequeno mostrou uma incrível capacidade intelectual, gostos refinados e, mais tarde, tendências comunistas que não teve medo de revelar.

Por isso teve que fugir de Berlim com sua família quando Hitler subiu ao poder, indo de país em país. Enquanto esteve fora, sua obra foi queimada pelos nacional-socialistas. Seu exílio durou mais de dez anos e deixou uma marca profunda em sua vida, o que se reflete em alguns de seus poemas:

Escreva-me o que está usando! É quente?
Escreva-me sobre onde dorme! Também é macio?
Escreva-me que aspecto tem! Continua sendo o mesmo?
Escreva-me sobre o que lhe faz falta! Meu braço?
Escreva-me sobre como está! Respeitam você?
Escreva-me sobre o que andam fazendo! Tem bastante coragem?
Escreva-me sobre o que está fazendo! Continua sendo bom?
Escreva-me sobre o que pensa! Em mim?
A verdade é que só tenho perguntas para você!
E espero com ansiedade a resposta!
Quando está cansada, não posso levar nada para você.
Se está passando fome, não posso lhe dar nada para comer.

Pois estou fora do mundo, perdido, como se a houvesse esquecido.

30

Não viemos ao planeta para nos desenvolver… Viemos à vida tentando ser felizes. Porque a vida é curta e está passando. E nenhum bem vale tanto quanto a vida. Isto é elementar.

NUMEROSOS LÍDERES MUNDIAIS E REPRESENTANTES do setor privado e de ONGs preocupadas com o meio ambiente – entre eles o presidente Mujica – participaram da Rio+20, a Conferência sobre o Desenvolvimento Sustentável promovida pela ONU no Rio de Janeiro em junho de 2012.

O objetivo da reunião era tratar do ponto em que se encontra agora a situação do meio ambiente, das perspectivas para o estabelecimento de uma economia ecológica visando a alcançar um desenvolvimento sustentável e eliminar a pobreza, e da formação de uma rede de cooperação internacional.

O encontro foi encerrado com a aprovação de um documento final intitulado “O futuro que queremos”. Como afirmou a própria organização, “para deixar um mundo habitável a nossos filhos e netos, os desafios da pobreza generalizada e da destruição do meio ambiente devem ser abordados agora”.

- Existem 7 bilhões de pessoas vivendo no mundo. No ano 2050, haverá 9 bilhões.
- Uma em cada cinco pessoas (1,4 bilhão) vive com 1,25 dólar por dia ou menos.
- Um bilhão e meio de pessoas não têm acesso à eletricidade.
- Dois bilhões e meio de pessoas não têm banheiro.
- Quase 1 bilhão de pessoas passa fome todos os dias.
- As emissões de gases do efeito estufa continuam aumentando, e mais de um terço de todas as espécies conhecidas pode entrar em extinção.

Em seu discurso, Mujica ainda arremata:

> E a gente se faz esta pergunta: esse é o destino da vida humana? Estas coisas que digo são muito elementares: o desenvolvimento não pode ser contra a felicidade. Tem que ser a favor da felicidade humana, do amor sobre a Terra, das relações humanas, do cuidado com os filhos, de ter amigos, de ter o básico.

31

A grande crise não é ecológica: é política. Não é o homem que governa hoje: são forças que ele despertou que governam o homem.

A QUESTÃO AMBIENTAL AFETA TODOS OS PAÍSES, que tentam encontrar um equilíbrio entre o aumento do consumismo e da poluição e a proteção ao meio ambiente. No Uruguai, foi promulgada, em 2000, a atual Lei Geral do Meio Ambiente. Em razão do grande patrimônio natural do país, em 2005 foi criado o Sistema Nacional de Áreas Protegidas do Uruguai, que tem como objetivos:

- Proteger a diversidade biológica e os ecossistemas, o que inclui a conservação e a preservação do material genético e das espécies, priorizando a flora e a fauna autóctones em perigo ou ameaçadas de extinção.
- Proteger os habitats naturais e formações geológicas e geomorfológicas relevantes, imprescindíveis para a sobrevivência das espécies ameaçadas.
- Evitar a deterioração das regiões hidrográficas, de modo a assegurar a qualidade e a quantidade das águas.
- Proteger os objetos, sítios e estruturas culturais, históricos e arqueológicos, para fins de conhecimento público ou pesquisas científicas.
- Fornecer oportunidades para a educação ambiental e para a pesquisa, o estudo e o monitoramento do ambiente nas áreas naturais protegidas.
- Proporcionar oportunidades para a recreação ao ar livre, compatíveis com as características naturais e culturais de cada área, e o desenvolvimento do ecoturismo.
- Contribuir para o desenvolvimento socioeconômico, fomentando a participação das comunidades locais.
- Desenvolver formas e métodos de aproveitamento e uso sustentável da diversidade biológica nacional e dos habitats naturais, assegurando seu potencial para benefício das gerações futuras.

Atualmente esse Sistema engloba mais de 80 mil hectares em dez regiões diferentes, e está sendo estudada a inclusão de novas áreas. Conforme assegurou Mujica na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável em 2012, a proteção do planeta deve ser uma prioridade para os governantes.

32

Prometemos uma vida de esbanjamento e desperdício, o que no fundo constitui uma contagem regressiva contra a natureza, contra o futuro da humanidade. Civilização contra a simplicidade, contra a sobriedade, contra todos os ciclos naturais.

NA SOCIEDADE ATUAL, APESAR DO AUMENTO da consciência social, não é fácil conseguir que a população adote políticas de sobriedade no que se refere ao consumismo, e muitas vezes o desperdício prevalece sobre a contenção.

Mujica comentou esse fato em seu discurso na sede da ONU em setembro de 2013.

A mesma Organização das Nações Unidas, em 2000, criou o Pacto Global da ONU, que pretendia incentivar as empresas de todo o mundo a trabalharem segundo dez princípios universais básicos, distribuídos nas áreas de apoio internacional, fim da corrupção, melhoria das condições de trabalho, direitos humanos e meio ambiente. A iniciativa foi um sucesso em nível mundial, conseguindo mais de 8 mil adeptos, provenientes de 135 países. Na Espanha, a rede foi montada em 2004 e se converteu em uma das mais ativas, com membros da iniciativa privada, das áreas institucional e sindical, e das ONGs.

Os dez princípios do Pacto recomendam que as empresas:

- Apoiem e respeitem a proteção dos direitos humanos fundamentais, reconhecidos internacionalmente, dentro de seu âmbito de influência.
- Assegurem-se de não serem cúmplices na violação dos Direitos Humanos.
- Garantam a liberdade de afiliação e o reconhecimento efetivo do direito à negociação coletiva.
- Apoiem a eliminação de toda forma de trabalho escravo ou realizado sob coação.
- Apoiem a erradicação do trabalho infantil.
- Eliminem as práticas de discriminação no emprego e nas diferentes ocupações.
- Mantenham um enfoque preventivo que favoreça o meio ambiente.
- Fomentem as iniciativas que promovam maior responsabilidade ambiental.
- Favoreçam o desenvolvimento e a difusão de tecnologias que não sejam nocivas ao meio ambiente.

- Trabalhem contra a corrupção em todas as suas formas, inclusive as extorsões e os subornos.

33

Pobre não é aquele que tem pouco. Verdadeiramente pobre é o que precisa infinitamente de muito, e deseja, deseja, deseja mais e mais.

A POBREZA PESSOAL, TAL COMO DISSE MUJICA na Rio+20, tem menos a ver com o que temos do que com o que acreditamos necessitar.

Pepe é um exemplo de como se pode ser feliz e ter uma vida agradável vivendo com pouco. Longe de aproveitar seu cargo político para aumentar seu patrimônio, ele sempre doou grande parte de seu salário aos que precisavam mais que ele.

Mas o presidente uruguaio não foi o único que entendeu o conceito de riqueza pessoal ao longo da história.

"Ao pobre faltam muitas coisas; ao avarento faltam todas", dizia Públio Siro. Escritor da Roma antiga, foi vendido na Itália como escravo. Seu dono, no entanto, decidiu libertá-lo e o educou. Embora tenha ficado famoso e o próprio Júlio César o tenha premiado por seu conhecimento, Siro nunca esqueceu sua origem humilde.

"A pobreza não vem pela diminuição das riquezas, mas pela multiplicação dos desejos", assegurava Platão. Discípulo de Sócrates, esse filósofo grego que dedicou muitos anos de sua vida ao ofício de professor primava, acima de tudo, pela nutrição da mente e por uma vida que seguisse princípios corretos e cívicos.

"Não existe riqueza mais perigosa que uma pobreza presunçosa", dizia Santo Agostinho, que foi o expoente máximo do pensamento cristão durante o primeiro milênio. Foi bispo e doutor da Igreja Católica e um prolífico escritor dedicado ao pensamento teológico e filosófico. Considerava que a ética social devia ser contra as injustiças causadas pela má distribuição da riqueza e defendia a ajuda aos desfavorecidos.

"O pobre se arruína no momento em que deixa de ser sóbrio", sentenciou Concepción Arenal, escritora feminista espanhola que precisou se vestir de homem para frequentar a universidade. Ela foi a primeira mulher a ganhar um prêmio da Academia de Ciências Morais e Políticas de Madri e a primeira Visitadora de Prisões de Mulheres na Corunha. Em 1872 fundou a Construtora Benéfica, para oferecer casas baratas aos proletários. "À virtude, a uma vida, à ciência", diz o epitáfio colocado em seu túmulo em 1893.

34

Para estar mal aqui e ser tratado como *sudaca*, vá estar mal lá, com a gente, que nunca vai faltar pão nem cebola.

Assim falou Mujica durante os Diálogos Sem Gravata do Banco Mundial, convidando seus conterrâneos a voltarem para casa. Para ele, muitas vezes as imagens de um país melhor que motivaram a emigração de seus concidadãos se transformam em realidades que não são melhores que as do país natal.

O termo *sudaca*, utilizado para referir-se aos que nasceram na América do Sul, teve sua origem durante a agitada transição espanhola, quando numerosos exilados do Uruguai, da Argentina e do Chile chegaram ao país. Alguns desses imigrantes costumavam se reunir nas ruas de Madri para tocar sua música folclórica, e por isso começou a se falar de uma *movida sudaca*, em contraposição à *movida madrileña*.

Assim que surgiu, esse termo não era pejorativo. Como Ricardo Paredes afirmou em um artigo para a revista *PliegoSuelto*, essa palavra começa a ter um sentido negativo quando, na década de 1980, os grupos de extrema-direita passaram a usá-la como um insulto. Essa tendência continuou até os anos 1990, quando o 500º aniversário da chegada de Colombo à América reabriu antigas feridas.

No entanto, foram muitos os que quiseram retomar o termo como uma marca de orgulho através da ressemantização, processo pelo qual uma palavra pejorativa é reconvertida em um símbolo de resistência. Uma das precursoras dessa mudança foi a escritora Carmen Posadas, que já em 1988 criou o coletivo Sudacas Reunidas e promoveu o Prêmio Sudaca Excepcional. E não foi a única. Pensadores, escritores, artistas e sobretudo músicos defenderam o termo como um emblema de suas raízes.

35

O melhor que os Estados Unidos fizeram na América Latina foi quando não se meteram.

A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE ESTADOS UNIDOS e América Latina é longa e cheia de conflitos, de momentos bons e de fracassos. Por isso muitos governantes desses países – como Mujica deixa claro em sua declaração nos Diálogos Sem Gravata do Banco Mundial – sempre têm preferido que a grande potência se mantenha à margem.

No entanto, a chegada de Obama ao poder foi uma novidade que trouxe grandes expectativas. Em seu discurso durante a abertura da V Cúpula das Américas em abril de 2009, o presidente assegurou:

> Acho que todo mundo reconhece que nos reunimos em um momento crítico para o povo das Américas (…). Todos nós devemos renovar o interesse comum que temos uns pelos outros. Sei que as promessas de associação não se cumpriram no passado e que a confiança deve ser conquistada ao longo do tempo (…). Por isso estou aqui para lançar um novo capítulo de compromisso que se manterá ao longo da minha administração (…). Também estamos comprometidos com a luta contra a desigualdade e pela criação de prosperidade, começando pelos mais pobres.

No entanto, muitas das promessas que Obama fez não haviam se tornado realidade pouco mais de um ano depois de seu discurso conciliador. Em 2011, muitos dos seus objetivos ainda estavam por cumprir:

- Os republicanos impediram as reformas na política imigratória e em relação ao status de imigrante que Obama queria promover.
- Os democratas dificultaram a promoção da liberdade comercial em igualdade de condições.
- Não foi possível aprovar os acordos de livre-comércio com a Colômbia e o Panamá.
- Tanto republicanos quanto democratas impediram a mudança na política em relação à ilha de Cuba.
- A Base Militar de Guantánamo e sua prisão não foram fechadas.

As relações entre Estados Unidos a América Latina continuam difíceis, apesar das

tentativas de aproximação por parte do presidente Obama.

36

Se acham que podem deter os pobres com cercas, estão fritos. Os pobres são maioria e os ventres deles vomitam filhos.

A IMIGRAÇÃO É UM PROBLEMA GRAVE em muitos países que tentam manter um equilíbrio justo entre a entrada de novos cidadãos que o país pode acolher e as negações de asilo. Nesse sentido, alguns países têm uma tolerância muito limitada à imigração e outros são mais flexíveis à chegada de cidadãos estrangeiros. Há, ainda, os que já estão lotados.

Atualmente, alguns dos países mais atingidos pela onda de imigrantes em busca de abrigo são Espanha, França e Itália, pois é relativamente fácil chegar ao seu litoral pelo mar.

Segundo a agência EFE, chegaram mais de 60 mil imigrantes às Ilhas Canárias desde 2005, o que representa quase a metade de todos os imigrantes que entraram na Espanha nesse período. A maior onda de imigração ocorreu em 2006, com a entrada de mais de 30 mil imigrantes, em sua maioria provenientes da África subsaariana.

Para impedir a entrada de imigrantes na Espanha, foi construída a Valla de Melilla, uma barreira física que surgiu em 1998 e foi reforçada em 2005, 2007 e novamente em 2013, com a recolocação de lâminas no arame farpado. A *valla* foi a maior prova para as autoridades de que era impossível parar o avanço dos imigrantes.

Em 2005, mesmo com o reforço da cerca, 700 imigrantes tentaram cruzá-la, sendo que muitos foram deportados. Um menor de idade morreu enquanto tentava a travessia. Em 2008, aproveitando-se dos estragos causados pelas inundações do mês de outubro, 200 imigrantes tentaram pular a cerca, mas foram repelidos com armas antidistúrbios. Em 2012, ocorreram diversos ataques à cerca, com maior ou menor sucesso. Finalmente, em 2014, mais de 400 imigrantes tentaram cruzá-la, e 200 deles conseguiram chegar ao outro lado.

Como bem disse Mujica nos Diálogos Sem Gravata do Banco Mundial, é praticamente impossível deter aqueles que procuram novos horizontes fugindo da pobreza.

37

Os empresários dizem que não se deve dar o peixe às pessoas. É preciso ensiná-las a pescar. Mas quando destruímos seus barcos, roubamos suas varas de pescar e lhes tiramos os anzóis, é preciso começar dando a eles o peixe.

MUJICA, POUCO AMIGO DO CAPITALISMO SELVAGEM, queixou-se em uma entrevista ao *El Periódico*, da Catalunha, em 2013, de que esse sistema está em todo lugar. O capitalismo domina as sociedades, impondo suas políticas de investimento e mercado.

"Ensinar a pescar em vez de dar o peixe" é uma expressão muito usada entre os que defendem que, para prestar assistência a um país, é preciso ajudá-lo a desenvolver os recursos de que está precisando, em vez de dá-los diretamente.

Trata-se de uma política com boas intenções, mas, para um povo que está na miséria, é difícil começar a semear enquanto não se tem o que comer, e acaba sendo complicado ensinar quando não há boas bases sobre as quais trabalhar.

Um exemplo de que ajudar um povo enquanto ele está se desenvolvendo pode levá-lo ao sucesso no âmbito econômico é o Brasil, que em 2014 ocupava o sétimo lugar na lista das maiores potências econômicas mundiais.

Ajudar outros países é complicado, como comenta o economista William Easterly. Diretor do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade de Nova York, William trabalhou no Banco Mundial até que suas diferenças de opinião fizessem com que a situação dele ali, segundo suas palavras, ficasse insustentável. Easterly falou para o *La Vanguardia* o que se pode fazer para ajudar os países mais desfavorecidos:

> Tratar o Terceiro Mundo como igual: dar-lhe regras de comércio justas, sem as taxas que impomos a seus produtos. Dar menos esmola e mais oportunidades para concorrer conosco, sem criar armadilhas.

E, quando perguntado se seria mais barato ajudá-los do que deixá-los vender suas frutas mais barato que as dos países em desenvolvimento, acrescentou:

É parte do problema. Veja que a América Latina hoje prospera pelo talento dos latino-americanos e graças a mercados mais abertos. Não foi nenhuma ONG nem instituição humanitária: foi o trabalho deles.

Como disse Mujica: “O fundamental são as mudanças culturais, mas essas transformações demoram muitíssimo a acontecer.”

38

Quero dizer aos jovens de hoje que as pessoas aprendem muito mais com o fracasso e a dor do que com a bonança.

Foi o que declarou Mujica ao *El Periódico* em dezembro de 2013. Aprender não é fácil quando as coisas não vão bem no âmbito pessoal ou social e a educação se converte em uma odisseia. No entanto, a dificuldade é uma fonte de experiências e um incentivo à luta.

O escritor mexicano Juan Villoro tem a mesma opinião. Ele deveria dar uma palestra na Universidade Autônoma de Guerrero em outubro de 2014, no dia da revolta que culminou no desaparecimento de vários estudantes normalistas. Sobre esse fato, ele falou ao *El País*:

> Nos anos 1960, dois terços dos habitantes de Guerrero eram analfabetos (…). Durante meio século, os abusos das autoridades foram repudiados por uma população pobre mas politizada. A Escola Normal representa um centro nevrálgico dessa discrepância. Convém lembrar que um dos ativistas se chamava Lucio Cabañas.
>
> Em 26 de setembro houve quatro tiroteios diferentes e um só alvo: os jovens. Com o apoio do crime organizado, o prefeito Abarca semeou o terror para amedrontar os normalistas que se mobilizavam para lembrar as vítimas do massacre de Tlatelolco. Depois de entrar em ação, o mecanismo repressivo também atingiu um time de futebol. Seu crime? Serem jovens, ou seja, possíveis rebeldes.
>
> Che Guevara passou sua última noite em uma escola rural. Já ferido, contemplou uma frase no quadro-negro e disse para a professora: “Está faltando o acento.” A frase era “Yo sé leer” (Eu sei ler). Já derrotado, o guerrilheiro se voltou para outra forma de tentar corrigir a realidade.
>
> Há anos, professores encurralados pelo governo decidiram tomar as armas em Guerrero. Lucio Cabañas resolveu salvar um dos seus fazendo com que ele voltasse a estudar, instrumento de luta em um país sem lei. Quarenta e três futuros professores desapareceram. A dimensão do drama está marcada em uma frase que se opõe à impunidade, à humilhação e à injustiça: “Yo sé leer.” O México das armas tem medo daqueles que ensinam a ler. Está faltando um acento neste país. E chegará o momento de colocá-lo.

39

O homem é um animal forte. Pode cair duas, cinco vezes e tornar a se levantar. Não é um fracasso. O único fracasso é a morte.

MUJICA SE MOSTROU CONTUNDENTE em uma entrevista para o jornal *El Mercurio*, do Chile, em janeiro de 2014, sobre a importância de não se render a nada, exceto à morte.

Mas poucas coisas são inevitáveis – e para todo o resto há solução. Pensar dessa forma é uma atitude positiva muito importante nos níveis político e econômico, nos quais às vezes os objetivos parecem muito difíceis de alcançar.

O Grupo de Trabalho para a Saúde e o Desenvolvimento Comunitário da Universidade do Kansas propõe os seguintes passos para superar um fracasso ou uma dificuldade:

- Manter a serenidade, ou seja, a calma e a confiança.
- Comunicar-se: informar os envolvidos de como a situação está se desenrolando.
- Agir: encarregar-se de procurar ativamente uma solução.
- Determinar os erros cometidos e tentar solucionar o problema ou se conformar, se não houver solução.
- Desenvolver um plano estratégico para lidar com a situação.
- Incluir todos os envolvidos no planejamento dessa estratégia.
- Solicitar ajuda externa, caso seja necessário.
- Redefinir os objetivos, substituindo-os por outros que possam ser cumpridos.
- Potencializar os fatores positivos e os avanços.
- Compartilhar as dificuldades que se apresentarem.
- Ter sempre uma visão global, levando em conta que a dificuldade atual provavelmente é passageira.
- Continuar trabalhando, inclusive quando a situação melhorar.

Esses são os 12 passos para solucionar as dificuldades e continuar seguindo em frente sem se render e levantando-se a cada queda. “O sucesso parece ser uma questão de perseverar depois que os outros desistiram”, declarou o autor norte-americano William Feather.

40

Muitas vezes nossos sentimentos já decidiram o que depois a razão tenta justificar.

UM CONTO DE UM DOS MAIS FAMOSOS escritores uruguaios de todos os tempos ilustra bem essa concepção de Mujica. Os sentimentos têm intensidade suficiente para nos mover – e só depois tentamos encontrar uma lógica para o que fizemos.

No conto de Mario Benedetti, os sentimentos e as aptidões humanas decidem brincar de esconde-esconde. A Loucura tem que procurá-los:

> (…) A primeira a aparecer foi a Preguiça, a apenas três passos de uma pedra. Depois escutou a Fé discutindo com Deus no céu sobre zoologia. Sentiu vibrar a Paixão e o Desejo no centro dos vulcões. Em um descuido encontrou a Inveja e claramente conseguiu deduzir onde estava o Triunfo. Nem precisou procurar o Egoísmo, ele saiu correndo sozinho de seu esconderijo… que descobriu ser um ninho de vespas. De tanto caminhar, ficou com sede e, ao se aproximar de um lago cristalino, encontrou a Beleza.
>
> Com a Dúvida foi mais fácil ainda, pois encontrou-a sentada sobre uma cerca sem saber de que lado se esconder. Assim foi encontrando todos. O Talento entre a grama fresca, a Angústia em uma caverna escura, a Mentira atrás do arco-íris (mentira, estava no fundo do oceano) e até o Esquecimento, que já tinha esquecido que estava brincando de esconde-esconde. Só faltava o Amor. Não estava em lugar nenhum.
>
> A Loucura o procurou atrás de cada árvore, no fundo de cada riacho do planeta, subiu ao alto das montanhas. Quando estava a ponto de desistir, viu uma roseira, pegou uma forquilha e começou a afastar os ramos. De repente escutou um doloroso grito. Os espinhos tinham ferido os olhos do Amor. A Loucura não soube o que fazer para se desculpar, chorou, implorou, suplicou, rogou, pediu perdão e até prometeu ser seu guia. Desde então, desde que pela primeira vez brincaram de esconde-esconde, “o Amor é cego e a Loucura o acompanha”.

41

Na vida, para construir coletivamente, é preciso sujar as mãos. Porque, perdendo ou ganhando, a gente nunca concorda 100% nos acordos coletivos.

NO PRIMEIRO TURNO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL, falando a uma emissora de Montevidéu, Mujica defendeu a ação coletiva contra a que se autodenomina independente.

Uma ação coletiva é aquela que reúne diferentes pessoas ou entidades para tentar alcançar objetivos comuns. Os indivíduos que participam se caracterizam por fazerem parte de organizações relativamente estáveis, compartilham interesses e trabalham juntos, seguindo uma linha de ação coordenada e estruturada.

A marca distintiva de um grupo que propõe esse tipo de ação é seu desejo de intervir politicamente na hora de mediar conflitos, tendo sempre em vista o objetivo maior da coletividade.

Nesse sentido, vale mais a pena ceder, mesmo que não se esteja completamente de acordo, do que se apegar a ideias rígidas e expectativas irreais.

Na busca pela autonomia institucional, outra questão importante é a administração eficaz dos recursos coletivos. Cada grupo deve ter objetivos bem definidos, e as regras que determinam o uso de bens comuns devem ser compatíveis com as condições e as necessidades locais. Além disso, a maioria dos indivíduos afetados por essas regras deve participar de sua reavaliação e sua modificação constantes.

O direito dos membros de uma comunidade de definir suas próprias regras também deve ser respeitado pelas autoridades externas. No entanto, é imprescindível que haja algum sistema cuja finalidade seja monitorar a conduta desses grupos.

Para Mujica, o coletivo sempre vem antes do individual.

42

Nossa doença é o infantilismo, nossa resignação é acreditar que o mundo é perfeito e nos conformar. Eu acho que é preciso ser inconformista, reformista crônico, perseguidor da utopia e não se cansar de ser direito, no mais nobre e básico sentido do termo.

Assim como Mujica, que falou sobre a imperfeição do mundo numa entrevista para Víctor Hugo Morales no programa *Bajada de Línea*, em agosto de 2012, muitos integrantes da chamada "Geração de 1945" se caracterizaram por um sentido muito internalizado de idealismo e preocupação com o bem-estar dos demais.

Uma dentre esses idealistas foi a ensaísta, poeta e crítica literária Idea Vilariño. Nascida em uma família culta de Montevidéu, seu pai foi poeta, e sua mãe, uma grande conhecedora da literatura europeia. Teve quatro irmãos, que se chamavam Numen, Poema, Azul e Alma.

Entre suas composições encontra-se uma canção amplamente conhecida que fala do sentimento inconformista que caracterizou sua geração:

> Basta de terras de boias-frias
> e basta de casas precárias,
> basta de velhos com frio
> e de casinhas de lata.
> Se os que têm o dinheiro
> e os donos da terra
> não os dividem sem guerra,
> de ir à guerra se trata.
> Se chego a morrer longe,
> não se ponha a chorar.
> Muito tenho pra ganhar;
> pra perder, só a vida.
> Para morrer de velho
> passando este mundo cão,
> melhor, vou para as serras.

Adeus, minha vida, te deixo.

43

Não vivemos para cultivar a memória olhando para trás. Acho que o ser humano tem que saber cicatrizar suas feridas e caminhar com a perspectiva do futuro, pois não podemos viver escravizados pelas contas pendentes da vida. É importante não nos esquecermos de nada, mas penso que é necessário olhar para o amanhã. Não se vive de lembranças. É importante olhar para o passado, mas também é necessário perder o respeito por ele.

MUJICA SABIA BEM O QUE SIGNIFICAVA ter que superar traumas e experiências ruins para continuar levando a vida normalmente e expressou isso em uma entrevista ao jornalista brasileiro Marco Aurélio Weissheimer, da *Carta Maior*.

Mas às vezes não é fácil superar o passado, que volta para nos assombrar de vez em quando, trazendo consigo sintomas físicos e mentais que podem tornar as coisas difíceis. Esse é um fenômeno comum em sobreviventes de guerras ou catástrofes, embora também possa ocorrer como consequência de experiências pessoais traumáticas. Em um artigo, a psicóloga Trinidad Aparicio dá algumas dicas para aprendermos a superar os traumas:

- Contar com o apoio de amigos e familiares.
- Buscar ajuda de um profissional: em determinadas ocasiões, a causa do trauma pode não estar muito clara. O principal a se fazer nesse caso é investigar para descobri-la e desenvolver uma compreensão do porquê do problema. A partir daí, torna-se mais fácil encontrar soluções.
- Superar os possíveis sentimentos de culpa: há pessoas que se sentem culpadas pelo acontecimento que causou o trauma. Elas consideram que poderiam tê-lo evitado ou que provocaram a situação. Nesses casos, deve-se antes de tudo superar esse sentimento de culpa. É preciso que fique claro que elas são as vítimas e que não fizeram absolutamente nada para que aquilo acontecesse.
- Modificar os comportamentos, o que consiste em modificar os pensamentos,

sentimentos e emoções que costumam ser suscitados pela lembrança do evento traumático.

44

O inevitável, não se lamenta. É preciso enfrentá-lo.

MUJICA ENFRENTA A INFALIBILIDADE DA MORTE com estoicismo e calma, sabendo que é algo natural e inevitável – como disse ao jornal *El Universal*, em maio de 2010:

> Quando penso que vou morrer, preparo a cama e me deito para morrer. Mas é isto que quero dizer às pessoas: o inevitável, não se lamenta. É preciso enfrentá-lo. Estamos jogando uma partida de xadrez e sabemos que vamos perder.

É que enfrentar a morte não é fácil, como descobriu o cineasta chileno Alejandro Jodorowsky, que tinha medo de morrer e teve que enfrentar a morte de seu filho. No primeiro capítulo de suas memórias em forma de romance, *El maestro y las magas*, intitulado “Intelectual, aprenda a morrer!”, ele relata como seu mestre respondeu quando ele foi procurá-lo em busca de um pouco de consolo:

> A última vez que vi o mestre Ejo Takata foi na modesta casa de um bairro nos limites superpovoados da capital mexicana. Um quarto e uma cozinha, nada mais. Eu tinha ido ali em busca de consolo, sofrendo por causa da morte do meu filho. A dor me impediu de ver as caixas de papelão que enchiam metade do quarto. O monge começou a fritar uns peixes. Eu mal sabia que receberia um sábio discurso sobre a morte:
>
> “Não se nasce, não se morre… A vida é uma ilusão… Deus dá, Deus tira, bendito seja Deus… Não pense em sua ausência. Agradeça os 24 anos durante os quais ele alegrou a sua vida… A gota divina voltou ao oceano original… Sua consciência se dissolveu na feliz eternidade…”
>
> Eu já tinha dito tudo isso para mim mesmo, mas o consolo que procurava nessas frases não acalmava meu coração. Ejo só pronunciou uma palavra – “Dói” – e, com uma reverência, serviu os peixes. Comemos em silêncio. Compreendi que a vida continuava, que devia aceitar a dor, não lutar contra ela nem buscar consolo. Quando você come, come; quando dorme, dorme; quando *dói, dói*. Para além de tudo isso, unidade da vida impessoal, nossas cinzas vão se misturar com as do mundo…

45

Se você quer chegar longe, não tenha medo de caminhar devagar. Se estiver com muita pressa, não vai chegar longe.

AS GRANDES CONQUISTAS COSTUMAM EXIGIR TEMPO e paciência, como explicou Gabriel García Márquez em um discurso em 2007 sobre a elaboração de *Cem anos de solidão*. Àquela altura, já tinha sido editado 1 milhão de exemplares do romance, um clássico da literatura moderna. Mas, como explicou o autor, tudo começou com uma única frase:

> Quando eu tinha 38 anos e já havia publicado quatro livros desde meus 20 anos, sentei-me à máquina de escrever e comecei: "Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo." Não tinha a menor ideia do significado nem da origem dessa frase, nem sabia aonde ela iria me levar. O que sei é que não parei de escrever durante 18 meses até terminar o livro. (…)
>
> Esperanza Araiza, a inesquecível Pera, era uma datilógrafa de poetas e cineastas que tinha passado a limpo grandes obras de escritores mexicanos (…). Quando propus que passasse a obra a limpo, o romance era um rascunho cheio de remendos. (…) Poucos anos depois, Pera me confessou que, quando estava levando a última versão corrigida por mim para casa, escorregou ao descer do ônibus por causa de um dilúvio, e as páginas ficaram flutuando na lama da rua. Recolheu as folhas empapadas e quase ilegíveis com a ajuda de outros passageiros e, em sua casa, secou folha por folha com um ferro de passar roupa. O que poderia dar outro livro melhor ainda seria a história de como sobrevivemos, Mercedes e eu, com nossos dois filhos, durante esse tempo em que não ganhei nenhum centavo. Nem sequer sei como Mercedes fez durante esses meses para que não faltasse comida em casa nem um dia (…).
>
> Por fim, no começo de agosto de 1966, Mercedes e eu fomos até a agência dos Correios do México para enviar a Buenos Aires a versão terminada de *Cem anos de solidão*, um pacote de 590 folhas escritas a máquina, em espaço duplo e em papel vagabundo, dirigido a Francisco Porrúa, diretor literário da editora Sudamericana.

Por causa da falta de dinheiro, o casal acabou tendo que desfazer o pacote e enviar o

romance por partes. Apesar de todas essas dificuldades, o livro foi um sucesso e a penúria terminou. Como Mujica disse em Montevidéu durante o primeiro turno da eleição presidencial: “As grandes transformações e as grandes obras andam devagar.”

46

O lixo é como a culpa: ninguém o quer no próprio bairro.

DURANTE O PRIMEIRO TURNO, MUJICA se queixava do lixo que se acumulava nos arredores de Montevidéu, como noticiava a Tevé Ciudad. Para ele, encontrar a forma de lidar com o lixo que nós mesmos geramos era uma questão de grande importância.

Esse problema também está presente na Bolívia, e o professor paraguaio José Manuel Silvero encontrou uma conexão entre o lixo e a negação moral que faz com que a limpeza das ruas esteja associada ao nível social:

> Esquecemos a imagem daqueles aborígines que, impotentes diante de uma inusitada violência física e simbólica, foram despejados de um espaço público de Assunção? A permanência desses “corpos estranhos” na Plaza Uruguaya havia despertado o zelo higienista de moradores e comerciantes da área, que enfatizaram muitas vezes o lado “imundo” daquela situação. O ideal desinfetado triunfou. Preferimos o ar refinado da distante e calcificada Europa aos tufos próximos de nossos “fedidos guaranis”. Se blindarmos nosso entorno por temor à sujeira dos aborígines, imaginem o que fariam eles se temessem nossos atos de “homens civilizados”. Ali onde colocamos a merda aterrissam os preconceitos revestidos de repugnância e asco moral. O abjeto coloca os “afastados” no lugar do esquecimento, agindo contra e enforcando diariamente a ideia central de uma comunidade política que gosta de ser chamada de “Estado Social de Direito”. Segundo Canseco, podemos dizer que, desde que o mundo é mundo, a merda serviu para nos distinguir dos outros, para traçar a linha que deveria separar os que definiam a ordem e se conformavam a ela, para estabelecer os limites entre o conveniente e o inconveniente, entre o civilizado e o bárbaro. Por isso, a história da merda é a história das relações humanas tanto em nível regional quanto nacional.
>
> Rodolfo Kusch sustenta que a vigilância desmesurada de nossa roupagem acadêmica nos faz sentir impecáveis, mas não percebemos que, quando deixamos essa aura, nos encontramos com a vida, e encontrar-se com a vida é se encontrar com o fedor, com tudo isso que nós rejeitamos.

47

Não se diminuam, companheiros, amem-se muito… – mas não tanto a ponto de perdoarem as próprias cagadas.

DESSA MANEIRA MUJICA ALENTOU os trabalhadores que geriam uma fábrica em um mercado competitivo, pautado pelos custos e pela falta de piedade.

Errar é humano, e aceitar as falhas cometidas e buscar soluções também é.

Reconhecer os erros não é fácil, especialmente quando precisamos dar explicações para um grande número de pessoas – como pode acontecer com políticos e empresários. No entanto, aceitar as falhas cometidas não só é bom para a saúde mental e física como é algo inerente ao ser humano. Um estudo realizado por pesquisadoras do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e publicado em 2011 assegura que os bebês, a partir dos 16 meses, já têm consciência de seus erros. A diretora da pesquisa, Laura Schulz, estudou as reações de um grupo de bebês de 16 meses diante de brinquedos que não funcionavam.

Disso se deduz que todos nós, desde pequenos, somos capazes de detectar as falhas e identificar a causa pela qual as coisas não funcionam ou não saem como deveriam. Além disso, como a resposta da criança mudava à medida que o experimento evoluía, também era possível perceber que os bebês são capazes de analisar os obstáculos a cada momento, para agir de acordo com eles.

Nota-se, portanto, que o ser humano tem a habilidade de reconhecer os erros desde a infância. Se, por exemplo, tenta-se ligar um aparelho e este não funciona, a reação automática é detectar as possíveis falhas cometidas, como verificar se ele está conectado à tomada.

Portanto, a capacidade de detectar e reconhecer os erros está fortemente circunscrita à natureza humana, e somente os sentimentos fazem com que esse reconhecimento não seja verbalizado. No entanto, o estudo ainda mostrou outro resultado, que pode ser retomado na etapa adulta para superar as “cagadas”: depois de observar suas reações, as pesquisadoras observaram que os bebês, ao perceberem os erros, sempre decidem pedir ajuda ou tentar outra vez.

48

A política está sujeita a voar como as perdizes, curtinho e rápido. Mas estamos precisando de uma política de longo fôlego nesse mundo que se globaliza.

NUMA ENTREVISTA EM JANEIRO DE 2013 para a rede RT, Mujica lamentou não ter podido realizar pactos nacionais entre todas as forças do Uruguai.

No entanto, ele não foi o único que passou por dificuldades na hora de transformar seus objetivos em realidade.

Franklin D. Roosevelt chegou à Presidência dos Estados Unidos durante a Grande Depressão, em 1933. Naquela época, os Estados Unidos passavam por uma grave crise:

- A taxa de desemprego no país era de 25%.
- As cidades estavam repletas de gente faminta e sem-teto.
- Os bancos eram invadidos por pessoas que queriam retirar seu dinheiro, com medo de que ele desaparecesse.
- A nação estava à beira do caos social.

No entanto, Roosevelt não se deixou vencer pelo medo e elaborou seu plano de ação. No primeiro dia de governo, em seu discurso de posse, o presidente assegurou que a situação melhoraria e que “a única coisa que devemos temer é o próprio medo”.

Já no segundo dia, socorreu os bancos da nação, que se encontravam encurralados pelos correntistas que reivindicavam seu dinheiro com medo de não poderem retirá-lo imediatamente, antes que perdessem tudo. Poucos dias depois, foi decretado um feriado bancário, para que os bancos pudessem fechar por pouco tempo. Depois, só os bancos solventes poderiam reabrir.

Nos primeiros cem dias de governo, entrou em vigor o New Deal, um plano de resgate no qual seriam usadas verbas federais na luta contra a pobreza e o desemprego. Apoiado por seu povo, que via nele a solução para a crise, Roosevelt continuou se esforçando para tirar seu país das dificuldades durante todo o mandato.

Ele, que foi o primeiro presidente da história a ser eleito quatro vezes, é considerado desde então um dos três melhores presidentes dos Estados Unidos, ao lado de Washington e Lincoln.

49

É possível arrancar pela raiz toda a indigência do planeta. É possível criar estabilidade e será possível para as gerações vindouras – se conseguirem começar a raciocinar como espécie e não apenas como indivíduo – levar a vida para a galáxia e seguir com esse sonho conquistador que nós, seres humanos, carregamos em nossa genética.

PARA MUJICA, UMA DAS NECESSIDADES BÁSICAS para melhorar as perspectivas do futuro é pensar como espécie. É fundamental lutar contra a desigualdade e a pobreza, como ficou claro em seu discurso na sede da ONU em setembro de 2013.

Em uma convenção das Nações Unidas contra a corrupção realizada em Viena em 2003, um porta-voz dessa mesma organização declarou que era preciso, entre outras coisas, promover a participação cidadã na luta contra a corrupção, que deveria ser reforçada com as seguintes medidas:

- Aumento da transparência e da promoção da contribuição da cidadania nos processos de tomada de decisões.
- Garantia do acesso eficaz do público à informação.
- Realização de atividades de informação pública para fomentar a intolerância à corrupção, assim como de programas de educação pública.
- Respeito, promoção e proteção da liberdade de buscar, receber, publicar e difundir informação relativa à corrupção. Essa liberdade estará sujeita a certas restrições expressamente fixadas por lei e necessárias para garantir o respeito aos direitos e à reputação de terceiros e para proteger a segurança nacional, a ordem pública, a saúde e a moral públicas.

Naquele mesmo ano, o então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, declarou:

Se esse novo instrumento for bem aplicado, pode melhorar muito a qualidade de vida de

milhões de pessoas em todo o mundo. Ao eliminar um dos principais obstáculos ao desenvolvimento, isso pode nos ajudar a cumprir os objetivos de desenvolvimento do milênio (…). É um grande desafio, mas acho que juntos podemos fazer muito.

50

A burocracia se mostrou pior que a burguesia, porque pelo menos a burguesia tem um impulso criador – mesmo que seja para comer o seu fígado. A burocracia vive só do que os outros já criaram.

NÓS, SERES HUMANOS, SOMOS FRUTO DA NATUREZA – o que é comprovado por muitos dos nossos comportamentos. A aversão de Mujica aos burocratas fica bem clara na entrevista para o programa *Presidentes de Latinoamérica*, da emissora argentina Canal 7.

No mundo natural, podemos traçar um paralelo entre os vínculos sociais e as relações entre os organismos. Chamada de simbiose, a relação duradoura entre organismos de diferentes espécies foi definida pelo botânico Anton de Bary em 1879.

Segundo Anton, há três tipos de relação simbiótica, determinados em função dos custos e benefícios resultantes para cada uma das espécies:

- Mutualismo: Nesse padrão de relação simbiótica, as duas espécies envolvidas contribuem e são beneficiadas igualmente. Ambas saem ganhando com a união de suas forças. Um exemplo de simbiose mutualista são as aves que se alimentam do pólen das plantas, que, por sua vez, precisam das aves para o processo de polinização.
- Comensalismo: Nesse caso, enquanto uma das espécies sai beneficiada, a outra não obtém vantagens nem desvantagens. Um exemplo de comensais são as rêmoras, que se agarram a espécies maiores para serem transportadas.
- Parasitismo: Aqui, uma das espécies depende da outra e lhe provoca danos para obter os benefícios que procura. Há muitos exemplos de parasitas, como as sanguessugas e os mosquitos.

No âmbito sociológico, sem dúvida, a relação mais adequada em todos os casos seria a mutualista, como já demonstram todas as organizações e entidades que trabalham juntas, potencializando o comportamento solidário e coletivo e se beneficiando dos recursos e da ajuda que recebem de terceiros.

51

Quando você vai comprar algo, não está comprando com dinheiro. Está comprando com o tempo de sua vida que precisou gastar para ganhar esse dinheiro. Você compra um negócio qualquer e está pagando com a sua vida. É preciso ser mais avarento, é preciso cuidar da vida.

NÃO COSTUMAMOS PARAR PARA PENSAR quantas horas de trabalho gastamos para comprar itens que adquirimos em poucos instantes, mas, se fizéssemos isso, na maioria das vezes sairíamos das lojas de mãos vazias.

O australiano Denis Wright, que lutava contra uma doença terminal, chegou ao 66º aniversário sabendo que seria o último. Desde 2009, quando foi diagnosticado com câncer cerebral, ele foi superando as expectativas de vida que os médicos estabeleciam. Durante esse tempo, Denis pôde meditar muito sobre a existência e, em 2013, decidiu publicar uma série de conselhos para aproveitar melhor a vida, que a rede RT divulgou em espanhol:

- Não perca sua vida em um trabalho que odeia. A vida é curta demais para você só vivê-la à noite e nos fins de semana.
- Se em sua vida acontece algo ruim, que você não pode evitar, tente se adaptar. Dar com a cabeça na parede é inútil.
- Se você acha que pode mudar algo, tente, faça todo o possível para conseguir. Procure entender o problema, e irá perceber que tudo pode ser resolvido.
- Não existem decisões “boas” e “más”. Se você fez algo que acredita que está errado, tire uma lição disso e tente fazer melhor da próxima vez. Você não pode prever as voltas que o mundo vai dar. Sentar-se para chorar e se lamentar é perda de tempo.
- Não se arrependa do passado, não é possível mudá-lo. Viva o presente.
- Peça perdão às pessoas a quem você acha que pode ter feito algum mal. Você não é perfeito. Não tente parecer que é.
- Esteja aberto a diferentes ideias. Não descarte outras possibilidades.
- Tente nunca perder o senso de humor, embora nem sempre isso seja possível.
- *Carpe diem*. Em outras palavras: aproveite o momento!
- Não tenha medo da morte. Assim você não terá medo de nada com que vai se deparar

durante a vida.

52

Não acho que o socialismo possa ser criado a partir de sociedades analfabetas e pobres. Temos que começar a ficar cansados das besteiras do capitalismo.

O CAPITALISMO DE QUE MUJICA FALOU na entrevista para o programa *Presidentes de Latinoamérica*, do Canal 7 argentino, afetou negativamente muitos países. Foi o que aconteceu, por exemplo, depois da Grande Depressão norte-americana, que teve repercussões negativas para a América Latina.

No entanto, é preciso compreender o que é exatamente o capitalismo para podermos repensá-lo. Segundo diversos pontos de vista, por capitalismo podemos entender:

- O *regime* econômico no qual a titularidade dos meios de produção é privada, entendendo-se por isso sua construção sobre um regime de bens de capital industrial baseado na propriedade privada.
- A *estrutura* econômica de acordo com a qual os meios de produção trabalham principalmente em função do lucro e na qual os interesses são racionalizados pelas empresas em função do investimento de capital com vistas à consequente concorrência pelos mercados de consumo e trabalho assalariado.
- A *ordem* econômica na qual predomina o capital sobre o trabalho como elemento de produção e criação de riqueza.
- O *sistema* econômico no qual as relações sociais de produção e a origem da hierarquia são estabelecidas a partir da titularidade privada e exclusiva dos acionistas de uma empresa em função da participação em sua criação como primeiros proprietários do capital. Assim a propriedade e o usufruto ficam nas mãos daqueles que adquiriram ou criaram o capital, sendo do interesse destes sua melhor utilização, seu cuidado e sua acumulação.

53

Quando estive na prisão, descobri que o meu maior inimigo e o meu maior amigo estavam dentro de mim.

COM FREQUÊNCIA MUJICA FALA SOBRE O TEMPO que passou na prisão e como conseguiu enfrentá-la.

Talvez Fidel Castro tenha vivido uma situação parecida quando, durante os julgamentos pela revolução contra a ditadura de Batista, assegurou que seu lugar era na prisão com seus irmãos de luta.

Formado em Direito Civil, Fidel assumiu sua própria defesa e redigiu uma declaração final, chamada "A história me absolverá", que foi convertida em um documento reeditado muitas vezes e traduzido para diversos idiomas. Na declaração, além de mencionar os motivos da causa revolucionária e fazer a denúncia dos abusos cometidos contra os militantes, ele reflete sobre a dualidade de sentimentos em relação à sua intenção de seguir o caminho de seus companheiros e o temor pelo que o tempo na prisão poderia ocasionar:

> Termino minha defesa, mas não como todos os advogados fazem sempre, pedindo a liberdade do acusado. Não posso pedi-la enquanto meus companheiros sofrem na deplorável prisão da ilha de Pinos. Mandem-me para perto deles a fim de compartilhar a sua sorte. É inconcebível que os homens de valor estejam mortos ou presos numa República em que o presidente é um criminoso e um ladrão.
>
> Aos senhores juízes, minha sincera gratidão por terem permitido que eu falasse livremente, sem coações mesquinhas. Não guardo rancor de vocês. Reconheço que em alguns aspectos foram humanos e sei que o presidente deste tribunal, homem honrado, não pode dissimular sua repugnância pelo estado de coisas reinante, que o faz ditar uma sentença injusta. (…)
>
> Quanto a mim, sei que a prisão será dura como nunca foi para ninguém, repleta de ameaças, de provocações covardes e vis. Mas não temo isso, como não temo a fúria do tirano desprezível que extinguiu a vida de setenta irmãos meus. Condenem-me, não importa, a história me absolverá.

54

O programa de Lula de três refeições por dia não é muito revolucionário… para quem nunca passou fome. Para quem passou fome, é uma mudança fenomenal.

A POLÍTICA DE LULA, COMO ASSEGUROU MUJICA no programa *Presidentes de Latinoamérica*, do Canal 7 argentino, talvez não tenha se destacado por sua inovação, mas serviu para diminuir a fome dos cidadãos do país e ajudou a transformar o Brasil no que é agora: uma das maiores potências econômicas do mundo.

Lula, que começou sua trajetória como operário e sindicalista, chegou à Presidência do Brasil em janeiro de 2003. Filho de uma família modesta, um de seus principais objetivos era tirar da pobreza a maior quantidade possível de pessoas.

Tal como foi afirmado na publicação *Semana*, em agosto de 2011, Lula tomou diversas decisões que, apesar de arriscadas, foram bem-sucedidas:

- Conseguiu um aumento real do salário-mínimo da ordem de 53% num período de oito anos. Como assegurou Lula: "Quando comecei meu governo, 10% da população mais rica ficavam com metade do dinheiro do país e deixavam os mais pobres com apenas 10%."
- Criou contas bancárias ativas para a população mais desfavorecida. Posteriormente, essas pessoas testemunharam o aumento de seus salários e, segundo Lula, ajudaram o país a superar a crise de 2008.
- Eliminou a figura do intermediário na gestão e na entrega do dinheiro público. Dessa forma, não se perdia dinheiro do Estado nem dos cidadãos na transação.
- Com as políticas contra a fome, conseguiu reduzir as taxas de desnutrição em 73% e a mortalidade infantil em 45%.

"Eu conheci o pão pela primeira vez com 7 anos de idade. Até essa idade, o café que eu tomava de manhã era acompanhado com farinha de mandioca. Sei o que é o desespero de uma mãe em frente de um fogão sem gás e sem os bens mais elementares para fazer uma refeição para os seus filhos", lembrou Lula, disposto a impedir que as crianças de seu país passassem por esse tipo de dificuldade.

No geral, durante seu mandato, o ex-presidente do Brasil tirou milhões de brasileiros da pobreza e pagou integralmente ao Fundo Monetário Internacional o empréstimo que o país

havia tomado anteriormente, quitando a dívida externa.

55

A vida de parasita não é digna, mas também não se pode viver só para trabalhar. É simples assim. Porque o mais glorioso que temos é a vida.

COMO DISSE MUJICA PARA A REDE RT em janeiro de 2013, é preciso valorizar a vida pelo que ela vale e desfrutá-la enquanto ainda podemos. Devemos aproveitar a juventude, como diz o poema *A hora*, da poeta uruguaia Juana de Ibarbourou:

Tome-me agora que ainda é cedo
e que levo dálias frescas na mão.
Tome-me agora que ainda é sombria
esta taciturna cabeleira minha.
Agora que tenho a carne cheirosa
e os olhos limpos e a pele de rosa.
Agora que calça minha planta leve
a sandália viva da primavera.
Agora que meus lábios replicam a risada
como um sino sacudido às pressas.
Depois… ah, eu sei
que nada disso mais tarde terei!
Que então inútil será teu desejo,
como oferenda posta sobre um mausoléu.
Tome-me agora que ainda é cedo
e que tenho rica de nardos a mão!
Hoje, e não mais tarde. Antes que anoiteça
e se torne murcha a coroa fresca.
Hoje, e não amanhã. Oh, amante! Não vê
que a trepadeira crescerá cipreste?

Juana de Ibarbourou, que soube combinar uma vida plena com o trabalho duro, recebeu em 1929 o título honorífico de “Juana da América”. Em 1979, foi a primeira mulher uruguaia a ser enterrada com honras de ministro de Estado e a motivar um decreto de luto nacional.

56

Não me pediu nada porque tem a inteligência de não pedir o que não vão lhe dar.

Assim falou Mujica sobre Barack Obama, em uma conferência depois de seu encontro com o presidente norte-americano no começo de 2014. Nessa ocasião, eles discutiram a possibilidade de os presos de Guantánamo receberem abrigo no Uruguai.

Segundo o economista Peter Schiff, até os próprios norte-americanos percebem como dependem dos outros países. Experiente corretor da Bolsa, comentarista econômico e dono da Euro Pacific Capital, ele falou para a rede RT em setembro de 2014:

> De certo modo, somos como parasitas da economia mundial: nos alimentamos do resto do mundo e precisamos manter a ilusão de que o mundo depende dos Estados Unidos – e não o contrário. Naturalmente, a longo prazo acho que esta relação trará muito mais prejuízos aos Estados Unidos do que à economia global, porque com o tempo o mundo vai perceber o que estamos fazendo e não vai continuar nos apoiando.
>
> Acho que os Estados Unidos são o país mais dependente de todo o planeta. Dependemos do resto do mundo como nenhum outro. Não temos mais capacidade para produzir os bens de consumo de que precisamos e contamos com as outras nações para preencher esse vazio, para que nos enviem todos os bens que produzem a troco de nada, porque não exportamos o suficiente para pagar nossas importações. Estamos confiantes em que o mundo vai nos emprestar o dinheiro para comprar os produtos que os outros produzem.
>
> Na verdade, os problemas são muito maiores do que antes por causa do que fez o Banco Central, que interveio e evitou que o mercado resolvesse os problemas criados ao longo dos anos de má política monetária. Como resultado, os problemas estão maiores e a crise será pior que nunca.

E, sobre a relação econômica de outros países com os Estados Unidos, ele prevê:

> Compram o dólar como um refúgio seguro, ignorando o fato de que os problemas nos Estados Unidos são, na verdade, mais graves que nos países que compram dólares usando a própria moeda. Assim nos beneficiamos dos problemas do mundo inteiro.

Bibliografia

PARTE I: Uma vida com sentido

Blixen, Samuel. *El Sueño del Pepe – José Mujica y el Uruguay del futuro*. Montevidéu: Ediciones Trilce, 2009.

Brum, Pablo. *The Robin Hood Guerrillas: The Epic Journey of Uruguay's Tupamaros*. Createspace Independent Publishing Platform, 2014.

Campodónico, Miguel Ángel. *Mujica*. Montevidéu: Fin de Siglo, 1999.

Carrato, Victor. *Mujica, la Visión y el Camino*. Montevidéu: La Republica, 2009.

Caula, Nelson; e Silva, Alberto. *Ana, la Guerrillera – Una Historia de Lucía Topolansky*. Montevidéu: Ediciones B, 2011.

Di Candia, César; Tulbovitz, Ernesto; Danza, Andrés, et al. *Mujica en Búsqueda – Trece Años en 21 Reportajes*. Montevidéu: Fin de Siglo, 2009.

Domínguez, María Noel. *José Mujica: La Realidad, la Angustia, la Esperanza*. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 2005.

Fernández Huidobro, Eleuterio. *Historia de los Tupamaros: El MLN*. Montevidéu: TAE, Tupac Amaru Editores, 1987.

Fernández, Nelson. *Quién es quién en el Gobierno de Mujica*. Montevidéu: Fin de Siglo, 2011.

García, Alfredo. *Pepe: Coloquios*. Montevidéu: Fin de Siglo, 2009.

Gilio, Maria Esther. *Pepe Mujica: De Tupamaro a Presidente*. Buenos Aires: Capital Intelectual S.A.: 2005.

Israel, Sergio. *Pepe Mujica: El Presidente*. Montevidéu: Planeta, 2014.

Izquierdo, Marcelo. *Lecciones de un Tupamaro*. Revista *Proceso*, 2005.

Labrousse, Alain. *Una Historia de los Tupamaros: de Sendic a Mujica*. Montevidéu: Fin de Siglo, 2009.

Lucas, Kintto. *Tal cual Es: el Camino de José Mujica a la Presidencia*. Abya Yala, 2012.

Mazzeo, Mario. *Charlando con Pepe Mujica: con los Pies en la Tierra…* Montevidéu: Ediciones Trilce, 2002.

Mujica, José; Arocena, Rodrigo; Mazzeo, Mario. *Cuando la Izquierda Gobierne*. Montevidéu: Ediciones Trilce, 2003.

Mujica, José. *José Mujica a los Intelectuales*. Montevidéu: Ministerio de Coordinación de la Política, 2010.

Pernas, Walter. *Comandante Facundo: El Revolucionario Pepe Mujica*. Montevidéu: Santillana, 2013.

Rodiger, Ruben Darío. *Mujica Recargado*. Montevidéu: Aguilar, 2007.

Site da Presidência da República Oriental do Uruguai, http://www.presidencia.gub.uy, acessado em setembro de 2014.

- Cerimônia de posse do presidente José Mujica. Praça Independência, 1º de março de 2010.
- Conferência das Nações Unidas pelo Desenvolvimento Sustentável, 20 de junho de 2012.
- Discurso de transmissão do cargo presidencial, Praça Independência, 1º de março de 2010.
- Intervenção do Sr. José Mujica, presidente da República Oriental do Uruguai, 68º Período de Sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas. Nova York, 24 de setembro de 2013.
- Discurso pronunciado por José Mujica na cúpula Rio+20, 20 de junho de 2012.

Entrevistas em diferentes meios de comunicação:

- Diálogos sem gravata. Banco Mundial, 26/05/2014.
- Entrevista à revista *Carta Maior*, 2006.
- Entrevista ao jornal *El Universal*, 13/05/2010.
- Entrevista ao jornal *El País*, Uruguai, 27/08/2010.
- Entrevista ao jornal *El Mundo*, Venezuela, 16/05/2012.
- Discurso na Cepal, jornal *El País*, Montevidéu, 12/03/2014.
- Entrevista ao programa *Presidentes de Latinoamérica*, Canal 7, Argentina.
- Entrevista ao jornal *El País*, Espanha, 24/03/2014.
- Entrevista ao jornal *El Mercurio*, Chile, 05/01/2014.
- Entrevista ao canal CNN, abril de 2012.
- Entrevista ao programa *Bajada de Línea*, Canal 9, Argentina, 12/08/2012.
- Reportagem na Televisión Espanhola, 01/06/2013.
- Entrevista ao canal cubano RT, 01/02/2013.
- Reportagem no *El Periódico*, Espanha, 01/12/2013.
- Conferência no Senado de Santiago do Chile, março de 2014.
- Entrevista ao canal CNN2 em espanhol, 13/12/2013.
- Entrevista ao programa *Salvador*, Canal La Sexta, Espanha, 18/05/2014.
- Discurso do 26 de Julho em Santiago de Cuba, 2013.
- Audição M24, Montevidéu.
- Entrevista à revista *Brecha*, 1994.
- Primeiro turno. Tevé Ciudad. Montevidéu.

PARTE II: Servindo de inspiração

Castro, Fidel, *A história me absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
Delors, Jacques (org.). *La Educación Encierra un Tesoro*. Paris: Ediciones Unesco, 1996.
García Márquez, Gabriel. “Un Manual para ser Niño”. Biblioteca Virtual Universal, 2003.
Garrido, Ángeles Arjona; Olmos, Francisco Checa; Olmos, Juan Carlos Checa (orgs.).

Inmigración y Derechos Humanos: la Integración como Participación Social. Barcelona: Icaria Editorial, 2004.
Jodorowsky, Alejandro. *El Maestro y las Magas*. Madri: Ediciones Siruela, 2009.
Sêneca. *Sobre a brevidade da vida*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.

Artigos:
Aparicio, Trinidad. "Cómo Superar un Trauma del Pasado". Site Puleva Salud, 2008.
Carrasco, A. "Canarias recibió 62.555 inmigrantes en patera desde 2005, el 60% del total". El Día.es, junho de 2014.
Cruz, Juan. "Mario Vargas Llosa: 'Yo no Soy un Reaccionario'". *El País*, 25 de junho de 1989.
Galeano, Eduardo. "Los Caminos del Viento". Revista *La Jornada*, México, setembro de 2010.
García, Jose Antonio. "La Preocupación Patológica y su Tratamiento". Disponível em Psicoterapeutas.com.
García, Miguel Ángel. "El Tiempo Libre en Condiciones de Flexibilidad del Trabajo: Caso Tetla Tlaxcala". Revista digital efdeportes.com, 2002.
Guibert, Susan. "Study: Telling Fewer Lies Linked to Better Health and Relationships". *Notre Dame News*, agosto de 2012.
Hamzeliu, Jessica. "Infants Take a Rational Response to 'Broken' Toys". Revista *Newscientist*, 2011.
Lavoie, Amy. "Neuroimaging Suggests Truthfulness Requires no Act of Will for Honest People". *Harvard Gazette*, 2009.
Maillard, C. "La Soledad: Comprenderla y Ponerle Fin". Site Doctíssimo, 2010.
Méndez, Pablo Manuel. "El País de los Políticos Austeros". Site Sesión de Control, janeiro de 2013.
Pardo, José Luís. "Uruguay Rompe un Tabú en la Lucha contra el Tráfico de Drogas". *El País*, agosto de 2013.
Paredes, Ricardo Iván. "El Término 'sudaca' y sus Mutaciones: Apócope, Insulto y Reivindicación". Revista *Pliego Suelto*, janeiro de 2014.
Pieters, Rik. "Bidirectional Dynamics of Materialism and Loneliness: Not Just a Vicious Cycle". *Journal of Consumer Research*, dezembro de 2013.
Portalatín, Beatriz. "¿Es Razonable Decir siempre la Verdad?", jornal digital *El Mundo*, Madri, 2012.
Redação. "Así Sacó el Gobierno de Lula da Silva a 28 millones de Brasileros de la Pobreza". *Semana*, agosto de 2006.
Redação. "Experto: EE.UU. se Comporta como 'un Parásito' de la Economía Mundial". Site RT, setembro de 2014.
Redação. "Un Enfermo Terminal Da 10 Consejos para Aprovechar la Vida". Site RT, junho de 2013.
Sábato, Ernesto. "Lo Peor es el Vértigo". Revista *El Cultural*, novembro de 2014.
Silvero, Jose Manuel. "Pensar la Mierda: Suciedad Material y Suciedad Simbólica".

Suciedad, Cuerpo y Civilización. Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2014.
T.I. "Honduras y El Salvador: La 'Guerra del Fútbol' y la Isla Conejo". Site Te Interesa, 2014.
Villoro, Juan. "'Yo Sé Leer': Vida y Muerte en Guerrero". *El País*, 30 de outubro de 2014.

Outros:

- The Community Toolbox do Grupo de Trabalho para a Saúde e o Desenvolvimento da Universidade do Kansas.
- Carta de José Mujica a Hugo Chávez, site da Presidência da República Oriental do Uruguai, 2012.
- Relatório da Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção, site do Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime, 2004.
- Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, site da Unesco, 2005.
- Relatório da 5ª Pesquisa Nacional em Lares sobre o Consumo de Drogas, Observatório Uruguaio de Drogas, maio de 2011.
- Relatório Final da Rio+20, site das Nações Unidas, junho de 2012.
- Lei nº 17.234 sobre Proteção Ambiental, do site do Parlamento da República Oriental do Uruguai.
- Princípios do Pacto, site do Pacto Global da ONU.
- Princípios de Ação Coletiva, Programa para a Ação Coletiva e Direitos de Propriedade.
- Site oficial da Cátedra Che Guevara.
- Site Ciudad Seva.
- Site Bienestar 180.
- Site Fútbol Sapiens.
- Blog Relaciones Internacionales.
- Site da Feira Iberoamericana de Artes (FiaCaracas).

[1] Os nove reféns foram Mauricio Rosencof (escritor, atual diretor da divisão de Cultura da Prefeitura de Montevidéu), Eleuterio Fernández Huidobro (hoje senador), Raúl Sendic (líder dos tupamaros, morreu em Paris em 1989), Henry Engler (especialista em neurociência e candidato ao Nobel de Medicina), Adolfo Wassen (morto por um câncer na coluna meses antes de ser libertado), Jorge Zabalza (hoje afastado do Movimento), Jorge Manera (também afastado), Julio Marenales e José Mujica.

Sobre os autores

Allan Percy é especialista em coaching e em literatura de autoajuda e desenvolvimento pessoal. Presta consultoria a várias editoras espanholas e viaja pelo mundo em busca de inspiração para seus livros. É autor de *Nietzsche para estressados, Oscar Wilde para inquietos, Kafka para sobrecarregados, Hermann Hesse para desorientados, Shakespeare para apaixonados, Tudo é possível, As vantagens de ser otimista* e *Pensar com os pés*, publicados pela Editora Sextante.

Leonardo Díaz, nascido em Mendoza, na Argentina, tem doutorado em ciência política e administração. Professor da Universidade Autônoma de Barcelona, no departamento de ciência política e direito público, é pesquisador e autor de vários estudos sobre participação cidadã e boas práticas na administração pública.